

MEMORIAS
DE UM CAVALCANTI

0221

BRASILIANA

5.^a Série da

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo

Volumes publicados :

ENSAIOS

- 1 — BATTISTA PEREIRA: **Figuras do Império e outros ensaios** -- 2.^a edição.
- 6 — BATTISTA PEREIRA: **Vultos e episódios do Brasil** — 2.^a edição.
- 26 — ALBERTO RANGEL: **Rumos e Perspectivas**.
- 41 — JOSÉ-MARIA BELO: **A inteligência do Brasil** — 3.^a edição.
- 43 — A. SABOIA LIMA: **Alberto Torres e sua obra**.
- 56 — CHARLES EXPILLY: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalba.
- 70 — AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO: **Conceito de Civilização Brasileira**.
- 82 — C. DE MELO-LEITÃO: **O Brasil Visto Pelos Ingleses**.
- 105 — A. C. TAVARES BASTOS: **A Província** — 2.^a edição.
- 116 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: **Estudos Piauienses** — Edição ilustrada.
- 150 — ROY NASH: **A Conquista do Brasil** -- Tradução de Moseir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.
- 151 — A. C. TAVARES BASTOS: **Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro** — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
- 190 — E. ROQUETTE-PINTO: **Ensaio Brasileiro** — Edição ilustrada.

CARTAS

- 12 — WANDERLEY PINHO: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe** — Ed. ilustrada.
- 38 — RUI BARBOSA: **Mocidade e Exílio** (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — 2.^a Edição — Vol. ilustrado.

- 61 — CONDE D'EU: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por MAI Fleuiss) — Edição ilustrada.
- 109 — GEORGES RAEDERS: **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (Correspondências inéditas).
- 142 — FRANCISCO VENÂNCIO FILHO: **Euclides da Cunha e seus Amigos** — Edição ilustrada.
- 194 — SERAFIM LEITE, S. I. — **Novas Cartas Jesuíticas** (De Nóbrega a Vieira).

MEMORIAS

- 196 — FELIX CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE MELLO: **Memórias de um Cavaleiro 1821-1901**. Introdução de Gilberto Freyre — Edição ilustrada.

FOLCLORE

- 57 — FLAUSINO RODRIGUES VALO: **Elementos do Folclore Musical Brasileiro**.
- 103 — SOUSA CARNEIRO: **Mitos Africanos no Brasil** — Edição ilustrada.

FILOLOGIA

- 25 — MÁRIO MARHOQUIM: **A Língua do Nordeste**.
- 46 — RENATO MENDONÇA: **A influência africana no português do Brasil** — Ed. ilustrada.
- 164 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA: **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil** — 4.^a edição da "Onomástica Geral de Geografia Brasileira".
- 178 — ARTUR NEIVA: **Estudos da Língua Nacional**.
- 179 — EDGARD SANCHES: **Língua Brasileira** — 1.^o Tomo.

★

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação. Ao leitor que o solicitar será enviado o catalogo completo das obras da "Brasiliana", em que figuram estudos brasileiros sobre outros assuntos.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 639 — SÃO PAULO

Série 5.^a

BRASILIANA
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Vol. 196

Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello

★

MEMORIAS DE UM CAVALCANTI

*Trechos do livro de assentos de Felix Cavalcanti
de Albuquerque Mello (1821/1901) escolhidos e
anotados pelo seu bisneto*

DIOGO DE MELLO MENEZES

Introdução de

GILBERTO FREYRE

★

EDIÇÃO ILLUSTRADA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - RECIFE - PÔRTO-ALEGRE

1940

Prefacio

As “memorias” de Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello, meu bisavô por parte de mãe (que apparecem agora com longa e suggestiva *Introducção* escripta pelo meu primo Gilberto de Mello Freyre), ha muito que viviam escondidas em casa dos seus descendentes mais proximos.

Tão escondidas que somente ha poucos annos vim a saber da sua existencia. E quem m’a revelou foi Yáyá ou Dinda Yáyá (Maria Cavalcanti de Albuquerque), minha tia-avó e o ultimo filho vivo do velho Felix.

Dinda Yáyá sempre me quiz um grande bem : quando eu era pequeno me contava historias da carochinha e dos santos, sobretudo as de Santo Antonio.

Das historias da carochinha e dos santos, passei a ouvir della historias de verdade, coisas da historia de Pernambuco e da Guerra do Paraguay, a historia intima do Recife, reminiscencias de Papai-outro — como era chamado o velho Felix na intimidade da familia, da qual se tornara o decano.

Infelizmente as memorias que agora publico, de accordo com Dinda Yáyá, são incompletas, como lamenta Gilberto Freyre na *Introducção*. Mas não por culpa de Papai-outro, que — lembra sua filha ainda viva — fez apontamentos sobre muita coisa em cadernos menores que se extraviaram depois de sua mor-

te. Possivelmente por ocasião de alguma mudança, pois mudar de casa — actividade tão do gosto de Felix Cavalcanti (como salienta ainda Gilberto Freyre) e tão característica de sua época — continuou por longo tempo uma especialização da família.

Ainda um esclarecimento : quanto á solução de continuidade que se nota na numeração que Papai-outro fazia de todos os seus filhos, netos, bisnetos e sobrinhos : numeração na ordem do nascimento. Por exemplo : “Nasceu Joaquim 1.º filho de minha mana Maria”, etc. Essas supressões são de factos referentes a pessoas vivas : principalmente datas de nascimento . . .

Outras omissões foram feitas no interesse da clareza e fluencia da narrativa. E a orthographia foi uniformizada. Alguns commentarios demasiado longos e sem interesse foram resumidos. E algumas notas do velho caderno foram rectificadas de accordo com outras, mais recentes, do proprio punho de Felix Cavalcanti.

Gilberto Freyre destaca o interesse das memorias de Felix Cavalcanti para os estudiosos da historia social do Brasil do seculo passado. Este é o motivo principal para a publicação do livro. O outro é a homenagem que fazemos, eu e elle, á memoria de Papai-outro e á pessoa querida de Dinda Yáyá.

DIOGO DE MELLO MENEZES

Recife, 1939.

Introduccção

Desde pequeno me habituei ao nome de *Papai-outro*, citado tantas vezes nas conversas de familia. Papai-outro contava isso da cheia de 56 ; Papai-outro contava aquillo do mata-mata-marinheiro ; Papai-outro tinha visto um muleque cahir do alto da torre da Igreja do Carmo sobre a praça cheia de gente, esmagando duas velhas ; Papai-outro sabia de cór livros inteiros, poesias que ouvira recitar uma só vez.

Um dia quiz conhecer o extraordinario Papai-outro ; soube que tinha morrido ha annos e que se chamara Felix. Continuei a ouvir historias do velho desconhecido que minha meninice imaginava de barba mais branca que a de qualquer dos meus tios avós e de unhas mais compridas do que as da minha tia-avó Sinhá, sua filha Lisbella.

Só ha cinco ou seis annos aquella figura vaga de parente velho se avivou diante de mim : li então, junto com outros papeis velhos da familia, seu “Livro de assentos” — um vasto caderno guardado com carinho por sua filha Maria Cavalcanti de Albuquerque Mello (Yáyá).

E’ esse caderno que o bisneto do velho Felix e meu primo Diogo de Mello Menezes vae publicar agora, tendo escolhido, para essa publicação, os trechos mais caracteristicos, conservado o registro dos factos miu-

dos mais typicos e omittido somente transcripções e repetições sem interesse, ou notas ainda hoje indiscretas. Nesse trabalho de selecção e revisão do caderno do pachorrento memorialista da familia, Diogo Menezes tomou ainda a liberdade de uniformizar a orthographia pela adoptada por Felix Cavalcanti nos seus ultimos annos ; e a de omittir ou resumir commentarios.

O caderno — que é quasi um diario — traz a historia exacta do tal negro que cahiu da torre do Carmo, esmagou as duas mulheres e dias depois foi visto passeando nas ruas do Recife : de todas as historias ligadas ao nome de Papai-outro a que mais me maravilhou na meninice. Traz a historia, ainda mais extraordinaria, da barcaça que ia naufragando no mar furioso da costa das Alagôas com a irmã e os sobrinhos pequenos de Papai-outro, quando de repente o mar serenou como por milagre e a barcaça, vencido o temporal medonho, entrou docemente no porto de Maceió. Traz a historia do mata-mata-marinheiro : Papai-outro, nesse tempo regente no Arsenal de Guerra, abrindo a casa aos pobres portuguezes da Rua da Praia e conseguindo salvar 30 da furia do povo do Recife. Fala das grandes cheias : a de 32, a de 56, a de 97. Do primeiro cholera. Do segundo. Da Revolta Praieira. Da hecatombe de Victoria. Do assassinato de Bodé. Da chegada de Dom Vital. Das façanhas de José Marianno e da capanga-da marianista de São José. Dos effeitos da proclamação da Republica em Pernambuco.

Ao lado disso, notas de nascimentos, casamentos, mortes, formaturas, nomeações, demissões, embarques e

desembarques de gente da familia ; a idade com que se iam casando filhos e netos ; o numero de filhos que cada um ia tendo ; as crianças que morriam — um delles Yôyôsinho, primeiro neto de Felix Cavalcanti ; os nomes dos meninos ; as doenças ; os remedios ; tia Sinhá doente de cholera e o remedio que a salvou da morte certa ; as numerosas casas e sobrados que a familia — sempre em mudança — occupou no Recife, na Victoria, em Escada, em Olinda. Mas principalmente no Recife.

Porque o velho Felix passou a vida mudando de casa. Era como si tivesse carreteis nos pés e fosse sossinho no mundo ; e não um patriarcha com enorme familia, escravos velhos, crias dentro de casa ; com immensa mobilia de jacarandá massiço, guarda-louça e aparadores de amarello, camas de condurú, santuario, armario, bahús, mesa de jantar para vinte pessoas, a colleção inteira dos romances de Alexandre Dumas, a *Historia Universal* de Cesar Cantù, os romances de Eugenio Sue, o retrato do Visconde de Rio Branco. Mais de vinte vezes muda de casa. Mudança de casa-grande do engenho Jundiá onde nascera na opulencia, o pai ainda vivo senhor de muitas terras de massapé e de muitos negros da Angola, para a casa-grande de Jusarinho ; desta para a de Quitinduba ; dahi para uma casa de sitio no Arrayal e depois para outra em Beberibe entre pés de tamarindo, mangueiras, goiabeiras e dendeseiros. Da casa de quatro aguas de Beberibe para um sobrado do Recife. De um sobrado para outro, ás vezes de um sobrado para outro na mesma rua :

na rua Imperial, na rua Augusta, na rua da Praia, na praça Conde d'Eu, que foram talvez os quatro cantos do Recife onde Felix Cavalcanti mais morou. Na praça do Conde d'Eu morreu sua mulher. Na rua da Praia, aos quatorze annos, o seu adorado Yôyôsinho que era então pela intelligencia quasi de homem e pela belleza ainda de menino, a flôr da familia. Na rua da Praia : num daquelles sobrados velhos e talvez mal-assombrados, com mysteriosos "barulhos na escada", que ainda hoje estão de pé ; com phantasmas de padres magros apparecendo de noite ás pessoas para dizer que na sala de visita havia dinheiro escondido ; com vozes de almas penadas pedindo missa.

Era morrer ou adoecer uma pessoa da familia e Papai-outro mudava de casa. Estava sempre morrendo alguem na familia ou entre os escravos ; ou havia sempre alguem doente e precisando de "mudar de ares" — o que os medicos da epoca tanto aconselhavam — e, por conseguinte, de casa.

A bexiga era um pavor para as familias no Recife do tempo de Papai-outro. No seu album — ou antes no que resta do seu album — está umsoneto, "O Recife", que diz :

"Emfim, patria da morte e do exterminio
Firmaram no teu solo seu dominio
As febres, a variola e a cholérina".

A casa onde morria bexiguento, sem soffrer desinfecção séria depois de desoccupada, ia passando a terrivel doenca aos novos moradores. A bexiga, a tubercu-

lose, a peste bubonica, a febre amarella, a cholericina, se installaram, com os mal-assombrados e as almas do outro-mundo, nos sobrados velhos do Recife, por traz de suas janellas mouriscas, no escuro de suas camarinhãs, nos seus buracos de ratos, nas aguas podres dos pantanos dos sitios e dos fundos de quintal, á espera das familias que viviam mudando de casa, peregrinando de um bairro a outro em busca de melhor saude ou de melhores ares, mas ás vezes indo-se contaminar de doenças mais sérias do que aquellas de que fugiam.

A tuberculose comia centenas de pulmões por anno. De preferencia pulmões de moças solteiras, de adolescentes pallidos, de yáyás franzinas. Em 1849 um grande medico do Recife, o Dr. Aquino Fonseca, escrevia, alarmado, que a tuberculose estava augmentando na cidade; e uma das causas desse augmento lhe parecia o desleixo dos proprietarios de casas que já não fechavam por um anno pelo menos a casa onde morrera tuberculoso; já não rebocavam as paredes e pintavam as madeiras da casa contaminada; nem levavam as fechaduras ao fogo; nem as familias queimavam e lançavam ao rio toda a mobilia, roupa e mais cousas do uso do tuberculoso. Além de que o Recife estava ficando sem arvores, as casas sem quintaes.

Num lançamento do seu "livro de assentos", Papai-outro se refere ao numero de casas no Recife em 1847: terreas, 7.165, de um andar, 798, de dois andares, 465 de tres andares, 258, de quatro andares, 29. Poucas as de cinco ou seis andares. Total 8.875. Elle poderia ter accrescentado, no fim do livro, que tinha morado em 24

casas das 8.875. Morou antes em Jundiá, Jussarasinho, Quitinduba — casas-grandes de engenho ; morou em Beberibe, Apipucos, Afogados, Varzea, na Victoria, Escada, Olinda, Chã de Carpina ; e no Recife nas ruas da Praia, Imperial, Gloria, Augusta, Praça Conde d'Eu, Cambôa do Carmo, ruas Princeza Isabel, Aurora, Vidal de Negreiros.

Mudanças de casa. Foi quasi somente de casa que Papai-outro mudou durante a vida. De casa, de rua, de bairro e um pouco de cidade. De idéas, muito pouco. De profissão, tambem pouco. E muito pouco de habitos, de sentimentos, de preconceitos. Em muita coisa conservou-se no Recife do seculo XIX o aristocrata de engenho do Sul de Pernambuco ; o Cavalcanti de Albuquerque Mello de outros tempos ; o matuto fidalgo desconfiado do Povo, da Cidade, da Democracia, da Abolição, da Republica. A pobreza, o officio de regente dos educandos do Arsenal de Guerra, o de escrivão, o de amanuense da Santa Casa, o scenario burguês da vida de burocrata, nada disso alterou profundamente nelle o feitiço aristocratico que lhe deram sua herança moral e de sangue.

Não que faça gala, em parte nenhuma do livro, da origem bôa ou dos parentescos illustres ; são suas attitudes, seus modos de vêr os acontecimentos e os homens, seus preconceitos que revelam nelle o aristocrata imperecível. Principalmente os preconceitos. Preconceitos de caturra colonial, de parente pobre orgulhoso, de Cavalcanti matuto, incapaz de acompanhar Joaquim Nabuco na adaptação magnifica do descendente dos

morgados do Cabo ao espirito democratico do Recife e ao abolicionismo radical que nos fins do seculo XIX se generalizou entre a gente mais instruida das cidades brasileiras.

E' curioso mas não ha no caderno do velho Felix uma nota de admiração pela figura de Joaquim Nabuco — o Paes Barretto de Massangana que, democratizando-se, aristocratizou as causas populares que defendeu um tanto theatralmente das varandas dos sobrados do Recife e do palco do Santa Izabel. Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello finge não ver o vulto, não ouvir a voz, não escutar os triumphos daquelle que tendo tambem nascido fidalgo desertou para as fileiras liberaes e até populistas.

O antigo Cavalcanti de Jundiá chegou á velhice sem nunca ter sido de nenhum partido politico. Na politica pernambucana da primeira metade do seculo XIX, nem foi Cavalcanti, nem cavalgado. Seguiu com admiração o governo de Francisco do Rego Barros; mas sem fechar os olhos ás fraquezas do Barão e depois Conde de Bôa Vista, e aos excessos de sua parentela: Regos Barros e Cavalcantis insolentes ou sofregos de vantagens, alguns dos quaes denunciados com tanto ardor pamphletario pelo Padre-mestre Miguel do Sacramento Lopes Gama como "contrabandistas", "ladrões de negros" e até "assassinos".

Felix Cavalcanti não incorreu na denuncia do padre; não foi daquelles que "não tendo com ella (a familia Cavalcanti) parentesco, ou tendo-o já muito remoto, e nunca até então dando-se por tal começaram

a denominar-se tambem Cavalcanti". E' que esse nome era então "um titulo valioso para se obter tudo". Felix Cavalcanti não se aproveitou — sinão em emprego mediocre: o de regente dos educandos do Arsenal de Guerra — de sua qualidade de Cavalcanti legitimo. Não foi dos que de 1835 até 1844 cavalgaram politica e socialmente a Provincia de Pernambuco, constituídos numa das oligarchias mais poderosas que já houve no Brasil: dominando o governo; empolgando titulos de nobreza; fazendo a maior parte das leis provinciaes de accordo com seus interesses; repartindo entre si os commandos da G. N.; creando divisões e subdivisões de freguezias para effeitos eleitoraes que assegurassem o dominio politico da familia; obtendo da Côrte as melhores collocações na magistratura da Provincia — o Juizado de Direito de Pau d'Alho para José Thomaz Nabuco de Araujo casado com uma Paes Barretto, o de Limoeiro para João Mauricio Cavalcanti da Rocha Wanderley, o do Cabo para Affonso Arthur de Almeida e Albuquerque, o de Rio Formoso para Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti, o Juizado Cível de Pau d'Alho para Manoel de Hollanda Cavalcanti e tambem a administração da Repartição do Sello — lugar importantissimo — para Francisco Xavier Cavalcanti; assenhoreando-se dos altos cargos provinciaes, dos empregos rendosos nas freguezias, das arrematações dos melhores contractos; obtendo todos os favores para as suas empresas e negocios, de uma assembléa provincial que lhes perdoava as multas porque se compunha quasi toda delles, Cavalcantis, Rego

Barros, Albuquerque, Mellos, Wanderleys, Paes Barrettos. Era decerto a isso que o Padre Lopes Gama chamava com alguma verdade e muita rhetorica “o gothico castello Rego Barros — Cavalcanti”: especie de Bastilha que foi preciso a Revolta Praieira para demolir.

Felix Cavalcanti foi entusiasta — repita-se — da administração do seu illustre parente Francisco do Rego Barros; mas não da oligarchia Rego Barros — Cavalcanti. No seu diario, em nota sobre o mata-mata-marinheiro e no lançamento da morte do Conde — onde registra com grande candura ter o ex-Presidente recebido do commercio do Recife o modesto presente de um palacete — elle se revela sempre contrario aos abusos que Cavalcantis e Rego Barros commetteram durante o governo daquelle politico “amante do Progresso de sua Patria” mas, ao que parece, amante tambem do progresso de sua familia. Pelo menos demasiado condescendente com ella.

Dahi as violencias contra Cavalcantis e outros aristocratas de engenho praticadas por Chichorro da Gama quando a presidencia da Provincia passou dos oligarchas para os “liberaes”, seus adversarios terribes. Dahi a grita dos pamphletarios contra a familia Cavalcanti, grita a que Nabuco de Araujo, na sua *Justa Apreciação do Predominio Praieiro* oppoz em 1847 argumentos reflectidos embora nem todos persuasivos: que a influencia da familia Cavalcanti não era um facto de 1835, mas datava de tempos remotos; que essa influencia não era obra do poder ou da revolução, mas procedia da “natureza das coisas”; que era a influen-

cia que sempre teve uma familia numerosa, antiga e rica e “cujos membros sempre figuraram nas posições sociaes mais vantajosas; na primeira Legislatura de 1824 cinco membros dessa familia foram eleitos deputados; na segunda e terceira Legislaturas seis Cavalcantis detiveram essa honra popular; essas eleições foram anteriores á presidencia do Sr. Barão de Suassuna”... E ainda: “Esses Cavalcantis antes da nossa emancipação politica já figuravam como capitães-mores, tenentes-coroneis e officiaes de ordenança e milicia e em todos os cargos da governança; os engenhos que a maior parte delles têm foram havidos por herança, transmittidos por seus maiores e não adquiridos depois da revolução; enumerai os engenhos da Provincia e vos damos fiança que um terço delles pertence aos Cavalcantis...”

Invadindo os engenhos, as propriedades dos grandes senhores de terras e escravos, a policia Praieira pareceria largos annos depois, ao historiador Joaquim Nabuco, ter quebrado “o vinculo entre os moradores e os senhores de engenho”, concorrendo assim para o desprestigio da aristocracia territorial que tão grandes serviços prestára á Capitania e á depois Provincia de Pernambuco. Mas já em 1864 escrevia o Padre Gama, como que em antecipação ao reparo de Joaquim Nabuco, que era verdade que “esta má policia praieira” tinha “cercado e varejado certos castellos feudaes, ou engenhos, donde tem tirado escravos furtados”; verdade, tambem, que a policia dos Praieiros, “que os homens do partido da ordem dizem, porião tudo em anar-

chia, roubando e matando a torto e a direito, se chegassem a empolgar o poder”, perseguia “os ladrões d’escravos, alguns dos quaes foram roubados e guabirús e são restituídos a seus senhores”. “Sim, — accrescentava o Padre Gama — na bem-aventurada presidencia do Barão quadrilhas de salteadores capitaneados por seu proprio irmão roubavão e matavão impunemente nas visinhanças da cidade; uma companhia numerosa de ladrões d’escravos sob os auspicios, direcção e conivencia de parentes seus havia-se tornado escandalosamente um dos maiores flagellos da Provincia”. E ainda. Todo o mundo não ignorava, muita gente sabia, que seus escravos repentinamente desaparecidos da sua casa, achavão-se furtados no engenho tal e tal; mas quem seria tão ousado, quem teria em tão pouco a sua vida, que os fosse lá buscar, ou recorresse para isso á policia, ou aos meios judiciaes... Ninguem diz que o Barão (justiça lhe seja sempre feita) entrasse nesse trafico infame; mas o que rigorosamente se conclue de taes factos é que elle não podia, ou não queria reprimir as ribaldarias, as violencias e perversidades desses seus parentes, e que por isso ou por aquillo era incapaz de governar a Provincia”.

Mais de uma vez o Padre Lopes Gama cita n’*O Sete de Setembro* (1845-1846) nomes de parentes fidalgos do Barão que ao seu ver comprometteram o dominio politico das familias Rego Barros-Cavalcanti merecendo ser perseguidos, como o foram, pela policia de Chichorro da Gama: “o famigerado José Maria Paes Barretto que no dizer dos seus correligionarios,

isto é, dos homens da espelunca da Rua do Sol, é um dos maiores fomentadores da Agricultura, foi pronunciado por furtos d'escravos, crime como se sabe inafiançavel"; "... tendò por principal agente desta sua industria o seu parente o Chico-macho; "... José do Rego, pelos seus crimes commettidos no Arraial; "... um Lacerda e outròs muitos, cujos enormes crimes estão escondidos". Não é que nas familias Rego Barros e Cavalcanti não houvesse "homens capazes e honrados"; o pamphletario recouhecia que sim, que os havia, "sem duvida"; mas o diabo do "orgulho nobiliario por huma parte, e a idea do dominio exclusivo de outro cegarão a muitos, e lhes metterão na cabeça que a todo o custo devião ser ricos para ser mais respeitados". Dahi procurarem viver "não do seu trabalho" mas de traficancias e violencias"... "adagargados com a protecção da familia".

Desde o dia remoto do seculo XVI em que certo colono, talvez despeitado, denunciou Felippe Cavalcanti como peccador nefando, que não se faziam accusações tão violentas aos Cavalcantis, em Pernambuco. Mas o certo é que dessas e de outras incriminações, muitas dellas injustas, os Cavalcantis brasileiros podem refugiar-se não só no doce "orgulho nobiliario" — que a tantos anima — como na convicção de já muito terem contribuido para a grandeza de Pernambuco e do Brasil. Aliás quasi não se encontra hoje recanto brasileiro onde deixe de haver um Cavalcanti de bôa origem pernambucana e preocupado com a historia illustre da familia.

No Rio Grande do Sul, um magistrado antigo, hoje residente em Portõ Alegre, tem em preparo um livro inteiro sobre o assumpto.

“Orgulho nobiliario”. Ao Padre Lopes Gama, homem de boas lettras e não pamphletario vulgar, nunca pareceu que houvesse motivo solido para os Cavalcantis se gabarem tanto de nobres como, “ainda ha pouco . . . um tal João Mauricio Cavalcanti da Rocha Wanderley” e frequentemente “muitos matutos que tem este appellido”.

Ora, escrevia o padre em 1846 no seu *O Sete de Setembro*, “si perguntarmos aos Srs. Cavalcantis d’onde lhes vem a nobreza, elles com uma imparciabilidade espantosa nos dirão que de Felippe Cavalcanti, fidalgo florentino evadido daquelle antigo grão-ducado por se ter envolvido em uma conspiração contra Cosme de Medicis, da qual era chefe um Pandolfo Pucci. Mas si lhe pedirmos algumas provas dessa nobreza que por muitas razões se pode contestar sem replica elles nos dirão ainda que consultem a nobiliarchia Pernambucana de José Victoriano Borges da Fonseca, cujo manuscrito existe na Bibliotheca de S. Bento de Olinda *com folhas arrancadas e outras substituidas*”. “Si porem recorremos aos documentos historicos — accrescentava o Padre, depois de gripho tão emphatico e despresando a “certidão que conservam na Bahia os seus descendentes” (de Felippe) certidão publicada por Borges da Fonseca como sendo a “certificação de nobresa” do mesmo Felippe concedida por Cosme de Medicis — não encontraremos fidalgo algum florentino que ti-

vesse o appellido de Cavalcanti”, nem Guido nem Bartholomeu Cavalcanti — ambos litteratos, nada mais que litteratos — tendo tido fóros de nobresa. E depois de discutir longamente o caso da “conspiração contra Cosme de Medicis” e o “erro em que cahio involuntaria ou voluntariamente” Borges da Fonseca: “Os Srs. Cavalcantis não satisfeitos com quererem passar por aquillo que não são, isto é, por fidalgos de uma das maiores e das mais nobres casas de Florença ainda se agarrão com unhas e dentes aos Albuquerquees...”; “mas ninguem ignora que Jeronymo d’Albuquerque tendo vivido deshonestamente com a cabocla filha do Cacique d’Olinda Arco Verde, tão deshonestamente que a Rainha de Portugal mandou que elle, para que o escandalo cessasse, se cazasse com a filha de Christovão de Mello (de cujo appellido tirarão alguns a nobreza), teve dessa cabocla, além de outros muitos filhos, uma filha de nome Catharina, que cazou com Felipe Cavalcanti”. De modo que para usarem as armas dos Albuquerquees — armas a que os Albuquerque Mellos tinham direito, por ter sido Jeronymo de Albuquerque fidalgo e se haver casado, por ordem da Rainha, com a filha de Christovão de Mello, tambem fidalgo — os Cavalcantis estavam na obrigação, dentro da heraldica, de apresentar “no escudo o signal de bastardia”.

Considerando fracassados os Cavalcantis nas suas pretenções a nobres, por falta de documentação idonea, o Padre Lopes Gama queria que tambem os Wanderleys provassem que “eram fidalgos d’alguma casa de Hollanda”. Não lhe satisfaziam as evidencias de nobre-

za, até então acceitas, de Gaspar van der Lei — o capitão hollandez do sequito de Nassau que adherindo ao Catholicismo e casando com uma Mello, de Pernambuco, no seculo XVII, fundára a familia de que descendia o “tal João Mauricio Cavalcanti da Rocha Wanderley”. Ainda hoje — accrescente-se — não ficaria mal aos nossos genealogistas um tanto ingenuos — como aliás quasi todos os genealogistas — aprofundarem suas pesquisas sobre a “nobresa dos Cavalcantis de Florença” e mesmo sobre “a fidalguia dos van der Lei” da antiga Hollanda, chamados por Borges da Fonseca de “nobilissimos” sobre o fundamento da “certificação de nobresa” do capitão de cavallaria Gaspar van der Lei e dos Van der Lei em geral, certificação attribuida por Borges ao Conde Mauricio de Nassau. O certo parece ser que poucas familias brasileiras se podem gabar de um passado tão illustre no Brasil e de tão boas raizes europeias como as duas familias visadas pelo padre Lopes Gama : os Cavalcantis e os Wanderleys.

Felix Cavalcanti de Albuquerque descendia de algumas das mais velhas familias do Sul de Pernambuco ; não era só Cavalcanti — dos que o caturra do Padre Gama queria que só usassem escudo de familia com o distinctivo de bastardia — mas tambem Albuquerque Mello e Barros Wanderley. Neto de Antonio Bezerra Cavalcanti de Albuquerque e de D. Missia Manoela de Barros Wanderley. Só de passagem — a proposito de sua irmã — elle se refere ao facto de ter vindo de um dos engenhos mais opulentos da Capitania - Jundiá — engenho de seus avós até 1832 e depois propriedade

dos Santos Dias, que no tempo do Major dariam á velha casa-grande brilho extraordinario, hospedando nella com muito gasto de comida e de bebida, caçadas de onça, banhos de cachoeira, estrangeiros illustres da marca de Lord Carnarvon — o descobridor do tumulo de Tutankamen — e do almirante portuguez Ferreira do Amaral.

Com a morte do pae, Francisco Casado de Albuquerque, no Engenho Quitinduba, em 1836, a familia de Felix se arruinára. Os tempos não eram favoraveis a viuvos e orphãos — a não ser quando a viuva tinha alguma coisa de virago ou os orphãos, padrinhos generosos. Felix, menino de treze para quatorze annos, veio em 35, com a mãe viuva e os irmãos, para o Arrabal, arrabalde do Recife, de onde logo se mudariam para a povoação de Beberibe. Mal começára o predominio politico dos Rego Barros — Cavalcanti, que melhor consolidado, talvez tivesse permittido a Felix continuar no engenho do pae e conservar-se ahi dentro das tradições ruraes da familia. Ou por inclinação propria, ou por força das circumstancias, elle foi, desde novo, dos Cavalcantis bons que o proprio Padre Gama, com todo o seu odio politico á illustre familia, reconhecia existirem: capaz e honrado; procurando viver do trabalho, e não de negociatas ou traficancias; do esforço proprio, e não simplesmente de protecção politica; medianamente instruido e não quasi analphabeto, como tantos dos Cavalcantis e outros filhos dos senhores de engenho mais ricos da epoca.

Os criticos dos costumes pernambucanos na primeira metade do seculo XIX, quando queriam citar

exemplo de familia rica mas mal educada era a familia Cavalcanti que citavam de preferencia. Um delles escreveu que “os nossos presumidos de fidalgos pela maior parte nunca se occupão da educação dos filhos”. Donde o grande numero de Cavalcantis “ignorantes, mal sabendo assignar o nome”. Fama que tinham tambem os Paes Barretos do Cabo: inclusive o Marquez do Recife.

Sempre com muita rhetorica e alguma verdade escreveu o Padre Gama em 1846 que o proprio Barão da Bôa Vista era “quasi analphabeto e seu irmão Sebastião completamente ignorante”. Invocava “o testemunho de quantos os conhecem de perto”; e a verdade é que o engenheiro francês L. L. Vauthier, que muito tratou com Bôa Vista, teve delle impressão de mediocridade intellectual que registra no seu diario intimo. O “quasi analphabeto” e “o completamente ignorante” eram, porém, expressões emphaticas do Padre. Afinal, Francisco do Rego Barros se educára em Paris e o irmão, Sebastião, em Coimbra e depois em Gotingen, onde se bacharelára em mathematica.

Felix Cavalcanti vindo para o Recife ainda novo pôde adquirir regular instrucção, tomando gosto especial pelo estudo de geographia: a ponto de ter tentado escrever um compendio dessa materia. E, na adversidade, acostumou-se ao trabalho e á leitura.

O que conservou de suas origens, de sua formação, de suas tradições ruraes de familia, já disse que foram aquelles preconceitos furiosos e ás vezes ingenuos contra o liberalismo, contra o “Povo do Recife”, contra os radi-

caes do Abolicionismo, depois contra a Republica. Preconceitos que repontam mais de uma vez do seu "Livro de Assentos".

Teve suas sympathias pessoases por chefes "Praieiros" e Liberaes e até por agitadores republicanos como Borges da Fonseca : soube, já velho, prestar suas homenagens á illustre figura de agitador caracteristicamente recifense que foi José Maria de Albuquerque Mello. Mas sem prejuizo do gosto de ordem e do sentimento de hierarchia que o inclinaram sempre para a Monarchia e para os homens de Estado da indole conservadora do Visconde do Rio Branco -- seu grande idolo politico — e, na politica provinciana, do Barão do Bôa Vista.

Si desejou que Pernambuco se levantasse contra Barbosa Lima é que Barbosa Lima era para elle a Republica e a Republica dos homens de 89 não só lhe parecia a negação dos principios de ordem e de hierarchia como se apresentava aos seus olhos saudosos do Imperador e da Monarchia como uma aventura que quanto mais cedo gorasse, melhor. Tivesse vivido mais tempo e talvez se houvesse reconciliado, por espirito ou gosto de ordem, com a Republica de Campos Salles e de Rodrigues Alves. Prudente de Moraes sentte-se que já não lhe era tão antipathico quanto o marechal Floriano ; e não chegou a enthusiasmar-se pela aventura monarchista de Saldanha da Gama.

O que aquelle seu espirito ou gosto de ordem repelia de modo absoluto era a politica rasgadamente popularista e delirantemente liberal de José Marianno, com-

padre e amigo de mulatos arreliaados e de capoeiras celebres ; era a politica violenta de José Maria ; era, por outro lado, o republicanismo de bachareis do typo aliteratado de Martins Junior. Do povo elle preferia viver a distancia, nos primeiros e segundos andares dos sobrados senhoriaes ou mesmo burgueses. Deus o livrasse de viver entre a canalha como José Marianno ; de comer sarapatel ou mungunzá nos kiosques de pé de ponte, como aquelle politico pittorescamente democratico e sinceramente liberal e por isso mesmo tão querido da gente do povo do Recife ; de sahir pelas casas dos pardos pedindo voto e botando mulccas no collo ; de proteger capoeiras como Nicolau do Poço da Panella que perto da rua da Praia — a velha rua da Praia tão ligada á vida de Felix — um bello dia do anno de 1886 travou lucta com Bentinho do Lucas ou Bentinho da Magdalena — pae do muitos annos depois meu cozinheiro José Pedro (negro velho adamado que ninguem diria filho de valentão tão terrivel) morrendo no combate entre os dois grupos — o de Nicolau e o de Bentinho — Pedro Canhoto e Severino do Pombal. Lucta a cacete e depois a faca de ponta. O pretexto foi se ter sabido no Lucas que Nicolau andava dizendo que Bentinho não tinha homem de coragem do seu lado. O motivo não deixou de ser politico : Bentinho tinha sympathias pelos “Conservadores”. Dizem que o pachola do negro até usava pêra que era o distinctivo “Conservador” : pêra, barba ou *cavaignac*.

São José — em cujos sobrados morou tantas vezes Felix Cavalcanti com a sua familia enorme, com as suas

bilhas e quartinhas d'agua esfriando nas janellas, com os seus filhos pequenos e depois com os seus netos empinando papagaio de papel das varandas — “tapio-cas” tristonhas que não subiam tão alto como os “bal-des” ou os “gamellos” dos muleques da rua — era, e é um pouco ainda hoje, lugar de muito mucambo perto de sobrados de azulejo ; de muita casa de cabra valente e de negra catimboseira e, naquelle tempo, de preta da Costa rica e fazedora de mandinga ao lado de habitações de burgueses pacatos, irmãos do Santissimo Sacramento, alguns com verdadeiro horror a barulho e a feitiço, as senhoras só faltando desfazer-se de medo quando descobriam areia de cemiterio ou sapo de bocca cosida á porta de casa.

São José era isto : a rua da Jangada e a Gamelleira, a poucos passos da rua Imperial. A rua dos Sete Peccados Mortaes emendando com a Direita.

No tempo de Felix a capoeiragem ostentava ainda todo seu viço ; e da rua da Jangada e Gamelleira estavam sempre descendo redes não só de bexigentos como de feridos. Redes brancas de mortos. Redes vermelhas de gente esfaqueada e gemendo : quero agua, quero agua ! Mal começára a campanha do Inspector José de Lima e dos seus soldados de facão rabo de gallo contra os reis da faca de ponta protegidos e até compadres de José Marianno e de outros politicos importantes ; gente arranchada pelos mucambos e “quadros” de São José, de Santo Amaro, do Coculo, da Aldeia do Quatorze, da Ilha das Ostras, dos Sete Mucambos, do Pom-bal, do Lucas.

A capoeiragem era então uma força a serviço da politica partidaria, tão intensa no Recife do seculo XIX. O burgo lyricamente comparado pelo poeta á Veneza :

“Veneza americana boiando sobre as aguas”

era naquelles dias e tem sido quasi sempre antes uma Florença que uma Veneza. Florença americana ar-dendo no fogo das revoluções, das luctas entre partidos, das revoltas de cavalgados contra Cavalcantis, dos combates entre *bianchi* e *neri*.

Si a capoeiragem é, como pretende Adolfo Moraes de Los Rios Filho, “uma criação dos fracos — o negro e o mestiço — contra o forte : o branco”, onde ella se apurou melhor que no Recife de cavalgados contra Cavalcantis : que nesta nossa Florença americana de cabras afoitos e de negros arrelhiados, ao serviço de vagas reivindicações politicas, encarnadas ora por um Pedroso, ora por um Nunes Machado ou por um José Mariano e a encobrirem aspirações sociaes tambem um tanto imprecisas, turvadas por muito resentimento de natureza pessoal, mas no fundo sociaes ?

Capoeiras negros e mulatos, cabras ligeiros na arte da rasteira, do rabo-de-arraia, do arrastão, no manejo do cacete, da navalha, da faca de ponta, tornaram-se guarda-costas não só de homens do governo mais violentos como de politicos opposicionistas mais irrequietos. Os capoeiras do Recife, como os do Rio, eram quasi sempre mulatos de gaforinha, andar gingado, lenço encarnado no pescoço. Por debaixo da camisa, raro

era o que não levasse oração fechando-lhe o corpo ás balas da policia e ás facas dos outros cabras. Ás vezes ostentavam tatuagens no peito, no braço ou noutras partes do corpo: corações, signo salmão, ancoras, se-reias e nomes de mulheres. Quasi todos gostavam de sua branquinha ou aguardente de canna; de seu violão; de ostentar seu dente de ouro; e todos tinham nomes de guerra pittorescos: Canhoto, Sabe-tudo, Bode-Yôyô, Pé-de-pilão, Rabo-de-arraia, Bentinho do Lucas, Nascimento Grande.

Nascimento Grande foi o ultimo grande capoeira do Recife: morreu ha tres ou quatro annos, já velho e doente, no Rio de Janeiro, num sitio de Jacarepaguá onde o acolhera José Marianno Filho. Passára da Monarchia á Republica; eu proprio ainda o vi seguindo como guarda-costas o carro triumphante — carro aberto, a capota arreada — em que o General Dantas Barreto, duro, pequeno e de pince-nez, entrou em 1912 no Recife ao som da “Vassourinha”:

“Salvai, salvai, querido general”!

Bem interessantes são os argumentos de Felix Cavalcanti — inimigo de toda essa politica de rua — a favor da monarchia, causa a que se conservou fiel até á morte. Si é original aquelle seu “quem nos garante que o Brasil se torne uma Suissa grande e não uma outra Venezuela”, me parece das melhores coisas que se teem dito ou escripto a proposito da mudança do regimen no Brasil em consequencia do *pronunciamento* de 15 de Novembro de 1889. Afinal, a Monarchia não cahiu no Brasil como “o defunto sem choro” a que se referiu

uma vez certo ironista melancolico. Teve quem a chorasse ; sinão alto e pelos diarios publicos, baixo e em paginas recatadas de diarios — ou quasi diarios — de familia, como o que se vae lêr. Choro aliás desinteressado, que é o melhor.

Destruida a Monarchia, Felix Cavalcanti, seu entusiasta talvez um tanto ingenuo, ficou chorando por mais de dez annos, com o desconsolo de um orphão politico, a morte do systema não simplesmente politico mas social a que desde pequeno se affeioara e que lhe parecia ligado intimamente á estabilidade, á ordem, ao bem estar do Brasil. Posso, aliás, adiantar, nesta introdução ás memorias de Felix Cavalcanti, que das 65 auto-biographias que já recolhi de brasileiros de varias profissões e de diversas regiões, homens e senhoras maiores de cincoenta annos, como respostas a um inquerito organizado para servir de lastro a trabalho proximo — *Ordem e Progresso* — sobre a paysagem social dos ultimos annos da Monarchia e do começo da Republica no Brasil, grande numero das pessoas, não revelando sebastianismo nenhum, nem desejo, mesmo vago, de restauração do Imperio, lamentam tanto quanto o velho Felix Cavalcanti a substituição da Monarchia pela Republica em 1889. Donde se conclue que a Monarchia ou o Rei, ou melhor, o Imperador ou, melhor ainda, Dom Pedro II, tem sido e é ainda um defunto chorado no Brasil. Chorado por juizes, desembargadores, professores, homens do povo, advogados, padres, funcionarios publicos, medicos, senhoras illustres. Chora-dissimo por Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello,

obsкуро contemporaneo do monarcha e que não tendo recebido de Sua Magestade nem sequer pretendido do seu augusto governo, nenhum favor especial, nem nenhum titulo ou crachá, nem nenhuma commenda, foi apenas um provinciano de tendencias conservadoras e de feito aristocratico que se identificou com a causa monarchica por gosto e por principio.

Mesmo assim parece-me haver algum interesse em comparar a parte de apreciações politicas do caderno de memorias provincianas do velho Felix com o que, na mesma epoca, escrevia no Rio de Janeiro, não um amanuense desconhecido mas um politico em evidencia na Côrte e no paiz inteiro: o Conselheiro C. B. Ottoni, Capitão-tenente da Armada, lente da Escola de Marinha, fundador e primeiro director da Estrada de Ferro Central, dignitario da Ordem do Cruzeiro, Official de Leopoldo da Belgica, deputado em quatro legislaturas e senador do Imperio. Homem com o mesmo habito de Felix de “registrar de quando em quando as minhas impressões sobre os acontecimentos politicos em que me cabe q̀ualquer parte de responsabilidade e ainda sobre aquelles de que sou mera testemunha, quando me parecem importantes”; e que em 1890 publicou elle proprio todas aquellas suas “memorias intimas”.

Sobre a lei do ventre-livre, por exemplo, tão admirada por Felix Cavalcanti, escrevia Ottoni, com mais realismo, nas suas “memorias intimas”: “E’ nobre o pensamento da libertação dos ventres; o principio — ninguem mais nascerá escravo — inicia realmente a

emancipação”; mas “contem ella dous defeitos capitães, que me fazem augurar mal de seus effeitos. 1.º abandona á sua sorte os actuaes escravos. 2.º deixa as crianças, que diz libertar, escravas de facto até 21 annos”.

De onde vinham aquelles cabras e mulatões, aquelles capangas cada dia mais numerosos que, de 1880 a 1885, Felix notava nas ruas do Recife, nos comícios, nas manifestações promovidas por José Mariano? O augmento delles resultava precisamente da lei de 1871, tão louvada pelo entusiasta do Visconde de Rio Branco. O conselheiro Ottoni prophetizára o desenvolvimento daquella classe de negros e mulatos livres mas desordeiros, turbulentos, insatisfeitos: “O que serão aos 21 annos os *ingenuos* da lei, declarados repentinamente cidadãos, analfabetos, sem officio, sem peculio, sem familia, cheios de odio naturalmente contra os que conservam suas mães no captivoiro? E dizer que cada anno lançará na sociedade 20.000, 8.000, 15.000 individuos naquellas condições!”

E annos depois, Ottoni escreveria que a lei de 71 tornara “indispensavel a resolução radical de 13 de Maio de 1888”; resolução que, tanto quanto Felix, Ottoni considerava não ser “a melhor, fallando economicamente”.

Quanto á acção de Pedro II no movimento abolicionista, Ottoni reconhecia nas suas “memorias intimas” que o monarcha tivera a iniciativa da abolição; mas só a iniciativa. E quanto ao carater e ás virtudes do Imperador é interessante contrastar as opiniões dos dois memorialistas que, escrevendo na mesma epoca,

viam o monarcha de modo tão diverso: Ottoni de perto e talvez com algum resentimento a aguçar-lhe a critica intelligente. Felix de longe e com enthusiasmo um tanto romantico; mas sem motivo nenhum para resentimento pessoal ou politico. Para Felix não se podia desejar melhor imperador que Pedro II; nem melhor regimen para o Brasil que a monarchia. Ottoni discriminava, fazia o balanço de qualidades e defeitos do monarcha, namorava com a republica. Nesse balanço, “o activo em seu favor (de Dom Pedro II) é importante: “1.º a sua infatigabilidade, e o interesse que sempre mostrou pelo desenvolvimento da riqueza publica”, 2.º “a sua clemencia”, 3.º “a sua iniciativa para a libertação dos escravos”. E animado de uma pretensão que o pobre do Felix, memorialista provinciano, nunca teve, isto é, de fazer suas “memorias intimas” influirem nos julgamentos da Historia com H maiusculo: “mas o seu passivo foi a pessima direcção dada á politica, e foi o que o perdeu, a sua dynastia, e a instituição monarchica, desacreditando ao mesmo tempo o regimen parlamentar. Este processo a Historia ha de fazer-lho; é seu direito contra todos os reis; e eu pretendo auxiliar a Historia”. Depois de censurar em Dom Pedro II a preocupação de annullar partidos e grandes homens “para fazer sobrenadar a vontade imperial” recordava Ottoni a phrase celebre de Eusebio de Queiroz: “Quem foi Ministro do Sr. D. Pedro II é preciso que não tenha vergonha para sel-o segunda vez”.

São muitos os peccados de omissão no “livro de assentos” de Felix Cavalcanti — a que aliás faltam, se-

gundo dizem as pessoas mais velhas da familia, outros cadernos, perdidos talvez em mudanças de casa. Não diz uma palavra sobre Canudos, por exemplo; apenas transcreve o discurso de um neto, de regosijo pela victoria do Exercito sobre Antonio Conselheiro. A questão religiosa — Dom Vital *versus* maçonaria — faz apenas uma referencia vaga. De Joaquim Nabuco apenas fala uma vez de passagem. Seus necrologios litterarios limitam-se a escriptores franceses e portuguezes e a Cesar Cantu: não se refere a José de Alencar nem a Gonçalves Dias ou Castro Alves. E é pena que tendo vivido tanto no Recife não nos fale do primeiro omnibus ou diligencia suburbana — que foi novidade do seu tempo de moço: das carruagens que diante dos seus olhos substituíram os ultimos palanquins; nem do primeiro lampeão a gaz; nem do primeiro bonde de burro; nem do primeiro trem; nem das modificações na architectura domestica — casas novas em estylo gothico, italiano, suiso; nem dos theatros, das procissões, das festas a que comparecia e onde ás vezes recitava versos.

Foi numa festa de anniversario — não no Recife mas em Santo Antão — que Papai-outro, depois de ouvir calado certo poeta novo recitar muito ancho versos da propria lavra, pregou-lhe esta peça: levantou-se, bateu no hombro do poeta e disse-lhe muito serio: “Não, meu velho, isso de versos ineditos é conversa: eu conheço sua poesia ha muito tempo”. E recitou, melhor que o auctor, os versos que acabára de ouvir. Diante do assombro do poeta, e do espanto da sala é que elle

esclareceu, muito engamento de sua memoria, que decorára os versos naquelle instante, felicitando ao vate por ter produzido poesia tão bonita.

Tambem não nos fala — elle que gostava tanto de peixe, ou das *marés*, como se dizia na linguagem particular da familia — de pescarias nem de ceias da Semana Santa, acontecimentos de enorme importancia no Recife de sua epoca ; principalmente para quem como elle morou mais de uma vez perto d'agua : na rua Imperial, á beira dos grandes viveiros de Afogados e de Giquiá — donde nas vesperas das grandes ceias da Semana Santa se retiravam barricas de camorins, carapebas, curimans ; perto das pescas de marisco de Fernandinho ; perto dos mangues e dos alagados cheios de goyamum e caranguejo ; e em Olinda, perto do mar, com o excellente peixe dagua salgada dos pescadores de jangada á porta de casa.

Seu gosto litterario ninguem deve esperar que fosse apurado ; nem profundas suas leituras ; nem subtis seus commentarios sobre livros e escriptores. Dumas e Sue foram os romancistas de sua predilecção. Cantu, seu mestre de historia e, até certo ponto, de philosophia da historia. Sabia delles — dizem as tradições da familia — trechos inteiros de cór. Tambem poesias de Victor Hugo e de Gomes do Amorim. E o *Diccionario Popular* de Pinheiro Chagas era-lhe particularmente caro.

Quando os telegrammas no *Jornal do Recife* — que se tornou, não sei porque, seu jornal predilecto — annunciavam a morte de um Dumas ou de um Cesar Can-

tù, Felix Cavalcanti registrava o acontecimento no seu "livro de assentos" com phrases commovidas, ás vezes exaggeradas. No registro sobre a morte de Dumas termina por tratar o morto glorioso por tu: "deixaste saudades". O mesmo faz com parentes mortos: conversa com elles, despede-se delles, como si os mortos o estivessem ouvindo.

Era crente e bom catholico. Ia ás missas aos domingos na Igreja de Afogados e ás quintas na Boa Vista. Pertencia á Irmandade do Santissimo Sacramento e acompanhava a procissão dos Passos e os enterros de irmãos, primeiro ás igrejas — pois alcançou o tempo dos sepultamentos nas igrejas; depois ao cemiterio. Não sahia á rua que não fosse de croisé ou sobre-casaca preta. As roupas de mais luxo mandava fazer no Silva Cardozo "alfaiate da Casa Imperial" ou no Pavão, á rua da Imperatriz. Era freguez do armazem de fazendas do Martins, que vendia tambem camisas de linho e gravatas de seda. Mas sobretudo fazendas que o velho Felix preferia escolher por si sem suggestão nenhuma de caixeiro. Era ranzinza neste ponto: o caixeiro devia ficar calado enquanto elle escolhia o panno ou a gravata.

Calçava botinas pretas. Andava de bengala ou guarda-chuva. Principalmente de guarda-chuva: insignia de auctoridade já mais burguesa do que aristocratica. Usava apenas uma felpa de pera.

Sua sala de visitas estava sempre se illuminando, o chão ou o soalho da casa se amaciando de folhas de canella, para festas de familia: de casamento e de for-

matura dos filhos, de baptizado e primeira communhão dos netos. A mesa se cobria então de bolos, pasteis, doces, passas e figos. Bolos feitos em casa; Passa, biscoito e figos dos armazens, que em 1848, em franca competição com a arte domestica do bolo, já vendiam para as festas de familia muito “bolinho francês” e biscoitos ingleses em lata. Tomava-se vinho do Porto — do porto fino que em 1884 custava 1\$000 a garrafa no “Pequeno Armazem de Generos Alimenticios”. Seu bolo predilecto era o pão-de-ló. Seu doce, o de goiaba. Gostava de bom rapé: tinha caixa de tartaruga com as iniciaes. Às vezes, por influencia de amigos, fumava um charuto. De ordinario, contentava-se com o rapé. Uma vez por outra, tambem por influencia de amigos, comia o seu beef e bebia seu borgonha no *Hotel de l'Univers*, do Leinhardt, á rua do Commercio, onde em 1870-80 se almoçava magnificamente com vinho por 3\$000.

Como chefe de familia, Felix não era dos que desciam elles proprios á porta do sobrado ou ao portão da casa — como na familia o segundo José Antonio Gonsalves de Mello — para comprar do matuto a cavallo, com grandes garajaus cheios de aves, o Perú para o jantar de dia de festa ou a gallinha para o caldo do filho doente ou para a canja do resguardo da mulher; ou do balaeiro, a laranja, o abacaxi, a manga, a jaca, a geleá de araçá; ou o proprio bôlo de tabuleiro da negra limpa e conhecida, para algum netinho mais guloso.

Por falar em bolo para netinho guloso: houve tempo em que Felix, já velho, começou a levar de casa

para a Santa Casa, tacos de queijo do Reino para um ratinho que sempre apparecia na sala da secretaria. Até se pensou que elle estivesse ficando caduco ; mas era para observar a gula do catita que despertára a sua curiosidade e tambem a sua ternura um tanto franciscana pelos bichos, capaz de se commover até pela “gratidão” de um urubú: “o urubú de Chã de Carpina”, de que fala numa das paginas mais ingenuas do livro. Gostava de bichos. Criava gallinhas em casa, quando a casa tinha quintal ou era de sitio. Teve cachorros : mas tendo sido preciso matar um, que ficou doente de raiva, nunca mais quiz saber de ter outro. Nunca teve foi a mania por cavallo de corrida e por passarinho de alguns de seus filhos e netos, cujas casas pareciam mercados de aves : nem tão pouco a paixão por gallos de briga. Não jogava no “bicho” ; mas bilhete comprava um decimo ou um vigesimo uma vez por outra, na Loteria de S. Pedro Martyr ou de N. S. do Rosario. O vicio sob disfarces piedosos.

Quando morria alguém de casa, elle e a familia inteira vestiam luto fechado : até os meninos pequenos. O luto se extendia aos escravos domesticos ou crias de estimação já elevados a pessôas da familia e houve tempo em que incluiu a propria casa ou sobrado que passava dias e até semanas com as portas e janellas da frente todas fechadas, um grande laço de crepe sobre a porta principal.

Havia aliás no Recife na primeira metade do seculo passado — ainda conhecido por Papai-outro — mulheres quasi tão familiares das casas como as “coma-

dres” ou parteiras : viviam de vestir defuntos e anjos. Principalmente anjos. Profissão rendosissima numa cidade onde se morria tanto. Uma das irritações do nativismo pernambucano da epoca contra os portuguezes teve por motivo o facto de virem do antigo Reino para esta cidade vestidos de anjos e de defuntos competir com os brasileiros em profissão que os patriotas intransigentes, sob a influencia de preconceitos patriarchaes, entendiam dever caber exclusivamente aos nacionaes e -- o vestir de anjos — ás mulheres.

Felix Cavalcanti era mais alto do que baixo, bem apessôado, alvo, olhos castanhos, o cabello tambem castanho muito claro, quasi alourado e aos trinta annos já quasi todo branco — traços que se transmitiram á maior parte dos seus filhos e netos e ainda hoje se vêem nos seus bisnetos e tataranetos dos ramos menos exogamos da familia. Sua mulher era tambem alva, os cabellos pretos : usava-os em casa soltos ou armados em cócô.

Em seus primeiros annos de morador do Recife, Felix Cavalcanti fôra frequentador do Caes do Collegio, tão apreciado de 1839 a 1850 por todo o bom recifense que ali ia tomar fresco, ver os navios e conversar sobre politica. Alguns namorar com as mulatas. Pelo que escreve o Padre d’ *O Carapuceiro*, o novo caes — obra de um francês, engenheiro das Obras Publicas, chamado Boyer, depois substituido por outro francês, Vauthier — alterou os habitos recifenses, fazendo os rapazes e os homens se recolherem á casa mais tarde do que d’antes e se desculparem ás avós mais caturras,

aos paes mais severamente patriarchaes ou ás sinhás mais ciumentas, dizendo que “estiverão no caes em huma grande roda de amigos que os não quizerão largar”.

Felix não era muito de festas de rua ou de pateo de igreja, como as de “bandeira” e “novena” de santos, tão ruidosas em Pernambuco durante o seculo XIX; nem nunca apreciou o entrudo. Gostava de divertimentos mais socegados, modinhas e recitativos ao piano, jogos de salão; e pelo São João, desprezando os foguetes e os busca-pés que se soltavam na rua, não dispensava seu pão-de-ló com vinho do Porto ou seu sequilho com chá verde. Nem desdenhava o livro de sortes; e com sua faculdade para versejar teria sido capaz de repetir, quando novo, a brincadeira que se attribue a outro recifense do seu tempo; o qual lendo por São João as sortes para a yáyá sua predilecta, substituiu, de improviso, o

“Sede freira e desta sorte
Matareis quem vos mal quer”

por

“Sede freira, porém não
“melhor é casar commigo”

Rapaz, brincou de padre-cura e de chora-mané-não-chora :

“chora-mané-não-chora
chora porque não vê o limão
o limão anda na roda
por culpa deste babão bestalhão”

jogos que os rapazes e as moças de seu tempo se regalavam em brincar, nas noites de lua, no Poço da Panella, no Monteiro, no Caldeireiro, em Apipucos, em Ponte d'Uchôa, — os lugares, á beira do rio, até 1845 preferidos pelas familias pernambucanas mais finas para o “passamento de festas”; e só depois substituidos por Caxangá e principalmente por Olinda. Por Olinda quando começou a voga dos banhos de mar : depois que se construiu a estrada de Tacaruna.

Nesses jogos e brinquedos de tempo de festas, no Poço da Panella, e depois em Olinda, é que alguns dos filhos e algumas das filhas de Felix Cavalcanti acharam noivo ou noiva. Já não se estava na epoca dos casamentos feitos tranquillamente pelos paes, por puro interesse de familia. Até mesmo algumas irmãs de Felix casaram romanticamente com moços pobres. Casamentos de amor — aliás já numerosos no Brasil de 1850. O Padre Lopes Gama, nas suas chronicas n' *O Carapuceiro*, põe na bocca de uma yáyá pernambucana de 1839 :

“Hum pae não pode privar
A filha de querer bem
Si as leis dos paes são sagradas
as do Amor mais força têm”

Não é de admirar : no proprio seculo XVII moças brasileiras das mais distinctas — Cavalcantis até — ligaram-se por amor, e fóra das “leis dos paes”, uma com Bernardo Ravasco, D. Felipa Cavalcanti — outra com D. Francisco Manuel de Mello — D. Maria Ca-

valcanti; varias — diz-nos o Marquez de Basto que com hollandeses herejes.

Felix Cavalcanti procurou dar instrucção adiantada aos filhos e ás proprias filhas, e preparal-os da melhor maneira para uma nova epoca social, embora dentro das tradições religiosas e de familia em que crescera em Jundiá. Dahi, talvez, não ter posto as filhas nas escolas religiosas, não se deixando, por outro lado, atrahir pelos novos collegios de senhoras francesas ou inglesas que desde 1830 se foram estabelecendo no Recife com suas novidades de educação physica e de talho de lettra, provocando a indignação de tradicionalistas da marca do Padre Gama: “qualquer francez, qualquer inglez, qualquer suisso, qualquer abelha mestra desses paizes aporta a Pernambuco e não tendo outro genero de vida diz que vem repartir comnosco das suas muitas luzes, fundando collegios”. E’ curioso, porém, que nenhum filho ou filha de Felix — de educação dirigida por elle nos primeiros annos e depois completada — a dos meninos — no Collegio das Artes — desse para religioso — frade ou freira; nenhum filho para padre. Por outro lado, nenhum resvalou no commercio. Varios dos seus filhos, genros e netos fizeram carreira na Alfandega, onde alguns attingiram aos postos mais altos.

No seu tempo de menino, Felix — que mesmo sem as novidades da educação inglesa, foi homem robusto — tomára seus banhos de cachocira nos engenhos de Escada; depois, banhos de rio em Beberibe onde morou adolescente. Ahi aprendera a nadar e a dar mergulhos. Adulto, o seu banho tornou-se de gamella com

cuia. Montava bem a cavallo — o que aprendeu também durante sua meninice em engenho. Gostava de andar a pé. Mesmo porque, homem de recursos limitados, só rodava de carro nos grandes dias de casamento ou baptizado dos filhos ou parentes.

Às vezes, andando a pé, pelas ruas do Recife ouvia vir de dentro de alguma casa ou do fundo de algum sobrado, gritos de “me acuda, me acuda!” Gritos de escravo castigado pelo senhor. Parava, batia á porta com o cabo do chapéu-de-sol e pedia misericórdia para o pobre do negro. Era uma praxe, entre os senhores de negros de todo o Brasil, attender a esses pedidos de misericórdia de “gente distincta” que passasse pela rua.

Foram dos seus primeiros annos de residencia no Recife posturas municipaes prohibindo que se castigassem negros em casa depois de 9 horas da noite ; outras prohibindo aos matutos entrar na cidade de ceoulas e camisa solta. Restricções ao patriarchalismo e ao mesmo tempo ao ruralismo colonial. Progresso do urbanismo.

Não são as reacções aos acontecimentos politicos e ás actualidades litterarias de um filho de senhor de casa-grande degradado em amanuense da Santa Casa de Misericórdia, de um Cavalcanti nascido em engenho e a vida inteira mal adaptado á demagogia do Recife, que nos parecem a parte mais interessante das memorias do velho Felix. E sim o registro de factos de familia : nascimentos, casamentos, mortes, nomeações, formaturas, doenças, embarques, desembarques, mu-

danças de casa, fuga de crias, idade em que as filhas e netos se casavam e os velhos e as crianças morriam. Repetições : muita repetição ; factos se repetindo tanto, atravez do livro, até perderem todo o pittoresco anecdotico, todo o interesse dramatico, toda a graça ; mas ganhando, ao mesmo tempo, com a recorrencia, significação sociologica ; offerecendo-se ao leitor mais sério como material miudo, é certo, mas bom e puro para o estudo de alguns dos aspectos mais caracteristicos da vida de familia no Brasil do seculo passado. Para o estudo tambem do que se póde considerar a formação de “constantes” ou “regularidades” da vida e do character brasileiros.

O registro de occurrencias e recorrencias de familia feito tão cuidadosamente por Felix Cavalcanti no seu “livro de assentos” é ainda interessante, do ponto de vista sociologico e historico-social, como illustração do processo de desruralização da antiga aristocracia pernambucana, tão intenso durante o seculo XIX. O caso de Felix e dos irmãos, perdendo o engenho por morte do pai, e sendo forçados a vir para a cidade com poucos recursos e em circumstancias difficeis e amparando-se então no emprego publico, de modo a poderem criar e educar patriarchalmente numerosos filhos, é o caso, no Norte, de varios outros Cavalcantis, Albuquerque, Mellos, Wanderleys, Paes Barrettos, Rego Barros, Acciolys Lins.

Typica é tambem a sua preocupação de fazer dos filhos, bachareis e doutores e das filhas, professoras, procurando no prestigio, então ascendente, do saber,

das letras, dos titulos intellectuaes e scientificos, compensação para a perda ou o declinio do outro prestigio : a posse de terras, de escravos, de engenhos, de titulos da G. N. Outras distincções, outras vantagens, outras formas de dominio ou de decoração social em lugar das velhas e tradicionaes.

Varios dos filhos e netos de Felix regressaram á terra e a engenhos ; mas sem as raizes profundas dos avós, sem o antigo bom animo rural. A maior parte delles, e a mais bem succedida urbanizou-se, integrada no serviço publico, na magistratura, no magisterio, na politica, tendo um dos seus filhos, o Dr. Democrito Cavalcanti de Albuquerque, attingido posição de relevo nacional.

O processo de desruralização e ao mesmo tempo de sophisticação da familia sob o estímulo de contactos novos no meio urbano, manifesta-se de modo pittoresco nos nomes que Felix Cavalcanti foi dando aos filhos : nomes gregos e romanos ; nomes cheios de erudição profana ; nomes com certo travo de paganismo e até de irreverencia pela tradição catholica, como insinuou, n' *O Carapuceiro*, o Padre Lopes Gama : Lycurgo, Democrito, Heraclito, Thales, Theocrito. E não mais os nomes simples e lyricamente christãos dos meninos baptizados nas capellinhas das casas-grandes de engenho ; os Antonios que ficavam Tonicos e Toinhos, os Franciscos que ficavam Chicos, os Pedros que ficavam Pepês, Pedrocas, Pedrinhos, os Manueis que ficavam Nezinhos, as Marias da Conceição, as Marias da Annuniação, as Marias das Dôres, as Marias dos

Anjos, de Jesus e da Gloria, as Therasas, as Francis-
cas, as Manuelas, as Joaquinas, as Simôas, as Ge-
nebras, — nomes de santos, de santas, de Nossa Se-
nhora, da historia sagrada, de folhinhas approvadas
pelas auctoridades ecclesiasticas. Nomes repetidos dos
das mães, das avós, das bisavós dos primeiros tempos
coloniaes.

Com relação aos nomes de menino tirados da his-
toria profana, e não mais da sagrada nem da folhinha,
deve-se notar que nem Felix Cavalcanti nem o velho
José Antonio Gonsalves de Mello — outro que só deu
aos filhos nomes gregos e romanos — foram jamais ao
extremo dos seus parentes, os Fonseca Galvão ; dessa
familia pernambucana houve um ramo que, por exag-
gerado nativismo, substituiu o Galvão por Carapeba ;
e por liberalismo ou francesismo deu aos pobres dos
meninos nomes então aterradores como o de Voltaire.
O velho José Antonio contentou-se em chamar a um
dos filhos Cicero Brasileiro e a outro Ulysses Pernam-
bucano, conciliando assim o romantismo nativista com
o classicismo greco-romano.

A tradição dos nomes gregos e romanos conserva-
da, de modo geral, nos nomes dos netos de Felix Caval-
canti — como tambem nos dos seus primos, os netos de
José Antonio Gonsalves de Mello — foi se perdendo na
quarta geração, que foi tendo nomes inspirados por
novellas e romances e pela historia menos antiga : Eg-
berto, Roberval, Nelson, Alice, Clarice, Albertina, Gil-
berto, Abelardo, Adolpho, Oscar, Waldemar, Humber-
to, Mario, Guiomar, Nadir, Nadia, Carmen.

Dos nomes de meninas, deve-se notar que se conservaram, na maior parte, até o romantismo litterario da quarta geração, os tradicionaes, os de santas, os de avós — adoçados na intimidade em “Yáyá”, “Sinhá”, “Tété”, etc. : Maria, Francisca, Joaquina, Theresa, Manuela. Escaparam — com uma excepção ou outra — ao classicismo greco-romano que encheu a familia de Lycurgos e Ciceros, de Democritos e Ulysses. Escapou tambem a familia de Felix — como a de José Antonio — ao americanismo, isto é, ao “yankismo” republicano dos Washingtons, dos Lincolns, dos Benjamins-Franklins, dos Jeffersons, dos Hamiltons. Tambem ao hispano-americanismo dos Bolivares e dos Juarez.

Efeito talvez — essa immuidade — do horror que a ideologia republicano-democratica, representada tão salientemente pelos Estados Unidos e pelas republicas hispano-americanas, inspirava ao patriarchalismo intransigentemente monarchico de Felix Cavalcanti. Dos norte-americanos elle só admittia as virtudes particulares : as que elles conservavam — ao seu vêr — dos avós ingleses engrandecidos pela monarchia.

* * *

As notas que Diogo de Mello Menezes accrescentou ao diario — ou quasi-diario — do bisavô, como as que apparecem nesta introduccão já tão longa, baseiam-se, umas em chronistas e jornaes da epoca, outras em

papeis e tradições oraes de familia. Principalmente as conservadas pela filha do velho Felix: nossa bôa parenta Maria Cavalcanti de Albuquerque Mello (Yáyá), felizmente ainda viva e com excellente memoria.

Recife — 1939.

GILBERTO FREYRE

LIVRO DE ASSENTOS

DE

FELIX CAVALCANTI

Para que serve este livro

Serve este livro para os meus assentos particulares, especialmente os que forem relativos á minha casa e á de meus paes Francisco Casado de Albuquerque e D. Rosa Francisca da Camara.

Meu pae nasceu em 1774. Era filho de Antonio Bezerra Cavalcanti de Albuquerque, nascido em 1766, casado com D. Messia Manoela de Barros Wanderley (1). Minha mãe nasceu em 1784. Era filha de Felix José Pimentel, casado com D. Antonia Maria da Camara. Meu pae casara-se, em segundas nupcias, com minha mãe em 1808.

Estes assentos extrahi de outros feitos por meu pae, e os mais que se seguem são os de que tenho conhecimento proprio. São por mim escriptos e principio n'esta data.

Povoado dos Arrombados (2), da Cidade de Olinda, 1.º de Março de 1863.

Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello.

(1) Na *Nobiliarchia Pernambucana* de Antonio Victoriano Borges da Fonseca, recentemente publicada na integra pelo Dr. Rodolfo Garcia nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* (vol. XLVII), escreve-se "Mecia".

(2) Lugar a pouca distancia da cidade de Olinda, do qual é um suburbio; hoje se denomina: Duarte Coelho. Em 1645, segundo Sebastião Galvão, tinha este logar a denominação de *Mazombos*.

Data do meu nascimento.

De assentos feitos por meu pae e que chegaram ao meu alcance consta que eu nasci aos 4 de Junho de 1821, no Engenho Jundiá, da freguezia da Escada, que então fazia parte da comarca do Cabo.

Sahida de Jundiá.

Em 1830, tendo minha avó D. Antonia Maria da Camara vendido esse Engenho (Jundiá), meu pae mudou-se para o Engenho Jussarasinho, na freguezia de Ipojuca.

Cheia de 1832.

Em 1832 as enchentes dos rios attingiram proporções tão extraordinarias, que os antigos, admirados, diziam : “não temos noticia d’outra igual”.

Mudança para Quitinduba

N’esse mesmo anno de 1832, meu pae mudou-se para o Engenho Quitinduba, na freguezia de Serinhãem.

Fallecimento de meu pae

No dia 10 de Fevereiro de 1836, ás 4 horas da manhã, no Engenho Quitinduba, falleceu meu pae, de diabetes. Morreu com 58 annos de idade.

Fallecimento de meu mano Pedro

Pedro Jorge de Souza, meu mano, nascera em 1812.

Casamento de minha mana Maria

Em 1836 casou-se minha mana Maria com Francisco Jorge de Souza, irmão de D. Jacintha, mulher de meu mano Pedro.

Mudança de minha mãe para o Recife

Em Maio de 1835, mudou-se minha mãe para o Arrayal, arrabalde do Recife. Mudou-se do Engenho Quitinduba.

Mudança para Beberibe (1)

Em Novembro de 1835, mudou-se minha mãe para a povoação de Beberibe, onde acabei de aprender primeiras letras com o professor Alexandre José Dornellas.

Nascimento de Joaquim, 1.º filho de minha mana Maria

Em 17 de Outubro de 1834, nasceu Joaquim, 1.º filho de minha mana Maria.

Casamento de meu mano Lino

Em Novembro de 1834 casou-se meu mano Lino com D. Rosa, irmã de meu cunhado Francisco Jorge de Souza.

Nascimento de Joaquim, 1.º filho de meu mano Lino.

Em 17 de Outubro de 1837, nasceu Joaquim, 1.º filho de meu mano Lino.

(1) Beberibe era então, nas palavras de um chronista, "logar gentil rodeado de magnificas mattas", em torno de uma capelinha do antigo engenho do mesmo nome, que seria reedificada em 1850 por Frei Caetano de Messina. Tambem as aguas do seu rio eram "assaz apreciadas" para banhos.

Mudança para Apipucos (1)

Em 1837 mudou-se minha mãe para Apipucos, e n'esse mesmo anno passou-se para os Afogados.

Casamento de minha mana, Francisca

Em 1838, nos Afogados, casou-se minha mana Francisca com Miguel Archanjo Pimentel. Minha mana tinha 21 annos de idade; nascera em 1817.

Fallecimento de meu mano Miguel

Em 1839 falleceu meu mano Miguel. Tinha 20 annos; nascera em 1819.

Mudança para a Varzea (2)

Em 1860, mudou-se minha mãe para a povoação da Varzea.

Mudança para os Arrombados

Em 1861 mudou-se minha mãe para os Arrombados, em Olinda.

Data do meu casamento.

Em 18 de Fevereiro de 1843, ás 4 horas da tarde, nos Arrombados, casei-me com D. Joaquina, filha do

(1) Apipucos se acha a 8 k 777 m a oeste da cidade do Recife, sendo banhado pelo rio Capibaribe. Era então muito procurado, como o Monteiro e o Poço da Panella, não só para os "passamentos da festa" das familias distinctas de Pernambuco, como pela amenidade do seu clima, considerado optimo para convalescentes. O nome de Apipucos é o de velho engenho que alli existiu.

(2) Data o povoamento desse lugar — que é hoje um aprazivel suburbio do Recife — do fim do seculo XVI e era conhecido, segundo Pereira da Costa, por *Varzea do Capibaribe*, lugar muito ligado ás luctas contra os hollandeses no seculo XVII.

Capitão Joaquim Manoel de Oliveira e Silva e D. Francisca Maria Paes de Mendonça. Tínhamos gráo de parentesco, para dispensa.

Mudança para Fóra de Portas (1)

Em 27 de Fevereiro de 1843 (nove dias depois de casado) fui morar em Fóra de Portas, e logo principiei a leccionar primeiras letras em casas particulares. Minha mãe ficou nos Arrombados.

Nascimento de minhas filhas

Em 12 de Setembro de 1843, ás 11 horas da manhã, minha mulher deu á luz duas meninas, primeiro parto, as quaes viveram o tempo para se baptizarem. Moravamos em Fóra de Portas.

Mudança para a rua da Gloria

Em 15 de Outubro de 1843 mudei-me para a rua da Gloria, na Bôa Vista, indo minha mãe morar commigo.

Mudança para a rua Imperial

Em 8 de Janeiro de 1844 mudei-me para o Aterro dos Afogados (2).

Fallecimento de minha irmã Anna

Em o dia 5.ª feira maior, de 1844, na casa n.º 29, á rua da Gloria, onde ficara minha mãe residindo depois

(1) Assim se chamava na freguezia de S. Fr. Pedro Gonçalves toda parte do norte do edificio da Capitania do Porto "porque como as cidades antigas o Recife teve portas".

(2) Depois Rua Imperial. Noutro lançamento, Felix Cavalcanti escreve "Aterro do Afogado".

de minha mudança para a rua Imperial, falleceu minha irmã Anna, com 26 annos, solteira. Havia nascido em 1820.✱

Mudança para o sobradinho

Em 10 de Junho de 1844, mudei-me para o sobradinho n.º 100, na mesma rua Imperial

Nascimento de meu filho Heraclito

Em o 1.º de Setembro de 1844 (domingo) ás 11½ horas da manhã, nasceu meu filho Heraclito, no mesmo sobradinho n.º 100, da rua Imperial.

Mudança para a Boa Vista

Em 3 de Junho de 1845, mudei-me para a rua da Matriz da Boa Vista.

Nomeação para o Arsenal de Guerra

Em 10 de Junho de 1845, fui nomeado regente dos educandos do Arsenal de Guerra ; prestei juramento e entrei em exercicio no dia 17 e logo n'esse mesmo dia passei a residir no mesmo Arsenal com minha familia.

Nascimento de meu filho Aristarcho

A's 4 horas da tarde, do dia 8 de Junho de 1864, no mesmo Arsenal de Guerra, onde eu residia com minha familia, nasceu meu filho Aristarcho. Baptizou-se na Matriz de Santo Antonio.

Mata-mata Marinheiro (26-27 de Junho de 1847)

O povo do Recife sublevou-se a semana passada contra os portuguezes, do que resultaram algumas mortes e muita pancadaria.

Nada por mim pude fazer pelos portuguezes. Abri, porém, a porta da minha casa, que ficava em frente á rua da Praia e gritei para todos que podiam vir abrigar-se n'ella, mandando immediatamente pedir ao Director do Arsenal uma guarda, o que elle fez de prompto, mandando-me quatro soldados armados. Ainda poderam aproveitar-se d'este amparo uns 30 portuguezes, mais ou menos.

Os odios contra o antigo dominio portuguez, abafados, esperavam occasião em que o acaso favorecesse a sua explosão : essa occasião chegou, ou antes fizeram-na chegar, a semana passada.

A independencia do Brazil, proclamada em 1822, arrefecera, por algum tempo, o espirito revolucionario em Pernambuco. Mas não o destruiu..

Francisco do Rego Barros (depois Barão da Boa Vista), homem probo e amante do progresso de sua patria, nomeado em 1838 Presidente d'esta Provincia, não pôde seguir os generosos impulsos do seu coração ; parte de sua numerosa familia criou-lhe desde o principio serios embaraços ; varios dos seus parentes continuaram na pratica de abusos, confiando na indulgencia do Barão.

Os adversarios politicos, fechando os olhos aos beneficios promovidos por Francisco do Rego Barros em

Pernambuco, só enxergavam os erros praticados por membros da família, de que o faziam responsável.

Não obstante as dificuldades que se antepunham á sua marcha a Provincia de Pernambuco attingira com Rego Barros um gráo de adiantamento e prosperidade, que causava inveja ás suas irmãs, tanto ás do norte como ás do sul, e a geração futura não poderá negar um voto de gratidão á memoria de tão illustre administrador.

Para conseguir os seus fins era-lhe preciso proteger o commercio, de cujo concurso elle precisava. Mas o commercio estava nas mãos dos portuguezes, na sua maior parte.

Dispensada a protecção aos portuguezes tornaram-se elles muito orgulhosos. O animo dos pernambucanos era por demais ardente para se sujeitar a tamanho orgulho dos commerciantes lusitanos, sob o amparo do Governo.

Em 1840 appareceu o *Diario-Novo*, o qual procurou reunir os membros dispersos do partido Chimango (1), ou Luzia, e organizar novo partido de Opposição, a que mais tarde Sebastião do Rego Barros, irmão do Barão da Bôa Vista, por escarneo, deu o nome de *Praieiro*, dando como origem do appellido o ser a typographia do *Diario Novo* na rua da Praia. Jeronymo Villela de Castro Tavares retribuiu o epitheto denomi-

(1) Tinham a alcunha de "Chimangos" os "liberaes" ou "progressistas", que fizeram a campanha da maioridade. Veja-se Alfredo de Carvalho, *Phrases e Palavras — Problemas historico-etymologicos*, Recife 1906. Os liberaes foram tambem chamados "Luzias".

nando o partido governista de *Guabirú*. (1) Depois ficou este com o nome de Conservador e o outro com o de liberal.

O *Diario-Novo* iniciou a sua opposição á politica Conservadora em linguagem acerba e virulenta. Seu liberalismo era excessivo.

O facto do commercio a retalho se achar "monopolizado pelos portuguezes" quando, na phrase do *Diario-Novo*, devia ser "exclusivo dos brasileiros", servia de incentivo áquella opposição aos Conservadores e atrahia o povo para o lado dos Liberaes.

Novas folhas appareceram aconselhando o povo a reivindicar os seus direitos. Elles eram brasileiros: deviam reagir contra os estrangeiros. Todas as noites havia reuniões populares, nas quaes se procurava exaltar mais os animos do povo. Essa exaltação cresceu até tocar ao delirio. No fim de algum tempo, a medida estava cheia; tinha que transbordar e transbordou.

Um estudante do lyceu, chamado Cordeiro, foi a um armazem de carne secca e disse um gracejo ao caixeiro. O portuguez respondeu-lhe com outro. O estudante applicou-lhe então uma bengalada e o caixeiro sacudiu-lhe um peso de ferro que o offendeu ou não, não se sabe direito, e o tumulto se fez. O povo come-

(1) Sobre a alcunha *Guabirú* escreve Alfredo de Carvalho nos seus referidos estudos historico-etymologicos: "Qualificando de *Guabirus* aos *baronistas* — como tambem foram chamados os conservadores de Pernambuco, devido ao seu chefe, o barão da Boa Vista — os liberaes houveram recurso a um epitheto, que quadrava a primor com a indole das retalições partidarias. Realmente, *guabirú* era entre os tupis o nome do rato, nome que, na opinião autorisada de Baptista Caetano, se pode considerar contracção de — *guab* + *porú*, significando o que devora a comida".

çou a correr em desordem para o logar do conflicto gritando : mata-marinheiro !

Exaltados da politica Liberal fizeram desaparecer o estudante, espalhando a noticia de ter elle succumbido á violencia da pancada de um peso de ferro que o caixeiro lhe sacudira. Mandaram ás igrejas dobrar a finados, procurando assim aguçar a sanha do povo.

A insidia produziu o effeito desejado e o drama começou a tomar proporções terriveis.

Se não fosse a energia do Governo, a cidade do Recife teria escripto a sangue uma pagina de recordação tristissima.

O Vice-Presidente da Provincia, Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira, deu provas de prudencia e valor civico. Prompto em suas deliberações, tratou de empregar os meios de brandura para dispersar o povo, ordenando ao mesmo tempo o emprego da força, no caso de obstinada resistencia.

A presença de Nunes Machado, o grande chefe Liberal, só por si teria sido capaz de suspender a furia do povo. E' pena que estivesse fóra da Provincia.

Alguns individuos mais salientes na frente de numeroso povo se dirigiram á Assembleia Provincial a pedirem a expulsão dos portuguezes e que a Assembléa decretasse que o commercio a retalho passasse a ser exclusivo dos brasileiros. Semelhante disparate attesta a demencia de um povo quando levado á exaltação politica.

Felicamente alguns membros mais prudentes do Partido Liberal não concordando com os abusos dos seus

correligionarios, uniram-se ás forças do Governo e conseguiram dispersar o povo. A ordem restabeleceu-se. O estudante... "resuscitou".

Nascimento de minha filha Lisbella

No dia 20 de Agosto de 1847, ás 11½ horas da noite, no Arsenal de Guerra, onde eu resido, nasceu minha filha Lisbella. Baptizou-se na Matriz de Santo Antonio, sendo seu padrinho meu sogro Joaquim Manoel de Oliveira e Silva.

Ataque do Recife (2 de Fevereiro de 1849).

A revolução descendo do interior da Provincia, tratou de dar o ultimo golpe contra o Governo atacando a capital (1).

João Paulo Ferreira, Tenente Coronel da Guarda Nacional de Olinda, com uma porção de camaradas fôra occupar Maricota, localidade duas legoas ao norte d'aquella cidade. De toda a Provincia affluia gente para o logar da reunião e a revolução tomava proporções enormes.

O Deputado, Dezembargador Joaquim Nunes Machado, chefe principal do Partido Liberal, achava-se no Rio de Janeiro. Não approvou o movimento arma-

(1) Refere-se á Revolta Praieira, de elementos Liberaes contra os Conservadores, depois da volta destes ao poder em 1848; movimento, segundo Joaquim Nabuco, mais que politico, social e feito a estes dois elementos: o estrangeiro e o territorial. Por quatro annos, desde 1844, o Partido Liberal estivera no poder, tendo o Presidente Chichorro da Gama tomado medidas radicaes contra o elemento que Nabuco chama "territorial" isto é, os grandes senhores de engenho. Nas eleições para senadores, sob Chichorro, lembra Joaquim Nabuco em *Um Estadista do Imperio*, que a Policia, pelo terror, conseguira quebrar o vinculo entre os moradores e os senhores de engenho "seus naturaes protectores". Dahi, no interior, o ambiente favoravel á revolta.

do e escreveu aos amigos de Pernambuco, pedindo-lhes que fizessem dispersar o povo ; já não era possível ; a sorte estava lançada. Pernambuco devia resvalar na revolução.

Foram os proprios amigos de Nunes Machado que o sacrificaram. Espalharam que elle passara para o lado contrario. Nunes Machado, cujo temperamento se inclinava ao orgulho, não duvidou affrontar os horrores da sorte para conservar ilesa e sem mancha a nobresa do seu character. Não hesitou em expor-se aos asares da guerra civil para subtrahir-se ao qualificativo de traidor.

Correu a Pernambuco e logo no dia da sua chegada espalhou boletins, assegurando a sua adhesão ao Partido Praieiro e immediatamente collocou-se á frente do movimento.

A sua presença, a sympathia e o respeito de que o Desembargador gosava, animaram o povo.

As forças praieiras dividiram-se em duas columnas ; uma foi acantonar-se nas matas de Agua Preta, ficando a outra ao norte.

Houve alguns encontros com as forças do Governo. O valor pernambucano sustentou com vantagem as gloriosas tradições dos seus antepassados ; porem sem outro fructo alem da destruição ; muitos não sabiam para que, nem por que, brigavam.

Conhecendo os chefes da revolução que não era possível prolongar por mais tempo a resistencia por lhes faltarem os recursos materiaes ; não querendo recorrer á rapina e á devastação, meios que repugnavam aos seus

sentimentos generosos, determinaram pôr termo á lucta fratricida desfechando o ultimo golpe sobre a capital.

Com effeito, ao amanhecer do dia 2 de Fevereiro de 1849, chegaram ás portas da cidade do Recife.

A intrepidez com que se apresentaram, especialmente a columna do Sul, commandada por Borges da Fonseca, quase que não encontrou resistencia na força que os esperava por aquelle lado.

Derramaram-se pela cidade, onde os actos de bravura de um e outro lado attestaram que em lucta entre pernambucanos só se encontra o triumpho na superioridade do numero.

A columna do norte, commandada por Nunes Machado, entrando pela Soledade, encontrou força tão respeitavel que não lhe foi possivel ganhar terreno. Todavia, o valor que inspirava tão denodado chefe, as sympathias de que gosava, pareciam bastantes para arrostar a superioridade numerica dos adversarios.

N'essa occasião o Desembargador entendeu sahir á rua, para animar a sua gente. E' quando uma bala certaíra afasta para sempre o grande patriota da companhia dos seus amigos.

A morte do Desembargador infundindo nas columnas Praeiras tanto desanimo, quanto valor inspirara a sua presença, deu ganho de causa aos adversarios.

A noticia passando logo á força contraria e espalhando-se immediatamente por toda a cidade e a chegada, ao mesmo tempò, do General José Joaquim Coelho, que se suppunha no interior da Provincia, tudo isso, reunido, poz termo á lucta.

Julgamento dos Praieiros

10 de Agosto de 1849. Os cabeças e alguns mais compromettidos na revolta, contra a expressa disposição do artigo 93 da lei de 3 de Dezembro de 1841, são conduzidos á barra do Tribunal do Jury do Recife, para serem julgados por aquelles mesmos contra quem haviam combatido.

José Thomaz Nabuco de Araujo, Conservador, um dos mais encarniçados adversarios do Partido Liberal, é o presidente do Tribunal; Francisco Xavier Paes Barreto, o promotor. Este sabe-se que lamenta não haver no Codigo Criminal pena mais grave de que a de morte para ser applicada aos rebeldes.

Muitos condemnados para o presidio de Fernando Noronha! Propugnadores da liberdade vão pagar naquelle ermo o tributo da dedicação á causa que defenderam.

D'entre os martyres d'essa revolução, um que muito tem soffrido é o Coronel Henrique Pereira de Lucena. Aos horrores da prisão accrescentaram-se insultos e máos tratos. No proprio Palacio deram-lhe com um couce d'arma.

E' um homem respeitavel pela dignidade do seu character, pela idade, pela posição social e tambem pela dedicação á causa que abraçou.

Interrogado pelo Presidente Manoel Vieira Tosta, respondeu-lhe com a coragem que caracteriza o homem que tem consciencia dos seus actos, mostrando na energia das suas palavras que, tendo meditado antes de

entrar na revolução, zombava de suas consequências na adversidade.

Exoneração do Arsenal de Guerra

Em 17 de Junho de 1849 fui exonerado do logar de regente do Arsenal de Guerra entregando o exercicio no dia 20, e na noite d'esse mesmo dia mudei-me para a rua Direita. (1).

Mudança para S. Antão (2)

Em 4 de Setembro de 1849, mudei-me para a cidade da Victoria, comarca de Santo Antão.

Fallecimento de minha irmã Gertrudes

Em 10 de Dezembro de 1869, falleceu, na rua do Pires, na Boa Vista, minha irmã Gertrudes, solteira. Havia nascido em 1822.

Nascimento de Democrito

Em 15 de Fevereiro de 1850, ás 5 $\frac{3}{4}$ horas da tarde, na rua Lagoa do Barro da cidade da Victoria, nasceu meu filho Democrito (3).

(1) Por essa época as demissões tornaram-se verdadeira calamidade em Pernambuco. O Barão de Boa Vista durante sete annos no poder dera 32 demissões: o Sr. Manuel de Souza em 36 dias de governo, 300; Chichorro da Gama, na sua administração, 350. Veja-se a respeito *Um Estadista do Imperio*, de Joaquim Nabuco.

(2) Antes de 1843, Santo Antão era o nome do hoje municipio de Victoria e de sua sede. Naquelle anno, a villa foi elevada á categoria de cidade, recebendo então o nome de Victoria, "em homenagem e recordação á batalha de 3 de Agosto de 1645, ganha com denodo e valor pelos nossos no monte Tabocas a 9 kilometros a oeste daquella cidade". Por muito tempo, porém, os pernambucanos mais velhos persistiram em dizer "Santo Antão".

(3) Democrito Cavalcanti de Albuquerque, que occuparia cargos de relevo na vida administrativa e politica de Pernambuco e do Paiz.

Fallecimento de meu sogro

Em 20 de Abril de 1851, ás 8 horas da noite, falleceu, em minha casa, meu sogro Joaquim Manoel de Oliveira e Silva. Foi sepultado na Matriz de Santo Antão.

Nascimento de meu filho Francisco

Em 20 de Junho de 1852, ás 11½ horas da noite, na cidade da Victoria nasceu meu filho Francisco.

Mudança de minha mãe para a Victoria

Em 12 de Setembro de 1852, veio minha mãe para a cidade da Victoria, para morar em minha casa.

Fallecimento de minha irmã Maria

Em 9 de Abril de 1853, falleceu minha irmã Maria, casada com Francisco Jorge de Souza. Havia nascido em 1818; tinha 35 annos de idade.

Chegada de Jacob a minha casa

Em 9 de maio de 1853 chegou á minha casa o escravo Jacob e em 7 de Junho do mesmo anno, 28 dias depois da chegada, morreu de bexiga; e pendendo litigio sobre elle, requeri vistoria. Escrivão Lins de Albuquerque. (1).

(1) A bexiga fazia então numerosas victimas em Pernambuco, inclusive no Recife. Em 1825, após o movimento conhecido por *Confederação do Equador*, houvera terrivel epidemia. "as praças publicas viviam atulhadas de bexigentos" diz um chronista citado por Octavio de Freitas, *Os nossos medicos e a nossa medicina*, Recife 1904.

Fallecimento de meu filho Francisco

Em 17 de Junho de 1853, ás 11½ horas da noite, falleceu meu filho Francisco, da bexiga. Falleceu á mesma hora em que nasceu.

Mudança para a rua Imperial

Em 11 de Outubro de 1853 mudei-me para a rua Imperial (Aterro do Afogado) n.º 191, ficando ainda minha familia na Victoria, d'onde sahio no dia 16 de Novembro do mesmo anno de 1853.

Volta de minha familia para a Victoria

Em o 1.º de Abril de 1856, voltou minha familia da rua Imperial para a cidade da Victoria e fomos morar na rua da Paz.

Cheia de 1854

Em 23 de Junho de 1856, as cheias assumiram proporções assombrosas. Parecia um diluvio.

As tradições não accusam cheia igual; causou horror. Felizmente não houve desgraça nenhuma a lamentar. (1).

Baptisado do meu filho Felix

Em 5 de Setembro de 1856, baptisou-se meu filho Felix na Matriz de S. Antão.

(1) As cheias faziam estragos enormes, em Pernambuco, sua força vindo a ser attenuada por obras de engenharia, algumas das quaes se devem aos engenheiros franceses a serviço da Provincia. O mais notavel delles, Vauthier, estudara profundamente o assumpto de 1841 a 1846, tendo deixado suggestões valiosas a respeito. Veja-se a respeito o livro de Gilberto Freyre *Um engenheiro francês no Brasil*, Rio, 1940.

Mudança para a mesma rua

Em 5 de Setembro de 1856 mudei-me para a casa, propriedade de Paulino Ferreira, na mesma rua.

Chrisma de Heraclito e Yôyô

Em 14 de Dezembro de 1856, chrismaram-se meus filhos Heraclito e Aristarcho. Heraclito, n'essa occasião, a pedido do padrinho, tomou o nome de Manoel e Aristarcho o de José. Heraclito aceitou, Aristarcho não aceitou, preferindo o nome de baptismo.

Apparição do cholera morbus

No dia 14 de Janeiro de 1854, se deu no Engenho Cacimbas, do termo de Santo Antão, o primeiro caso de cholera-morbus n'esta comarca. (1).

Esse monstro horrendo, desertando das margens do Ganges, veio communicar ao Brasil os seus horri-veis estragos !

Tendo percorrido toda a Provincia do Pará, saltou para a da Bahia, e seguiu para o sul do Imperio.

Voltou a Sergipe, Alagoas e atacou Pernambuco. Tudo dentro deste tristissimo anno de 1854.

A comarca de Garanhuns foi o primeiro ponto da Provincia invadido pelo cholera. Passou a Papacaça

(1) Diz Octavio de Freitas que o cholera morbus foi introduzido no Brasil "em meados de 1855 por intermedio da barca *Defensora* que o trouxera do Porto" para a capital do Pará. Em Pernambuco, o primeiro ponto invadido foi effectivamente Aguas Bellas, na freguesia de Garanhuns, donde, diz Octavio de Freitas, se passou a Papacaça, Cacimbas, Santo Antonio e Recife. Veja-se sobre o assumpto, além do estudo de Octavio de Freitas, *Os nossos medicos e a nossa medicina, o Reminiscencias do cholera*, (Recife 1887), do Dr. Sá Pereira.

e a Altinho, seguiu para a capital e generalizou-se por toda a Provincia.

A cidade da Victoria, diz-se geralmente, foi a localidade de Pernambuco onde a epidemia lavrou com mais intensidade.

Foi, na verdade, um espectaculo horroroso, o do cholera na Victoria.

Os recursos da medicina eram todos baldados.

Ninguem reflectia ; ninguem atinava com o que devia fazer.

A morte ameaçando a todos, os cadaveres ficavam insepultos, a cidade entregue á desolação.

A propria atmospheria durante dias inteiros esteve carregada, as nuvens apenas dando passagem a uma luz baça e pallida, que só servia para fazer mais pungentes e mais tristes os effeitos da destruição.

As ruas constantemente desertas. Quando passava alguém, era tão taciturno que impressionava. Alguns passavam chorando. Outros, accommettidos do mal no caminho, eram logo conduzidos para o cemiterio.

A persistencia do mal embrutece o homem e torna-o insensivel. .

Via-se com uma mistura de dor e de indifferença morrer o amigo, o pae, o filho e o esposo, e a sensibilidade já amortecida não manifestava o pesar intenso que a todos devia dilacerar.

Geralmente pensava-se seguir em breve aquelle a quem se amava. Era a idéa que mais se misturava ao sentimento de saudade, que deixa o ente querido na occasião do apartamento eterno.

Oh, fatalidade! oh, tempo de angustia, de terror e de dor! Que funesta recordação deixaste gravada na memoria d'aquelles que escaparam a tua furia!

Dizem que o Conselho de Hygiene Ribeira, de accordo com o Presidente da Provincia, José Bento da Cunha Figueiredo, havia deliberado mandar incendiar a cidade, porque a esperanza de extincção do mal havia abandonado a todos. Felizmente um officio do delegado do termo dirigido ao Presidente, informando que a epidemia declinava de intensidade, suspendeu a execução do projecto.

Os dias de maior mortandade foram de 30 de Janeiro a 8 de Fevereiro. Do dia 9 em diante a situação foi-se modificando, e depois do dia 20 eram raros os casos. Em Maio ainda appareceram alguns, até que afinal extinguiu-se completamente o mal.

Constou das investigações da policia ter havido dia de fallecerem 120 pessoas, mortandade espantosa para uma cidade que não contava mais de 6.000 habitantes.

Houve quem contasse 300 cadaveres espalhados no cemiterio, o que se deve attribuir á accumulção de corpos que ficavam insepultos de um dia para o outro, accrescendo ainda que os que succumbiam nos arredores eram conduzidos para o cemiterio publico da Victoria.

Foi nos dias de mais horror, que minha mulher e eu fomos accomettidos do mal.

N'ella se manifestou com symptomas bem pronunciados; tanto que ella chegou ao estado algido; porrem felizmente escapou.

Eu senti somente a diarrhea, o que, para experiencia, não ataquei de prompto, entretendo o mal apenas com dieta e fracos medicamentos ; mas para o cholera não ha experiencia nem calculo e conseguintemente não ha remedio quando o mal se tem adiantado.

A noticia da morte inesperada de um amigo, meu companheiro de trabalho n'essa crise, que me foi dada no quinto dia do meu incommodo, produziu-me um suor viscoso, indicio que eu considerava precursor da morte. Meus olhos principiavam a afundar-se, e eu bem resignado via ou suppunha ver aproximar-se o instante derradeiro. Persuadi-me sinceramente de que morria.

Procurei então combater a diarrhea com aguardente e sal, segundo aconselhava o Dr. Sabino, do que me havia esquecido, mas que me foi lembrado por um amigo que se achava refugiado em minha casa ; e com effeito, o mal não resistio á segunda dose. Suspendeo logo a evacuação. Considerei-me escapo. Nada mais senti.

Devo dizer que reconheço como remedio principal qualquer dos já conhecidos, que se empregar com a maxima promptidão. Todo o segredo consiste em não deixar o mal adiantar-se, combatel-o ao mais ligeiro symptoma.

O espirito de camphora applicado ao mais leve indicio suspende qualquer invasão do cholera. Não exaggerou o Dr. Sabino, quando asseverou que o resultado da applicação do espirito de camphora era infallivel. Infelizmente o povo não se convence de que ligeiros indicios sejam prenuncios do cholera para combatel-os n'essa occasião.

O que presenciei durante essa crise medonha me trouxe a convicção de que não ha cholera fulminante. Nunca acreditei n'isso.

Vimos, eu e algumas pessoas, cahir na rua um homem que conduzia um balde d'agua. Chegamos a elle para acudil-o e estava morto. Proclamou-se que era o cholera fulminante. A mulher do morto, avisada chegou ali immediatamente. Perguntei-lhe se elle em casa já tinha sentido algum incommodo ; respondeu-me que nada, que estava muito bom, apenas tinha-lhe apparecido na vespera uma pequena indigestão, isto é, uma diarrhea ; o povo chama a diarrhea, indigestão. Eis ao que chamam — cholera fulminante.

Outro caso, no hospital, cuja direcção eu havia assumido á falta de medico : resuscitei uma mulher a quem iam enterrar. Os homens que a levavam, tendo precisão de pequena demora, pediram-me para deixal-a na calçada, por poucos instantes, recommendando-me que tivesse cuidado n'ella. Observei com pouco, que a mulher não estava morta ; chamei o enfermeiro, fil-a conduzir para dentro, tratamos d'ella — segundo as prescripções do Dr. Sabino, que aconselha o veratrum em qualquer caso de maior gravidade, e a mulher restabeleceu-se. Tambem tinha tido o cholera fulminante, como haviam dito os conductores.

Na 5.^a feira, 4 de Fevereiro, ainda minha mulher se debatia com o cholera, quando ás 11 horas da noite deu a luz uma creança do sexo feminino ; o parto assegurou-lhe o restabelecimento. No dia seguinte o Rmo.

Padre Branco baptizou a menina dando-lhe o nome de Maria. Viveu 73 horas. Falleceu á meia-noite de 8 para 9.

Fallecimento de meu mano Lino

Em 10 de Fevereiro de 1854 falleceu meu mano Lino Cavalcanti de Albuquerque. Residia na Boa Vista. Era casado em segundas nupcias. Havia nascido em 1815.

Fallecimento de meu filho Felix

Em 11 de Julho de 1854, ás 11 horas e 10 minutos da noite, na rua do Meio da cidade da Victoria, falleceu meu filho Felix. Não descreverei o pesar que senti.

Mudança para o sitio Sobradinho.

Em 19 de Fevereiro de 1857, mudei-me para o sitio Sobradinho, proximo á cidade da Victoria, o qual eu havia comprado a João de Barros Pimentel.

Fallecimento de Eugenio Sue

Nascido em Paris no dia 10 de Dezembro de 1804, Eugenio Sue falleceu no dia 3 de Julho ultimo (1857).

Eugenio Sue era verdadeira summidade literaria. No seu genero nenhum contemporaneo o excedeu. As obras que elle publicou estão ao alcance de todos para prova do que dizemos: leiam-nas e apreciem-nas.

Nascimento de Yáyá

Em 31 de Julho de 1857, 4.^a feira, ás 11 horas da noite, no sitio Sobradinho, nasceu minha filha Maria (Yáyá). Foi baptisada pelo Rm.^o Padre Felix.

Nascimento de Ramiro

Em 3 de Fevereiro de 1859, nasceu meu filho Ramiro ; foi baptizado n'esse mesmo dia pelo Rmo. Frei Joaquim Brayner.

Visita Imperial

Em 22 de Novembro de 1859, ás 8 horas da noite chegaram á cidade do Recife o Imperador e a Imperatriz do Brazil, desembarcando no Caes do Ramos, que depois tomou o nome de Caes de Vinte e Dois de Novembro.

O enthusiasmo e o regosijo do povo pernambucano n'esse dia pareceram tocar ao delirio. Dir-se-hia que Pedro 2.º baixava das nuvens.

Lembrança de minha mãe

Em 7 de Abril de 1860, sabbado de alleluia ás 4 horas da tarde, no sitio Sobradinho, falleceu minha mãe de diabetes. Foi a mesma molestia a que, 24 annos antes, havia succumbido meu pai. Contava 76 annos de idade. Nasceria em 1784, e casou-se em 1808.

Fazendo o triste lançamento da morte d'aquella que me deu o ser ; d'aquella que me estimava como parte de suas entranhas e que nunca cessava de invocar as benções do Ceo em meu favor, devo, em homenagem de gratidão filial, consagrar-lhe o tributo de minhas lagrimas.

Devo tambem narrar o modo como ella exhalou o ultimo suspiro.

Como já disse falleceu de diabetes. Nas proximidades do seu derradeiro dia, eram-lhe frequentes os ataques a que algum dia tinha de succumbir: ella os suportava com resignação, não cessando de invocar os sagrados nomes de Jesus, Maria, José.

No ultimo, a que eu não me achava presente, avisado corri a vel-a para pedir-lhe a ultima benção. Encontrei-a recostada sobre travesseiros; ella, logo que me percebeu, voltou para mim o rosto, quasi risonho e pronunciou estas palavras: “meu filho chegaste a tempo, Deus te aben...” Não concluiu; expirou.

Aquelle semblante que exprimia a resignação; aquella tranquillidade singela no momento supremo, fortificando-lhe o espirito, attestavam a puresa do seu coração e a confiança inabalavel no Ser Supremo, em presença da morte; offereciam a convicção de que a Mão do Todo Poderoso abria-lhe as portas á mansão dos justos.

Fallecimento de Josepha

Em 25 de Abril de 1861, no sitio Sobradinho, falleceu a mulata Josepha, escrava, a quem minha mãe ha muito havia libertado, porém ella por dedicação nunca quiz separar-se d'aquella a quem chamava Minha Senhora. Ao contrario: eram duas amigas sinceramente dedicadas. Acompanhou minha mãe até os ultimos momentos. Ella foi minha mãe de criação e d'outros meus irmãos. Por morte de minha mãe ella ficou em minha companhia.

Nascimento de Theocrito

Em 16 de Setembro de 1861, ás 10 horas da noite, no sitio Sobradinho, nasceu meu filho Theocrito.

Fallecimento de minha irmã Francisca

Em 15 de Novembro de 1861, ás 10 horas do dia, na cidade da Escada, falleceu minha irmã Francisca, casada que fora com Miguel Archanjo Pimentel. Havendo nascido em 1817: contava 44 annos de idade.

Cabe aqui registrar um factó extraordinario que se deu na vida d'esta minha irmã.

Preciso para isso remontar-me aos seus primeiros annos.

Quando ella nasceu nossos pais gosavam de prosperidade, tanto pecuniaria como de prestigio de familia; apesar dos preconceitos da epoca, minha irmã não conhecia a vaidade nem o orgulho. Occupava-se exclusivamente das obrigações domesticas: o resto do tempo que lhe sobrava empregava-o nos innocentes brinquedos proprios de crianças, e em rezar.

Entregava-se de coração a todos os actos de piedade e caridade. O serviço mais humilhante, que se fizesse preciso á pessoa de mais baixa condição, ella não se recusava a fazer; o seu coração só abrigava a compaixão.

Com a morte de nosso pai, a nossa casa perdeu a opulencia e esplendor de que antes gosava.

Minha irmã casou-se com um moço pobre, Miguel Archanjo Pimentel, o qual esperando muito tempo por

uma collocação no Recife mais ou menos vantajosa e não alcançando, propoz-se e conseguiu uma cadeira de primeiras letras no interior, sendo nomeado para Tacaratú.

Era ali Juiz de Direito José Felippe de Souza Leão, a quem Pimentel já conhecia e por isso foi facil identificarem-se.

José Felippe, fogoso e energico, apoiado por um forte destacamento, que ali foi posto á sua disposição, não hesitou em affrontar as iras dos mandões do logar. Prendeu e processou muita gente. Miguel associou-se a José Felippe : acompanhava-o em todos os actos da sua administração, tornando-se por isto coparticipante dos odios que se levantaram contra José Felippe.

Assim passou-se algum tempo.

Tendo José Felippe e elle vindo ao Recife encontraram o decreto que removia José Felippe para Caruarú.

Reconheceram que a vida de Miguel em Tacaratú, sem o amparo de José Felippe, corria perigo. José Felippe conseguiu então removel-o para a cadeira de Beberibe.

Assentaram de não voltar Miguel a Tacaratú e escrever á mulher dizendo-lhe que ella, com a familia toda, viesse para o Recife.

Sahio effectivamente ella d'ali em companhia dos filhos ; sendo um de 16 annos, uma menina de 11 e outro de 10 ; e mais duas meninas muito crianças.

Fizeram a viagem por terra procurando a cidade de Penêdo, para d'ahi seguirem em demanda ao Porto de Maceió afim de regularem a viagem para o Recife.

A's 4 horas da tarde tomaram passagem em uma barcaça com destino a Maceió. Partiram.

Seriam 11 horas da noite quando manifestou-se uma tempestade horrorosa. Um facho de fogo circulando todo o horisonte; relampagos; o som atterrador do trovão. O mar encapellado jogava com a fragil barcaça, como com um brinquedo de menino. Parecia a barcaça querer subir ás nuvens e precipitar-se nos abismos.

O fragor da tempestade, os gritos de agonia e de desesperação, o choro das crianças... tudo reunido abalava o animo mais vigoroso.

Minha irmã chorava e procurava amparar os meninos e ao mesmo tempo rezava com fervor. Os Divinos Nomes de Jesus, Maria e José não lhe saham da bocca.

Ignoravam todos a hora e altura em que estavam.

O mestre da barcaça, conhecedor da situação penosa em que a fatalidade os arrojara, gritava: "não há esperança de salvação, peçamos todos perdão a Deus, porque todos vamos morrer". Mal acabava de pronunciar estas palavras, quando minha irmã solta um grito de alegria: — "Snr. mestre, está tudo salvo, não temos que receiar mais nada, graças a Deus!

"Ah, enlouqueceu com o medo"! disse o mestre. "Não — respondeu ella, que tinha ouvido as palavras do mestre — não estou louca, confio na Providencia, estou em meu perfeito juizo. Asseguro-lhe que d'esta barcaça não cae um pedaço de panno — olhe, não tenho mais cuidado nos meninos, brinquem todos".

Em quanto, porém, ella assim fallava ; em quanto os passageiros e o mestre da barcaça continuavam suspensos pelo assombro que lhes causava a confiança com que aquella mulher, que reconheciam não estar louca, fallava e procurava animal-os, a tempestade tomava assombrosas proporções.

De repente pareceu que um poder sobrenatural suspendia a furia dos elementos ! Tudo socegou. Um silencio profundo succedeu áquella confusão indescriptivel. Só ella rompeu o silencio com estas palavras : “Eu não disse ?”

A barcaça entrava segura no porto de Maceió, para onde se destinava, e todos estavam tranquilllos.

Quem confiar no poder Divino nada receie.

Haverá quem não queira acreditar (ha pessoas que só acreditam no que querem) n’esta narração. Mas um facto sustentado pela ingenuidade de três crianças, corroborado pelo testemunho de quatorze pessoas, passageiras na mesma barcaça, leva a convicção ao espirito mais descrente.

Ao saltarem em terra, o mestre da barcaça e os demais passageiros se inclinaram reverentes á extraordinaria passageira.

Segunda apparição do cholera

Em 24 de Dezembro de 1861 repetio o cholera a sua visita ao logar Cruangys termo da comarca do Limoeiro, dando-se igualmente, n’esse mesmo dia, o primeiro caso no Engenho Tabocas na freguezia da Luz. D’essas duas localidades estendeu-se por toda a Provincia.

Na Luz conservou-se até Março de 1862, donde levantou o acampamento e veio instalar-se na cidade da Victoria, onde apenas conservou-se 15 dias, pouco mais ou menos, dando-se poucos casos.

Dia em que Sinhá foi acommettida do cholera

Em 16 de Junho de 1862, foi acommettida minha filha Lisbella (Sinhá) do cholera morbus. Tendo-se manifestado fraco, tomou depois aspecto grave. Quinze dias conservou-se de cama sem tomar alimento algum, alem d'uma colher de vinho do porto, que ás vezes lançava.

Vinte e um dias não deu esperança de vida e 68 passou sem se pôr de pé.

A supressão das urinas, que sobreveio, ia sendo mais funesta do que os outros soffrimentos causados pela molestia.

Tudo quanto os dois systemas medicos aconselham applicou-se mas em vão.

Cinco moscas torradas e dissolvidas em uma colher d'agua morna fizeram-na urinar em 13 minutos (trese minutos).

Um sertanejo do Brejo da Madre Deus foi quem me aconselhou este remedio, o qual eu recusei-me a aceitar; mas n'essa occasião estava lá em casa o meu amigo João Vicente, que se oppoz á minha recusa e elle mesmo foi procurar as moscas, eu as torrei, dei-as a beber á menina, o que produziu tão maravilhoso effeito.

Fallecimento de Theocrito

Em 3 de Julho de 1863 ás 4 horas da tarde, falleceu no sitio Sobradinho meu filho Theocrito.

Nomeação de escrivão de orphãos para a Escada

Em 14 de Novembro de 1863 fui nomeado escrivão de orphãos da Escada, exercendo tambem o cartorio do civil.

Mudança de minha familia para a Escada

Em 28 de Fevereiro de 1864, mudou-se minha familia, da cidade da Victoria para a da Escada.

Fallecimento de Pedro Affonso Ferreira

No dia 11 de Junho de 1865 falleceu o Major do Exercito Pedro Affonso Ferreira, o qual havia nascido em 24 de Setembro de 1826.

Pertencia a uma das mais illustres familias de Pernambuco (1).

Não sabemos quando sentou praça: sabemos, apenas, que succumbio aos golpes do inimigo no combate de Riachoelo.

Luctou com valor e denodo.

(1) Foi a familia a que se ligaram os Paranhos, da Bahia, pelo casamento de uma filha do Visconde de Rio Branco com o primo do Major Ferreira, o Dr. Pedro Affonso Ferreira, do Engenho Japaranduba — um dos taes casamentos entre as chamadas "dynastias" das Provincias aconselhados por João Alfredo. Um filho de Felix Cavalcanti, Aristarcho, casou-se em 1875 com D. Herundina Maria, filha do Major Pedro Affonso Ferreira, cuja sobrinha D. Dulce Ferreira casou-se com Cicero Brasileiro de Mello.

Nasceu o Major Pedro Affonso no anno de 1820. Assentou praça em 1825. Foi reconhecido 1.º cadete em 16 de Agosto do anno seguinte, alferes em 2 de Dezembro de 1839, a tenente a 13 de setembro de 1841.

Tomou parte na guerra civil do Maranhão em 1839, sendo gravemente ferido. Em 1844 seguiu para Alagoas, por occasião de uma revolução de onde voltou em 1846 e foi condecorado com o habito de Christo, pelos serviços prestados. Em 1843 foi recolhido preso á fortaleza do Brum por causa de um artigo que escreveu no *Diario Novo*. (Dados obtidos das notas para ampliação do *Diccionario dos pernambucanos celebres* de F. A. Pereira da Costa). Foi porem na Guerra do Paraguay que Pedro Affonso Ferreira se distinguiu, conquistando lugar de relevo entre os mais heroicos soldados que tem tido o Brasil. Succumbiu a golpes de machado dos inimigos, quando defendia no tombadilho do *Parnahyba* a bandeira nacional.

Pedro Affonso foi, incontestavelmente, gloria da sua classe e de sua gente.

A sua bravura e intrepidez não tinham que invejar aos feitos de heroes romanescos.

No periodo da guerra que acaba de terminar o Brasil provou ao mundo que nenhum povo jamais o excedeu em valentia. A sua marinha até então desconhecida foi, por escriptor francêz, considerada superior a todas que têm existido.

D'entre os innumerados feitos d'aquella quadra de heroismo, sobressae o combate de Riachoelo, no qual Pedro Affonso morreu gloriosamente.

Nomeação para a Secretaria da S. Casa

Em 24 de Junho de 1866 fui nomeado amanuense da secretaria da Santa Casa de Misericordia do Recife.

Mudança de minha familia para o Recife

Em 12 de Agosto de 1866 mudou-se minha familia da Escada para o Recife. Fomos residir na rua Augusta n.º 88.

Espaldeiramento de Borges da Fonseca (1)

Em 30 de Setembro de 1866, ás 3 horas da tarde, o Dr. Antonio Borges da Fonseca foi espaldeirado na

(1) Antonio Borges da Fonseca nasceu na provincia da Parahyba em 1808. Falleceu na cidade de Nazareth (Pernambuco) a 9 de Abril de 1872.

Era formado em direito por uma universidade allemã. Fizera seus estudos secundarios no Seminario de Olinda. Foi secretario do Governo em sua provincia natal e exerceu a advocacia no Recife.

Era republicano exaltado. Na tarde de 6 de Abril de 1831, achando-se no Rio de Janeiro, diz-se que foi o primeiro a apresentar-se no campo de Sant'Anna para protestar contra o ministerio de reacção anti-liberal excitando á rebellião os grupos que ahi se reuniam. Na chamada Revolução Praieira de Pernambuco (848) distinguio-se tambem pelo seu ardor, exaltação e audacia.

calçada da Matriz de S. José, da cidade do Recife, por aquelle mesmo povo por quem, 17 annos antes, n'aquelle mesmo logar, elle cheio de enthusiasmo expusera a propria vida.

Borges da Fonseca foi sempre republicano. Nunca trahio as suas ideias durante o periodo da sua vida politica e por isso nunca pertenceu definitivamente a nenhum dos partidos.

Quando em 1840 os partidos se extremaram em grande exaltação, Borges da Fonseca acostou-se ao então denominado Opposicionista ou Praieiro e depois Liberal, pela consideração de que o partido desgostoso estaria mais propenso ás ideias democraticas, ao passo que o partido no poder procurava extremar-se na identificação com a monarchia. D'isso têm dado sobejas provas os partidos politicos do Brasil depois da revolução de 48.

O Partido Liberal aceitou muito bem Borges da Fonseca, mas, subindo ao poder em 1866, meteu-o na cadeia.

Cahindo em 1848, o Partido Liberal proclamou a revolução e Borges da Fonseca apresentou-se á frente dos liberaes revolucionarios, offerecendo-lhes uma bandeira — a da Constituinte — porque elles não tinham nenhuma e eram como uma horda de insubmissos que não quizessem submeter-se ao governo legal.

Triumphando o Partido Conservador, Borges da Fonseca foi parar no presidio de Fernando de Noronha.

A Revolução Praieira assegurou ao Partido Conservador uma permanencia de muitos annos no poder.

Durante esse tempo Borges da Fonseca esteve ligado ao Partido Liberal.

Em 1862, Francisco Xavier Paes Barreto e outros membros do Partido Conservador, ambicionando mais alguma coisa, além do que lhes havia sido dado, des-tacaram-se dos correligionarios, os mesmos que os haviam elevado, e se proclamaram “liberaes”.

O Partido Liberal esquecido de que Paes Barreto fôra o promotor que lamentara, em 1849, não haver no Codigo Criminal pena maior de que a de morte para applicar aos cabeças da revolução de 1848 e que fôra o deputado que na respectiva camara pedira a chibata para a Guarda Nacional, com prazer o aceita para seu chefe!

Assim submeteram-se os liberaes ao dominio dos antigos “Guabirus” na esperança de, com elles, subirem ao poder; porque a questão é a do mando; porque no poder é que cada um melhor trata dos seus interesses particulares.

A boa fé não guia os partidarios politicos, no Brasil, e nem faremos a injustiça de suppor alguém tão imbecil que seja capaz de se enganar com elles.

A morte do Visconde de Albuquerque ocorrida em 16 de Abril de 1863 deixou vaga no Senado.

A ella concorreram: Urbano Sabino Pessoa de Mello, um dos antigos e distinctos chefes do Partido Praieiro e amigo fiel e inseparavel de Nunes Machado, de quem fôra o principal conselheiro; um dos mais dedicados defensores dos liberaes compromettidos na Revolta Praieira, cuja historia escreveu; e Francisco Xavier Paes Barreto.

Os serviços de Urbano já tinham passado. De Paes Barreto muito se podia esperar. Venceu Paes Barreto pelo suffragio geral dos Liberaes... Irra!

Fosse por indole, indifferentismo ou outra qualquer causa que não explico, nunca me filiei a nenhum partido politico, mas se por acaso me tivesse ligado ao Partido Liberal, d'elle me teria afastado, quando este partido aceitou Paes Barreto por seu chefe.

Borges da Fonseca é que nunca desanimou na sua lucta pelos principios liberaes.

Effectivamente no dia 30 de Setembro de 1866, acompanhado de grande onda de povo, dirigio-se á Matriz de São José, subio á calçada e principiou a fallar, quando alguns soldados de policia romperam por entre a multidão e junto com alguns paisanos o espaldeiraram.

Os espectadores assistiram a tudo com tanta indiferença, como se a elles não coubesse o maior quinhão de offensa.

A julgar pela tradição do brio pernambucano, Borges da Fonseca, cercado de tanto povo, não soffreria semelhante insulto, sem que primeiro aquelles que o acompanhavam fossem feitos em pedaços.

Occupava a Vice-Presidencia o Bacharel Manoel Clementino Carneiro da Cunha, que pertencia ao Partido Liberal e era chefe de policia Eduardo Pindahyba de Mattos, o qual com alguns soldados de policia e cavallaria presidiu esse acto de *moralidade e patriotismo*, e retirando-se depois, conduzio em triumpho o heroe do espaldeiramento.

Sirva isto de lição a aquelles que fraternizando com as massas, deixam-se levar pelos applausos e manifestações populares.

Estatística do Recife

Segundo acabo de lêr no *Jornal do Recife* (n.º 139 de 7 de Julho de 1867) consta a cidade do Recife de 8.875 casas ; sendo terreas 7.145, de um andar 798, de dois andares 665, de 3 andares 258 e de 4 andares 69. (1)

Este calculo confirma o que disse Pompêo no seu compendio de geographia de 1866, que dá á cidade do Recife, no anno de 1859, o numero de 6.768 casas distribuidas pelos tres bairros da maneira seguinte : Recife 1.198, Santo Antonio 4.429, Boa Vista 1.141.

Casamento de Sinhá

Em 28 de Setembro de 1867, ás 8 horas da noite, na rua Pedro Affonso, antiga da Praia, no sobrado n.º 43, 1.º andar, casou-se minha filha Lisbella com José Thales de Mello, filho de José Antonio Gonsalves de Mello e de sua mulher (2). Foi celebrante do acto o Remo. Congo Simão de Azevedo Campos, Vigario da freguezia da Escada. Completava Sinhá n'esse dia 20 annos, um mez e 8 dias.

Fallecimento de Feitosa

No dia 10 de Julho de 1816, nasceu na cidade do Recife o Dr. Antonio Vicente do Nascimento Fei-

(1) Despresadas as de 5 ou 6 andares ou com sótão.

(2) Havia entre Felix Cavalcanti e o velho Gonsalves de Mello esta afinidade : ambos davam aos filhos nomes gregos e romanos : Heraclito, Lycurgo Thales, Ulysses, Cicero, etc.

tosa, o qual falleceu no dia 29 de Março ultimo (1869). (1).

Foi uma das glorias de Pernambuco.

A uma intelligencia e illustração superiores, junta-va as qualidades que constituem o verdadeiro homem de bem. A honestidade e a moralidade traçavam-lhe o caminho da vida.

Grandes capacidades intellectuaes teem feito realçar o nome de Pernambuco no Imperio. Feitosa pode ser considerado uma dellas.

No Parlamento Francez foi citado como “o sabio jurisconsulto brasileiro, Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa”.

Era reconhecido como o primeiro advogado d’esta cidade.

A sua dedicação á politica e o patriotismo que o distinguia fizeram que depois o proclamassem chefe do Partido Liberal.

Esta chefia honrava o Partido Liberal. Mas sua dedicação á politica deu logar a que mais tarde os seus correligionarios, invejosos e mal agradecidos, lhe cavassem a sepultura.

(1) Nasceu o Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa na cidade do Recife a 10 de Julho de 1816. Filho de Vicente Ferreira do Nascimento Feitosa e de D. Anna Maria do Nascimento Feitosa. Formou-se em direito na Academia de Olinda, recebendo o grão de bacharel em 1837 e o de doutor em 1840. Tornou-se um dos advogados mais notaveis do Recife. Em 1863 foi eleito deputado á Assembléa Geral e por duas vezes votado, em lista triplíce para Senador do Imperio.

Publicou os seguintes trabalhos :

Commentarios sobre o Codigo de Commercio Brasileiro ; Reforma eleitoral : A altivez do homem do povo e Nepotismo e afilhadagem no fóro.

Falleceu na cidade do Recife a 29 de Março de 1869.

Para o seu escriptorio de advocacia corriam rios de dinheiro, porem Feitosa, fiel ás inspirações patrioticas, tudo sacrificava á politica.

Um só acto como homem publico ou particular que podesse tizar o brilho da sua vida nunca lhe foi apontado. A maledicencia jamais pôde attingil-o.

Pernambuco deve honrar-se de ter dado o berço a tão distincto patriota.

Casamento de Heraclito

Em 21 de Novembro de 1868, a uma hora da tarde, na freguezia de Ipojuca, na capella do Engenho Gaipió, casou-se meu filho Manoel Heraclito de Albuquerque com D. Maria Rosa, filha do Coronel José Felix da Camara Pimentel e sua mulher D. Maria Rosa. Completava Heraclito nesse dia 26 annos, 2 mezes e 21 dias de idade. Foi celebrante do acto, Frei Jeronymo, Guardião do Convento de Ipojuca.

Morte de Floriana

Em 18 de Dezembro de 1868 ás 6 horas da tarde, no 1.º andar do sobrado n.º 43 da rua da Praia, morreu de apoplexia fulminante a escrava Floriana, a qual eu havia comprado a Antonio Gonçalves da Silva.

Mudança para a rua Augusta

Em 18 de Dezembro de 1868, no mesmo dia da morte de Floriana, ás 7 horas da noite, mudei-me da

rua da Praia, para o 1.º andar do sobrado n.º 67 da rua Augusta (1).

Nascimento de Audifax 1.º filho de Sinhá

Em 19 de Janeiro de 1869, ás 10 horas e 40 minutos da noite, na rua Augusta n.º 67, 1.º andar acima indicado, nasceu Audifax, 1.º filho de minha filha Lisbella, e tambem o meu 1.º neto.

Mudança para a casa n.º 49

Em o 1.º de Fevereiro de 1869, mudei-me com meu genro José Thales, que residiamos na mesma casa n.º 67 da rua Augusta, para a immediata na mesma rua n.º 69.

Nascimento de José, 1.º filho de Heraclito

Em 5 de Setembro de 1869, ás 5 horas da manhã, no engenho Gaipió, nasceu José, 1.º filho de meu filho Heraclito.

Baptisado de José, 1.º filho de Heraclito

Em 23 de Maio de 1870, na capella do engenho Gaipió, da freguezia de Ipojuca, baptizou-se José, 1.º filho de Heraclito.

(1) Das varias ruas onde Felix Cavalcanti morou, estas duas — Praia o Augusta — são talvez as mais cheias de tradições de assombrações e crimes mysteriosos, destacando-se das casas malassombradas em cuja vizinhança elle residiu com a familia, o velho predio na esquina do becco do Marisco onde "se ouviam quedas de noveis correntes arrastadas pelo soalho, portas se abrindo". Outro predio com fama de malassombrado na rua Augusta era um largo sobrado de dois andares, tendo de frente cinco janellas, sempre fechado, não só porque nelle se suicidara um rapaz, empregado do portuguez Bellarmino "Mouco", como porque na escada e nas salas vagavam espiritos, ninguem o querendo assim para residencia. Ainda outra casa malassombrada na Rua Augusta era um sobrado fazendo esquina com a velha campina do Bodé, no qual tambem "appareciam visagens": vultos no banheiro, outros descendo as escadas, baques na sala de jantar, sendo um dos phantasmas do predio tão turbulento que empurrava — segundo a tradição — as pessoas, da cama ao soalho.

Fallecimento do Conde da Boa Vista

A's 5 horas da manhã do dia 4 de Outubro de 1870 falleceu Francisco do Rego Barros, Conde da Boa Vista. Não completou 70 annos. Havia nascido em 3 de Fevereiro de 1802. Viveu 68 annos, 8 mezes e um dia.

Registando a morte de tão distincto brasileiro, verdadeira gloria de Pernambuco, nosso espirito se perturba ante a consideração da perda de um homem de tal valor.

No seu tempo elle e o Desembargador Joaquim Nunes Machado foram os primeiros vultos de Pernambuco; um não excedia o outro; e mais nenhum os igualava.

Nomeado Presidente d'esta Provincia em 1838, desenvolveu tanto tino administrativo como patriotismo.

Todas as suas aspirações se limitavam a elevar sua terra natal a um grao de prosperidade que causasse inveja ás demais provincias, quer as do Norte e quer as do Sul. Para este fim convergiam todos os seus esforços.

Girando sempre na orbita da lei, nunca lhe foi preciso ultrapassar os seus limites para conseguir os seus fins generosos.

A Pernambuco, destinado pela natureza a representar importante papel na vida do Brasil, faltava então um administrador, que á intelligencia addicionasse actividade e patriotismo: appareceu tal homem na pessôa de Francisco do Rego Barros, depois Barão e Conde da Boa Vista, pois estes predicados eram os seus característicos.

Muitos, invejosos da gloria que seu animo emprendedor lhe preparava, procuraram oppor todos os

embaraços á sua marcha. Despresou sempre a fraqueza dos que assim o procuravam ferir.

Apesar da guerra insana que lhe movia o partido adverso ; apesar dos desgostos que lhe causaram alguns membros de sua familia e a fraqueza de alguns correligionarios ; apesar da deficiencia dos recursos que encontrara nos cofres da Provincia, e que lhe difficultaram a consecução dos seus generosos projectos, e, finalmente, de peripecias que o collocaram por vezes em situações bem difficeis, foi um administrador fecundo e um politico superior.

Com prudencia examinava as situações ; pesava e combinava os meios e os fins ; agia dentro do bom senso.

Foi assim sob a sua administração que Pernambuco, ha tanto tempo victima da indifferença do Governo Geral, surgiu imponente do ostracismo a que parecia condemnado.

Não havia vias de communicação para as principaes localidades da Provincia e elle fez construir estradas para todas as direcções. (1)

A cidade resentia-se da falta de edificios indispensaveis ao serviço publico e elle fez construir varios, inclusive uma alfandega.

Não havia um palacio para os presidentes e elle aproveitando as ruinas de um edificio que havia no antigo Campo do Erario, no bairro de Santo Antonio, fez surgir um palacio que abrilhanta a cidade.

(1) Orientado, neste ponto, pelo illustre engenheiro francês L. L. Vauthier, que poz á frente da Repartição de Obras Publicas. Veja-se a respeito desse engenheiro, que era socialista, o livro de Gilberto Freyre *Um engenheiro francês no Brasil*, Rio 1940.

Fez edificar um theatro, o Santa Isabel, considerado hoje um dos melhores do Brasil. (1)

Tratou do encanamento das aguas.

Fez construir o passeio publico, que mais tarde tomou o nome de Vinte e Dois de Novembro — afastando assim a maré que conduzia para o Arsenal de Guerra todo o lixo que n'ella se depositava.

Elle pretendia ligar o Recife a Olinda, prolongando a rua da Aurora até lá. A rua da Aurora era a menina dos seus olhos. A seu pedido, os negociantes foram edificando nella casas, sobrados, que deram a esta rua o titulo de Aristocratica, pois ahi passaram a residir as familias opulentas. Si elle tivesse por mais tempo permanecido na Provincia na qualidade de Presidente, sem duvida teria conseguido estender a rua da Aurora até Olinda.

Procurou animar o commercio, as artes e a agricultura. Tudo que cabia nos limites das suas forças, elle empregou para a grandeza de Pernambuco e do Recife que tanto amou. Se mais não fez foi por causa dos mingoados recursos de que dispunha a Provincia e o curto periodo da sua administração.

Contudo, tornou o Recife cidade comparavel a algumas de importancia da Europa e uma das mais lindas do Brasil (2).

(1) Este theatro foi tambem construido segundo plano e, por algum tempo, sob a direcção de L. L. Vauthier.

(2) Convem recordar aqui as palavras de Joaquim Nabuco sobre o Conde da Boa Vista: "Elle acreditava que fazendo do Recife uma bella cidade, a sociedade pernambucana, os ricos senhores de engenho e seus filhos se afeiçoariam á idea de viver em sua terra, não se afastariam da Provincia, o que era causa, em todo o paiz, do deperhecimento da vida local". (*Um Estadista do Imperio*, I, 48).

Quando em 1859 a familia imperial se aproximou do porto, dizem que Pedro 2.º exclamara : “Oh, o Recife parece um céu aberto !” É a belleza do Recife novo se deve ao Conde da Boa Vista.

O Conde da Boa Vista, reunindo todos os predicados que constituem o verdadeiro patriota, sustentava as gloriosas tradições dos seus antepassados.

Aristocrata por condição nunca despresou os da classe inferior. Não desdenhava a choupana do plebeu.

Nascido na grandeza, o que elle despresava era a impostura. Todo o seu orgulho consistia em não praticar acção que deslustrasse o seu nome e o de seus antepassados. (1).

Nunca solicitou do governo do paiz recompensa alguma para o que em sua vida tinha praticado. Homem raro, podia servir de modelo aos homens publicos de hoje.

Toda a recompensa que obteve dos seus serviços foi um palacio que lhe offertou o commercio de Pernambuco. Este palacio e um engenho na comarca do Cabo, que herdou de seus paes, foi toda a fortuna que deixou a seus filhos. Podia ter deixado muito se não se occupasse exclusivamente da vida publica ; a particular era para elle questão muito secundaria.

Francisco do Rego Barros, patriota por indole, pela grandeza e pela generosidade do teu coração, que vacuo profundo deixaste em Pernambuco — vacuo difficilissimo de preencher !

Que lembrança illustre deixaste á tua terra natal !

(1) Ainda de Joaquim Nabuco sobre o Conde da Boa Vista : “Rego Barros tinha-se formado em Paris e guardou as maneiras da Restauração até o fim da vida, o mesmo ar e tom de *grand seigneur* (Um Estadista do Imperio, I, 48).

Nascimento de Yayasinha, 2.º filho de Sinhá

Em 19 de Outubro de 1870, ás 11½ horas da noite, na casa n.º 49 da rua Augusta, nasceu Maria (Yayasinha) 2.º filho de minha filha Lisbella.

Formatura de Yôyô

Em 9 de Novembro de 1870, recebeu o grao de bacharel em direito, pela faculdade do Recife, meu filho Aristarcho Cavalcanti de Albuquerque (Yôyô). Residiamos na rua Augusta n.º 173. (1)

Fallecimento de Alexandre Dumas

No dia 26 de Julho de 1803 nasceu Alexandre Dumas, o qual no dia 5 de Dezembro de 1870 transpoz as portas da eternidade.

, Por occasião de dirigir uma carta a Napoleão 3.º Dumas exprimio-se da forma seguinte: “tres homens se apresentam á testa da litteratura franceza, Victor Hugo, Lamartine e eu ! ” A modestia fel-o collocar-se em terceiro lugar ; porem quem tiver compulsado e comparado o que estes tres illustres personagens escreveram, não collocaria Alexandre Dumas em terceiro lugar ; collocando-o em primeiro não praticaria um erro.

Como romancista, só um homem pôde competir com elle ; esse homem foi Eugenio Sue, autor dos *Mysterios de Pariz*, *Judeu Errante* e *Mysterios do Povo*, alem de muitas outras obras.

(1) Felix Cavalcanti celebrava a formatura dos filhos com festas em casa : jantares a que não faltava o classico perú e, á sobremesa, o bolo da sua predilecção que era o pão de ló. Bebiam-se saudes ; faziam-se discursos ; recitavam-se versos.

Talvez Alexandre Dumas tivesse escripto mais.

Quando em 1864 appareceram o *Conde de Monte Christo*, de Alexandre Dumas, os *Mysterios de Pariz* e o *Judeu errante* de Eugenio Sue, as opiniões se dividiram.

Consta que quando conheceu que era chegado o seu dia derradeiro chamou seu filho Alexandre Dumas e lhe disse: "Veja como fui coerente toda a minha vida. Quando entrei em Pariz para começar a minha vida tinha vinte francos na algibeira. Vivi muitos annos, sustentei familia, creando filhos, e vou morrer deixando no bolso do collete uma moeda de vinte francos".

Alexandre Dumas, deixaste muitas saudades. Dificilmente serás substituido.

Nascimento de Lycurgo

Em 9 de Dezembro de 1870, ás 3 horas da manhã, no Engenho Gaipió, nasceu Lycurgo, 2.º filho de Heraclito.

Fallecimento de José, 1.º filho de Heraclito

Em 23 de Maio de 1871 falleceu José, 1.º filho de Heraclito.

Baptisado de Lycurgo

Em 31 de Julho de 1871, baptizou-se Lycurgo, 2.º filho de Heraclito.

Ventre-Livre

Dia 28 de Setembro de 1871. Memoravel dia! Foi assignada pela Princesa Imperial D. Izabel a lei que emancipou o ventre da mulher escrava.

Foi o Visconde do Rio Branco o propugnador d'esse acto de humanidade.

Ás muitas virtudes que adornam o distincto patriota, accrescente-se a gloria d'essa lei.

Nascimento de Manoel, 3.º filho de Heraclito

Em 26 de Dezembro de 1871, ás 9 horas da noite, no Engenho Gaipió, nasceu Manoel, 3.º filho de Heraclito.

Fallecimento de meu cunhado Miguel

Em 2 de Janeiro de 1872, na cidade da Escada, falleceu meu cunhado Miguel Archanjo Pimentel, casado que foi, em 1.ªs nupcias, com minha irmã Francisca.

Chegada do Bispo D. Vital

Em 22 de Maio de 1872 chegou á Diocese de Olin-da o Bispo Frei D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira.

Consta ter apenas 28 annos de idade.

Fallecimento de Manoel, 3.º filho de Heraclito

Em 28 de Junho de 1872, falleceu Manoel, 3.º filho de Heraclito. Tinha sido baptisado no dia 24 do mesmo mez.

Fallecimento de Yayasinha

Em 7 de Janeiro de 1873, ás 4 horas da tarde, na rua da Paz dos Afogados falleceu Maria (Yayasinha), 2.º filho de minha filha Lisbella.

Casamento de Democrito

Em 8 de Fevereiro de 1873, no povoado dos Arrombados, em Olinda, casou-se meu filho Democrito com D. Anna, irmã de meu genro José Thales de Mello e filha de José Antonio Gonsalves de Mello e de sua mulher. Estava no 5.º anno da Academia. Completava 23 annos, menos 7 dias. Nesse mesmo logar, ha 30 annos antes, menos 10 dias, eu me havia casado.

Nascimento de Octaviano

Em 27 de Abril de 1873, ás 7½ horas de manhã, no Engenho Gaipió, nasceu Octaviano, 6.º filho de meu filho Heraclito.

Nascimento de Mariasinha

Em 28 de Abril de 1873, ás 7 horas da manhã, na rua da Paz dos Afogados nasceu Maria, 3.º filho de minha filha Lisbella. 26 horas depois de Octaviano.

Espaldeiramento de José Mariano Carneiro da Cunha.

Em 14 de Maio de 1873, o Bacharel José Mariano Carneiro da Cunha foi espaldeirado por soldados de cavallaria no Campo das Princesas.

Não é a primeira vez que factos d'esta ordem acontecem na cidade do Recife, e por isso não causam admiração. O Recife é esteril em passa-tempo e estas novidades suprem outros divertimentos e por isso, longe de inspirar indignação, são applaudidas com enthusiasmo.

O costume estabelecido pelo Partido Liberal de reunir-se nas praças publicas para tratar de nego-

cios politicos tem offerecido espectaculos bem desagra-daveis.

O povo exalta-se por tudo quanto apresenta as cores da anarchia, a que dão o nome de Liberdade e o Partido Liberal alimenta estes prejuizos da classe menos illustrada da sociedade, suppondo d'ahi tirar vantagem. Achar-se-ha sempre enganado aquelle que fraternisan-do com a massa popular, n'ella confiar demasiado.

O povo está sempre prompto para a desordem e para as festas. Mas na occasião critica ficará sosinho aquelle que confiar na lealdade da massa para a resisten-cia aos abusos do poder. Haja vista Borges da Fonseca!

Com a chegada do Bispo D. Vital levantou-se uma questão contra a maçonaria, o que deu logar á interdic-ção d'algumas egrejas, onde as irmandades se compu-nham, na maior parte, de mações. Muitos Padres fo-ram suspensos. D'este numero fazia parte o Deão da Sé de Olinda, Dr. Joaquim Francisco de Faria, um dos membros proeminentes do Partido Liberal.

Sob pretexto de testemunhar apreço ao Deão Fa-ria, José Mariano, no dia 14, convoca o povo, que, como se sabe, sempre está disposto para as novidades, e se dirige á ruã d'Aurora onde se achava o Deão. Conclui-da a manifestação ao Padre maçõ, Mariano se enca-minha, com o seu povo para o collegio onde existiam alguns Padres Jesuitas. (1) Estes, não obstante tão es-

(1) As sympathias de Felix Cavalcanti eram pelos Jesuitas, na occasião victimas de intenso odio popular que chegou a excessos lamentaveis. Con-tra os Padres da Companhia tomara attitudo o Deão Faria, que não os consi-derava alheios a certos factos de significação politica. Atribue-se ao Deão Fa-ria o pamphleto, hoje, rarissimo — "Cartas sobre a Companhia de Jesus dirigi-das aos Revds. Padres do Collegio de S. Francisco Xavier da cidade do Recife", (Pernambuco 1873) — no qual censura asperamente, e com certo espirito nativista,

tranho cortejo, não desconfiaram dos sentimentos hostis que ali conduzia aquella onda de povo. A incerteza foi de pouca duração.

Chegados ao indicado collegio, o povo prorompeu em grande vozeria e em insultos que dirigia aos Padres. Quebraram os vidros das janellas, arrojaram-se para dentro e fizeram em pedaços todos os moveis que encontraram. Um dos Padres, que se achava doente e de cama, não podendo resistir a tão violento choque, succumbio no dia seguinte.

Este facto de pura selvageria não se commenta.

Na volta os exaltados quebraram a typographia onde se imprimia um periodico religioso — *A União*.

D'este genero são as provas que o Partido Liberal tem dado de liberalismo.

Talvez porque não era licito desconfiar da moralidade d'um partido que se apregôa regenerador, o certo é que até então a policia não tomara precauções contra aquellas manifestações.

Ufanos com o resultado que obtiveram os "liberaes" annunciaram outra reunião para o dia 16, que tinha por objecto novos attentados. Foi o Campo das Princezas escolhido para o novo ajuntamento.

os jesuitas estrangeiros que aqui reapareceram em 1866 "disfarçados com a denominação de Padres de S. Francisco Xavier, "acusando-os de" *hospedes ingratos* que nos atraçoam e querem supplantar-nos... atacam as leis do paiz; .. infamam, calunniam, já teem partido, já affrontam a opinião publica". E ainda: "... temos tambem bastante patriotismo e energia para repellir hospedes ingratos, mediocridades inuteis e perniciosas que nos ensinam o que já sabemos, quicá melhor do que elles... Não acrediteis um só instante que os descendentes daquelles que com heroico denodo expelliram Batavos potentes se acovardem diante de meia duzia de forasteiros jesuitas". Isto foi publicado em abril de 1873.

O Presidente da Provincia, Bacharel Henrique Pereira de Lucena, (1) não era facil de se deixar enganar segunda vez.

Prevenido pelo procedimento anterior, dos Liberaes, Lucena entendeu não dever consentir a reproducção de semelhante abuso. Não quis contudo prescindir dos meios suasorios que a prudencia aconselha. Logo que principiou a reunir-se o povo enviou o Brigadeiro Wanderley ao chefe do grupo, José Mariano, a intimar a dispersão da inconveniente reunião. Apesar de occupar o Brigadeiro o alto cargo de Commandante das Armas, foi recebido com apupadas acompanhadas de insultos. Mesmo assim Wanderley empregou os meios de brandura, pedindo, ao mesmo tempo, que não o fôrçassem a usar de medidas energicas. Novos insultos responderam ás suas prudentes reflexões, que interpretaram por fraquesa.

O character de que estava revestido o Brigadeiro não lhe consentia descer á humilhação: ordenou á escolta de cavallaria que o acompanhava a prompta dispersão do povo.

Apenas soou o clarim, aquella multidão immensa, que pouco antes espalhava o terror por toda a parte, debandou-se tão estrepitosamente que se diria um furacão.

Corriam sem ordem em todas as direcções, esmagando-se uns aos outros. O clarim sem cessar de tocar augmentava o susto e a precipitação com que corriam

(1) Depois Barão de Lucena.

Treze soldados de cavallaria foram sufficientes para fazer desaparecer semelhante desordem. O povo reunido calculava-se em mais de 1.400 pessoas. Eis o que é o povo quando não tem quem saiba dirigil-o e lhe inspire confiança.

José Mariano não foi tão feliz como aquelles que o seguiram ao “Campo de Honra”, como diziam. Deixou-se ficar por qualquer circumstancia que o impedira de safar-se e usou de um alvitre que lhe pareceu de grande alcance. Inculcou-se martyr da patria: cruzou os braços, porque não podia offerecer resistencia e recebeu as espaldeiradas que um soldado quis applicar-lhe.

No dia seguinte apresentou-se em palacio queixando-se da offensa reccebida. O Presidente reconhecendo que qualquer reparação seria desairosa para a sua auctoridade, nada fez.

Os chefes do Partido Liberal, uma mistura sordida de “Guabirús” e “Praieiros”, affectaram grande pesar. Insultaram muito pelos jornaes, ao Presidente e ao Commandante das Armas. Para desabafo protestaram a reproducção de outros ajuntamentos; porém mudaram de opinião e aquietaram-se até hoje.

Que José Mariano saiba aproveitar-se da lição.

Formatura de Democrito

Em 11 de Dezembro de 1873, recebeu meu filho Democrito o Grao de bacharel em direito pela Academia do Recife.

Nascimento de Emilia, 4.º filho de Sinhá

Em 9 de Abril de 1874, ás 5½ horas da tarde, na rua da Paz dos Afogados, nasceu Emilia, 4.º filho de minha filha Lisbella.

Nomeação de Democrito para Delegado de Policia da Capital.

Em 11 de Março de 1874 foi Democrito nomeado Delegado de Policia da capital de Pernambuco, assumindo n'esse mesmo dia o exercicio do cargo.

Nascimento de Manoel, 5.º filho de Heraclito

Em o 1.º de Junho de 1874, no Engenho Gaipió, nasceu Manoel, 5.º filho de Heraclito. Estê assento devia preceder ao do 1.º filho de Democrito, mas quando Heraclito me remetteu o assento, já aquelle estava registado.

Casamento de Yoyo

Em 10 de Abril de 1875, na capella do Gymnasio, casou-se meu filho Aristarcho com D. Herundina, filha do Major Pedro Afonso Ferreira e sua mulher D. Virginia. N'esse dia completava Aristarcho 29 annos, 10 mezes e 2 dias.

Exoneração de Democrito do cargo de Delegado

Em 16 de Abril de 1875, foi Democrito exonerado do cargo de Delegado da cidade do Recife.

Nomeação de Democrito para Procurador Fiscal

Em 16 de Abril de 1875, no mesmo dia em que Democrito deixou o cargo de Delegado, foi nomeado Ajudante do Procurador Fiscal do Thesouro Provincial, assumindo o exercicio n'esse mesmo dia.

Nascimento de José, 2.º filho de Democrito

Em 16 de Agosto de 1875, no povoado dos Arrombados, em Olinda, nasceu José, 2.º filho de Democrito.

Dia em que Democrito sustentou theses

Em 23 de Outubro de 1875, Democrito sustentou theses e recebeu o gráo de Doutor em Sciencias Juridicas e Sociaes.

Nascimento de Dondon, 5.º filho de Sinhá

Em 10 de Junho de 1876, ás 2 $\frac{3}{4}$ horas da tarde, na rua da Paz dos Afogados, nasceu Thereza (Dondon) 5.º filho de minha filha Lisbella.

Nascimento de Felix, 6.º filho de Heraclito

Em 16 de Janeiro de 1877, ás 4 horas da tarde, no Engenho Gaipió, nasceu Felix (Felinho), 6.º filho de Heraclito.

Fallecimento de Peretti

No dia 21 de Abril de 1812, na antiga villa de Goyana, nasceu o Conselheiro Anselmo Francisco Peretti e falleceu no dia 9 de Outubro de 1877. (1).

(1) Era formado em direito pela Universidade de Paris. De volta da Europa foi secretario de governo das Provincias do Ceará e Maranhão. Em 25

Quem quizer saber quem elle era, procure ler o discurso, que por occasião do seu passamento recitou, no cemiterio publico do Recife, o Dr. Epaminondas de Mello. O orador não alterou coisa alguma ; disse só a verdade.

Quem, como nós, o conheceu de perto e por muito tempo, ha de confessar que esse homem extraordinario honrava o nome pernambucano.

Um outro contemporaneo d'elle que o acompanhou em todas as phases da sua vida disse, em um discurso que recitou no Instituto Archeologico : “Nunca, nos tribunaes humanos, a justiça se exerceu com mais regularidade”. Tambem é exacto.

Elle visava um só ponto : a justiça.

A austeridade do seu character lhe adquirio tal consideração, que os mais elevados vultos da nossa sociedade se inclinavam respeitosos, diante d'ellé.

Dos que não sabem o que são os deveres da justiça, alguns trataram-no de cruel ; porem outra falta nunca poderam attribuir-lhe.

Dessa tempera difficilmente se encontrará outro. E só fazemos esta observação por obediencia ao preceito que diz : não ha homem sem segundo.

de Outubro de 1842 foi nomeado presidente da provincia de Sergipe. A 27 de Nov. de 1843 foi nomeado presidente das Alagôas. Depois foi nomeado presidente do Piahy e em Pernambuco foi 1.º vice-presidente.

Entrando na magistratura occupou os seguintes cargos : Juiz de direito das comarcas do Brejo, de Goyanna, Limoeiro e Victoria e o de primeiro juiz de direito especial do commercio da comarca do Recife ; desembargador da Relação da Provincia do Recife ; fiscal e presidente do Tribunal do Commercio.

Foi provedor da Santa Casa de Misericordia do Recife durante 12 annos (1860-1872).

Agraciado pelo Governo Imperial com o officialato da Ordem da Rosa, depois foram-lhe conferidas a commenda da mesma ordem e a de Christo e finalmente a carta de Conselho.

Baptisado de Felix, 6.º filho de Heraclito

Em 6 de Junho de 1878, baptisou-se Felix, 6.º filho de Heraclito.

Nascimento de Marieta, 7.º filho de Heraclito

Em 17 de Março de 1878, ás 5 horas da tarde, no Engenho Gaipió, freguezia de Ipojuca, nasceu Maria (Marieta) 7.º filho de Heraclito.

O menino que cahiu da sineira do Carmo

Em 5 de Abril de 1878, á hora de recolher-se a procissão do Senhor dos Passos, um menino de côr preta, que na sineira da igreja do Carmo dobrava o sino, precipitou-se da mesma sineira cahindo sobre duas mulheres que morreram logo, coitadas. O choque sempre abalou o menino, porem poucos dias depois passeava pela cidade, sem dar indicio do menor soffrimento.

Quem ouvindo este caso, daqui a annos, examinar o local em que está situada a torre do Carmo e calcular a sua altura, sem esquecer que toda a torre era calçada em roda, difficilmente acreditará no que registro : pois é uma verdade testemunhada por um povo immenso.

Mudança para a rua Vidal de Negreiros

Em 7 de Setembro de 1878, mudei-me da rua dos Martyrios, para a de Vidal de Negreiros n.º 115, 2.º andar.

Chegada de Rosalina e Maria á minha casa

Em 18 de Dezembro de 1878 chegaram á minha casa as menores Rosalina e Maria, irmãs, vindas do

povoado de São Benedicto. Foram-me entregues pelo proprio pae. Rosalina ficou em minha casa e Maria foi para a casa de Democrito. Residiamos na casa acima citada da rua Vidal de Negreiros.

Nascimento de Minse

Em 20 de Fevereiro de 1879, 5.^a feira, ás 6½ horas da tarde, na rua Vidal de Negreiros, 1.^o andar do mesmo sobrado n.^o 115, em que residia meu genro José Thales, nasceu Joaquina (Minse) 4.^o filho de minha filha Lisbella.

Secca de 1877

Uma calamidade tão perniciosa como o cholera-morbus em 1854, se manifestou em algumas provincias do Brasil: foi a secca, que nos annos de 1877 a 1879 devastou os sertões do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba.

As chuvas haviam cessado em 1874 e tres annos de secca eram mais que sufficientes para abrasar aquella zona naturalmente arida.

O povo do centro affluio para a capital, e a cidade da Fortaleza, que não continha mais de 25.000 habitantes, teve de abrigar mais de 150 mil retirantes.

Esta população immensa de adventicios em espaço tão acanhado, não podia esperar senão a doença e a morte: foi o que se seguio.

Devastadores foram os effeitos da beribere, a registrar no seu obituario mais de 6000 mortes por mez.

Correntes de emigração se estabeleceram em todas as direcções a procura de recursos.

Não despreveremos as cruéis decepções que offereceu tão penosa retirada : foram espectaculos horrorosos que se succederam.

Pernambuco, graças á Providencia, nada soffreu, e aquelles que tiveram a felicidade de pisar o seu terreno ficaram salvos.

O Governo Imperial por sua vez não se deixou exceder em philantropia.

Todos os recursos ao seu alcance convergiram para aquellas provincias : abriu os seus cofres e o dinheiro se derramou em profusão.

As tradições não accusam calamidade igual : nunca foram tão terriveis as seccas, que em tempos anteriores flagelaram o paiz.

Nascimento de Pedro, 4.º filho de Yôyô

Em 19 de Outubro de 1879, ás 10½ horas da noite, na villa de São Bento d'esta provincia, nasceu Pedro, 4.º filho de meu filho Aristarcho (Yôyô).

Fallecimento de José Felix

Em 9 de Novembro de 1879, falleceu o Coronel José Felix da Camara Pimentel, sogro de meu filho Heraclyto. Attingia a idade de 74 annos. Nasceu em 1805.

Se a probidade, a generosidade, o coração bom, o espirito recto, é que constituem a verdadeira nobresa, ninguem foi mais nobre do que o Coronel José Felix.

Hecatombe de Victoria

A 27 de Junho ultimo (1880), na cidade da Victoria, comarca de Santo Antão, deu-se um facto horroroso.

Nunca a historia das campanhas eleitoraes de Pernambuco se manchou de tanto sangue.

Após o Partido Liberal ter subido ao poder em 5 de Janeiro de 1878, dividiu-se em dois grupos. Um composto, em sua mór parte, dos membros da familia Souza Leão, tendo por chefe o Bacharel Luiz Felippe e o outro — a quasi totalidade dos Liberaes — dirigido pelo Bacharel Antonio Epaminondas de Mello. Estes tomaram a denominação de “Democratas”; aquelles, a de “Leões”.

Parcece que a fatalidade peca sobre o Partido Liberal.

Não comprehendendo, como a razão aconselha, a verdadeira accepção da palavra — liberdade — seus membros não se sujeitam á direcção de um chefe. D’ahi a desunião e consequentemente a fraquesa em suas fileiras.

A união toda a gente sabe que é o principal elemento da força de um grupo politico ou religioso ; mas os Liberaes não pensam assim.

Todos querem mandar e nenhum obedecer. E’ evidente que este partido representa um corpo com muitas cabeças ; é tambem evidente que um corpo com muitas cabeças é um monstro.

Figurava como chefe dos “Democratas” na comarca de Santo Antão o Bacharel Ambrosio Machado da Cunha Cavalcanti e, do outro lado, o Bacharel José Felippe de Souza Leão, presidente da Relação, o qual residindo na cidade do Recife tinha em Victoria os seus prepostos.

Por ocasião da eleição para Juizes de Paz e Vereadores, os “Democratas” uniram-se aos Conservadores para guerrearem os “Leões”.

Os “Leões” despitados pela perda da eleição e picados pelos insultos recebidos dos “Democratas”, ficaram esperando ocasião para a desforra. Esta não tardou em apparecer : a morte do Visconde de Suassuna, Senador do Imperio.

Os dois grupos se prepararam então para nova lucta em torno da cadeira de Senador.

Os “Leões” sabiam que a sympathia do povo não estava com elles. Pelo que procuraram se fortalecer á sombra da tolerancia do Vice-Presidente da Provincia no exercicio do governo que foi fechando os olhos á gravidade da situação e deixando que se enviasse para a Victoria immensa munição de guerra, como se a cidade esperasse invasão de inimigos. Diziam então os “Leões” mais arrogantes que não haveriam de deixar que os “Democratas” entrassem na igreja para votar.

Os “Democratas” reclamaram. As suas reclamações unio-se o brado da imprensa. O Vice-Presidente, sempre frio, escutando somente ao Presidente da Relação, cerrava os ouvidos a todos os reclamos.

Funcionava então a Assembléa Provincial. Os deputados da opposição protestaram em discursos energicos contra o desprezo ás reclamações dos “Democratas”. Mas a situação continuou a mesma.

No Recife, como em Victoria sentia-se que se preparava um drama politico ; alguma coisa de terrivel

estava para acontecer, sob a tolerancia de um governo fraco.

Eu não sou nenhum philosopho ; mas quem não está vendo que a prudencia sosinha, sem a energia, degenera em fraquesa ? Ou que a energia sem a prudencia para traçar-lhe limites, degenera em turbulencia ?

Ha annos que no Brasil vem-se desprezando esse indispensavel equilibrio de qualidades na escolha dos presidentes de Provincia.

Desenganados os habitantes da Victoria de que nada podiam esperar do governo da Provincia, resignaram-se como se fossem uns mussulmanos : ficaram aguardando o desfecho do drama.

Chegou finalmente o dia tremendo.

Os chefes governistas deram balanço á sua força e entre os soldados de policia e os capangas que poderam reunir contavam 300 homens. Era força sufficiente. Bem dirigida poderia, com vantagem, resistir a um exercito.

Occuparam a igreja do Rosario, abriram seteiras e esperaram o inimigo.

Quando se espalhou na cidade a noticia da aproximação da força do Ambrosio, sentiu-se que o encontro ia ser terrivel.

Houve quem fosse ter com Ambrosio e lhe fizesse ver as consequencias desgraçadas do encontro das duas forças ; que o povo inerme, que as familias innocentes, é que tinham de ser sacrificadas ao odio partidario.

Nada o demoveu da sua resolução : a imprudencia prevaleceu sobre a reflexão. Marchou sobre a cidade.

O Barão da Escada, que acompanhava a Ambrosio, seu cunhado, foi o primeiro que se dirigio á igreja. Suppunha, coitado, que o seu nome e sua posição seriam bastantes para collocal-o ao abrigo de qualquer desacato.

Animado d'essa presumpção e com a arrogancia que lhe era peculiar, falou aos adversarios, protestou contra a occupação violenta da igreja.

Ouve-se então, como resposta, uma detonação : o Barão cae fulminado. O fogo rompe. Trava-se verdadeira batalha. Varios atacantes entram na igreja. O combate torna-se sangrento. Brilha a arma branca. Lucta-se corpo a corpo diante dos altares, diante da imagem da Virgem, do Crucificado, dos santos.

O drama que se representou então no templo do Senhor foi hediondo !

Mas a lucta, felizmente, não se prolongou por muito tempo. Os assaltantes vendo os seus principaes chefes, o Barão da Escada, morto e o Ambrosio gravemente ferido, retiraram-se em desordem.

Os que occupavam a igreja, receiosos de outra força, que constava marchar sobre a cidade, dispersaram-se.

Era grande o numero de feridos e enorme o numero de mortos.

O cadaver do infeliz Barão foi logo transportado para o Recife e depositado na Matriz da Bôa Vista.

Quando a noticia do acontecimento se espalhou pela cidade do Recife, os animos se agitaram a ponto de receiar-se uma sublevação.

Correram muitas pessoas da classe alta e muito povo á Matriz onde se achava o cadaver do Barão.

Foi n'esse mesmo dia que desembarcou o Presidente Franklin Americo de Menezes Doria, o qual vinha substituir o Vice-Presidente. A uma hora da tarde, dirigindo-se, conforme o estylo, á Assembléa para prestar juramento, pôde vêr quanto era grande a exaltação dos recifenses.

O povo, que enchia as galerias, rugia de indignação. Em altos brados, pedia justiça. Pedia vingança.

O Deputado José Maria de Albuquerque Mello, discursando, ameaçou o Presidente de tomar vingança, á frente do povo do Recife, se a justiça do Governo se fizesse esperar.

A responsabilidade de tudo, elle attribuia simplesmente á familia Souza Leão. Indignado, falou em “ladrões de estrada”, “salteadores”, “passadores de cedulas falsas”, e quantos insultos lhe acudiram contra os fidalgos “Leões”.

No mesmo tom se fez ouvir na Assembleia Geral a voz do Deputado José Mariano Carneiro da Cunha.

Sahiu um boletim, impresso na typographia *Democracia*, pregando o exterminio de tudo que fosse Souza Leão: homem, menino, mulher. Todos deviam desaparecer! Parecia um episodio da Revolução Francesa, de furia do povo contra os fidalgos.

No primeiro dia de sessão do Tribunal da Relação, depois do acontecimento da Victoria, José Felipe de Souza Leão vio erguer-se contra sua pessoa uma onda de gente furiosa, que ameaçou invadir o Tribunal. Officiou José Felipe ao Presidente Doria communicando-lhe achar-se o Tribunal coagido: sem poder funcionar. E

reunindo ou procurando reunir toda a sua presença de espirito e ostentando a maior calma e tranquillidade deste mundo, enfrentou o perigo de ser massacrado pela massa indignada.

Os esforços dos seus collegas junto com os de outras pessoas sensatas, que procuraram acalmar o povo, é que o salvaram das mãos daquella gente enfurecida.

Ainda o caso de Victoria

José Felipe é apontado como o principal protagonista do drama de Victoria ; é o que está na consciencia publica.

Diz-se que seu interesse era ganhar a cadeira no Senado para seu irmão e tirar desforra do esbulho que os “Leões” tinham soffrido na eleição para juizes de paz e vereadores.

Provavelmente foi consultado sobre a occupação da igreja pela força publica e disse que sim, que estava de accordo. Provavelmente foi seu o plano da campanha eleitoral.

São estes os pontos de accusação a José Felipe que reconhecemos como justos. Mas devemos tambem, por sentimento de justiça, procurar vêr outros aspectos da questão que ha um mez apaixonou os pernambucanos.

Não se ignora que em occasião de eleições, todos querem vencer e a todos os meios recorrem os partidos.

José Felipe com aquelle apparatus bellico que fez de Victoria uma praça de guerra, talvez só tivesse em vista fazer recuar os adversarios ; fazer que elles abandonassem o pleito.

Não hesitamos em acreditar que lhe tenha causado assombro o desfecho sangrento da campanha.

Não se pode, sem sacrificar a consciencia, dizer que elle premeditasse a morte de Fulano ou de Sicrano. O seu passado honesto, que Pernambuco inteiro conhece, é uma garantia do que avançamos.

Não é rasoavel pensar que elle tivesse previo conhecimento da ida do Barão da Escada á cidade da Victoria, com o fim de pleitear a eleição em freguesia estranha á de sua residencia. Nem era elle desaffectedo do Barão.

Se a occupação da igreja pela força publica constituiu um grande abuso (o que não negamos), outro disparate, talvez maior, praticou o Ambrosio, reunindo gente em comarcas estranhas para desoccupar a igreja de Victoria.

Si Ambrosio não visava uma sedição, os meios a que devia recorrer, por certo que não eram aquelles. Não acreditamos na historia da passeata: que a sua ida á Victoria não fôra mais que uma passeata politica.

Uma passeata que tem por fim enthusiasmar o povo para votar no dia seguinte não conduz armamento.

De suas reclamações ao Vice-Presidente da Provincia e ao Presidente do Conselho de Ministros, vê-se que Ambrosio conhecia o estado melindroso da cidade da Victoria. Não ignorava o perigo. Portanto, brincou com o perigo.

Em conclusão: parece-nos que houve imprudencia de José Felipe e imprudencia tambem de Ambrosio Machado. E muita fraquesa da parte do Vice-Pre-

sidente da Provincia, no exercicio do governo. Fraqueza, igualmente, da parte do Presidente Doria.

Qual foi o primeiro acto da administração de Doria relativo aos acontecimentos de Victoria? Enviar para ali o Chefe de Policia com recommendação de só processar os compromettidos do lado dos "Leões", poupando os que pertencessem aos "Democratas".

E quando o povo se reuniu para aggreir José Felipe, invadindo o Tribunal da Relação, Doria, amedrontado em Palacio, não tomou nenhuma providencia para repellir a aggressão. Consentio na desmoralisação do Tribunal, do seu presidente e d'elle mesmo, Presidente da Provincia. Abandonou tudo á furia do povo. E' um fraco. Não nos venham dizer que isso é prudencia : é fraqueza.

Tambem é merecedor de censura o procedimento do Presidente do Conselho (Saraiva) demittindo o Vice-Presidente sem ouvil-o e nem proceder a nenhuma averiguação.

Morte do Visconde do Rio Branco

No dia 1.º de Novembro (1880) morreu José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco.

Oh, feliz Provincia da Bahia !

Quanto te debes orgulhar por teres sido o berço d'esse homem, modelo de todas as virtudes politicas !

Fallecimento de Octaviano

No dia 6.ª feira, 26 de Agosto de 1881, ás 8½ horas da noite, falleceu Octaviano, 4.º filho de meu filho Heraclito, no 2.º andar do sobrado n.º 115 da rua Vidal de

Negreiros, onde eu residia. Completava n'esse dia 8 annos, 6 mezes menos 2 dias.

Mudança de Yôyô para o Recife

Em 3 de Novembro de 1881, completou meu filho Aristarcho o 2.º quatrienio de Juiz Municipal no termo de São Bento, d'onde sahio n'aquelle mesmo dia com a familia e chegaram á nossa casa, á rua Vidal de Negreiros, 2.º andar, n.º 115, no dia 7 do mesmo mez.

Nascimento do 5.º filho de Democrito

Em 8 de Dezembro de 1881 ás duas horas da tarde, nos Arrombados, em Olinda, nasceu, já morto, o 5.º filho de Democrito.

Mudança de Yôyô para Acarahú

Em 20 de Abril de 1882, seguiu meu filho Aristarcho, para o termo de Acarahú, na provincia do Ceará, para onde fora nomeado Juiz Municipal, por Decreto de 8 de Janeiro do mesmo anno.

Fallecimento de Militana

Em 4 de Junho de 1882 ás 3 horas da tarde falleceu Militana, escrava que tinha sido de Heraclito, que a havia dado á sua mãe para o serviço de casa. Tinha ido tratar-se na Capunga, em casa d'um meu amigo Lourenço Justiniano.

Chegada de Maria á minha casa

Em 7 de Junho de 1882, veio para minha casa a menor Maria, com idade de 8 annos ; é parda, e me foi entregue por sua mãe que se chama Francisca.

Noticia de Pedro Ivo

O Capitão Pedro Ivo Velloso da Silveira, um dos caudilhos da Revolta Praicira, de 1848, sendo preso e remettido para o Rio de Janeiro, d'ali desapareceu sem que se podesse ter certesa do destino que teve.

Muitas versões teem corrido sobre o seu desaparecimento mysterioso. Dizia-se ter sido assassinado na prisão ; que fora visto o cadaver envolvido em palhas nas praias de Pernambuco ; finalmente que se evadira da prisão e se refugiara n'esta provincia.

Agora em 1882, apparecc nova versão : que Pedro Ivo se evadiu da Fortaleza da Lage em 1851 e embarcou em 8 de Fevereiro do anno seguinte em um navio italiano com destino a Pernambuco, procurando allivio para os seus padecimentos aggravados na prisão.

O commandante do navio, mezes depois, remetteu de Inglaterra um auto de vistoria do seu fallecimento, mencionando todos os factos que se deram desde a evasão do revolucionario, alternativas da molestia e finalmente a sua morte (1).

Nascimento de Felix, 8.º filho de Sinhá

Em 12 de Dezembro de 1882, 2.^a feira, ás 5 horas da manhã, na casa n.º 39, á rua do Hospicio, do bairro da Boa Vista, nasceu Felix, 8.º filho de minha filha Lisbella.

(1) O memorialista menciona, como fonte de taes informações, o *Jornal do Recife*, n. 122, de 5 de Setembro de 1882.

Mudança para a rua da Praia

Em 16 de Janeiro de 1883, 3.^a feira, mudei-me da rua Vidal de Negreiros, para o 1.^o andar do sobrado n.^o 45, á rua Pedro Affonso, antiga da Praia.

Saudade de Yôyôsinho

E' opprimido pela dôr mais cruel pela maior das saudades, que vou fazer o triste lançamento da morte do meu adorado Yôyôsinho.

Foi o meu primeiro neto, filho de minha filha Lisbella. Chamava-se Audifax : Audifax de Albuquerque Mello.

Nasceu ás 10 horas e 40 minutos da noite do sempre lembrado dia 19 de Janeiro de 1869. Morreu aos 14 annos.

Havendo sua mãe doente resolvido ir, com toda a familia, tratar-se em Olinda, para ali seguiu no dia 9 de Maio e no dia 9 de Julho, dois mezes depois, elle adoeceu de umas sarnas, que o privaram de andar e até prostraram-o na cama.

A estas sarnas seguiu-se uma febre. que se suppoz ser consequencia d'ellas.

Combatida a febre desapareceu, voltando dias depois, porem mais fraca. Aconselhando a experiencia que nos casos de febre a mudança de logar é de grande vantagem, deliberaram seus paes transportal-o para o Recife, para a casa deste seu Papai-outro, á rua Pedro Affonso, antiga rua da Praia n.^o 45, 1.^o andar, e ahi effectivamente chegou ás 7 horas da noite do dia 29 de

Julho. N'este sobrado, Yôyôsinho devia exhalar o ultimo suspiro.

Seguiu-se o tratamento prescripto pelo medico e elle foi melhorando. Parecia que em breve se restabeleceria por completo.

Mas findando-se o dia 5.^a feira 9 de Agosto, logo a uma hora da madrugada, que já pertencia ao dia 6.^a feira, 10, foi elle accomettido d'um frio intensissimo, começando depois a lançar muito.

Eu e os que estavam no quarto, pensamos que aquillo era indigestão. Os vomitos não pareciam indicar outra coisa.

Confiado em que as indigestões não offerecem perigo quando são acompanhadas de vomitos ou evacuações, esperava que clareasse a manhã para chamar um medico.

Às 5½ fui a Olinda chamar os pais de Yôyôsinho, que vieram logo, coitados, e tudo se fez, se chamou medico, se mudou de medicamentos; mas tudo foi baldado. Yôyôsinho morreu.

Então, dentro da minha grande dor, o remorso passou a me torturar. Condemnava o meu engano; accusava-me de indolencia, de frouxidão, de preguiça e de tudo quanto a ingratidão pode praticar. Já se vê, meu querido filho, que de nada te servio tanto amor do teu Papai-outro!

Cruel momento! A lembrança do teu passado de menino na minha casa e na casa de teus pais, pesa com força esmagadora sobre o meu coração!

Acostumado a ver o meu Yôyôsinho desde o instante em que nasceu; a trazel-o nos braços; a estreital-o

ao peito ; a dedicar-lhe todas as affeições de avô pelo primeiro neto ; a encher-me de cuidados pelo seu futuro ; e ver tudo isto acabar de repente !

Elle que era timidinho, reconheceu a morte que se approximava. Vi-o lutar contra ella e agonisar. No momento extremo não se esqueceu de chamar pelo seu “Papai-outro”. Mas que podia fazer o pobre do teu “Papai-outro”, meu Yôyôsinho ? Agora só o outro Pae : o que está no Ceo.

Adorado encanto de minha vida, é difficil acreditar que não te verei mais !

Ainda Yôyôsinho

Não sou eu só que digo com minha ternura e agora com minha saudade immensa de avô, mas toda a gente que conheceu Yôyôsinho : era a belleza em pessoa. A belleza junto com a intelligencia dava-lhe um todo angelico.

Nunca vi menino tão intelligente. Decorava as lições com uma facilidade espantosa. Assim conseguio logo saber seis preparatorios : latim, francez, inglez, portuguez, historia e arithmetica. De quatro já havia feito exame. Restavam dois, para os quaes estava bem preparado.

Na ausencia de sua mãe, na idade de nove annos (parece exageração !), já presidia a escola de modo tão nobre e tão serio, que figurava um homem de prudente reflexão. Os outros meninos olhavam para elle como para uma creatura que tivesse alguma coisa de extraordinario. As pessoas grandes tambem. Sua penetração

aguda era um espanto para todos e manifestava-se nos seus olhos grandes e brilhantes.

Aquelle primeiro exame de portuguez que fizeste na rua Imperial, deixando deslumbrados pela tua intelligencia o Delegado litterario, Dr. Clodoaldo de Souza, que presidia o acto e os professores que examinavam... parece que o velho teu avô está vendo tudo isso de novo, Yôyôsinho e te ouvindo falar.

Deixaste cinco irmãs, um irmão e onze primos, que são meus netos; deixaste tua mãe e quatro irmãos, que são meus filhos; deixaste tua avó materna, que é minha mulher; deixaste a mim mesmo, teu "Papai-outro"; e todos nós lançados numa balança e tu só do outro lado farias baixar a concha, porque tu sosinho valias mais do que nós todos reunidos!

Nunca possuí fortuna que te offerecesse como prova da estima que te consagrava; mas todos os carinhos, todos os afagos, todos os cuidados, que podem caber n'um coração abrazado de amor de pae, eu te prodigalizei.

Consola-me porem uma consideração, meu querido filho, e é que Deus não faz o mal. Elle só é quem conhece o futuro e por isso, antes que a esses quatorze annos que passaste n'este mundo, conhecendo somente a alegria, se juntassem as dores, as afflições, os trabalhos, os soffrimentos, as desgraças, Elle de tudo isso quis preservar-te, chamando-te para junto de Si.

Conheço que estas palavras que deixo soltas e sem nexo em nada podem augmentar a tua gloria e nem mitigar a minha dor, mas quero que fique registrada a ex-

pressão do sentimento que minha alma sempre nutrio por ti !

Adeus, filho de minha alma, adeus Yôyôsinho !
Yôyôsinho do meu coração, adeus para sempre !

Mudança da rua da Praia para a do Sol

No dia sabbado, 1.º de Setembro de 1883, mudei-me da rua da Praia, actualmente — Pedro Affonso — n.º 45, 1.º andar, para o 2.º andar do sobrado n.º 33 da rua Marquez de Herval, antiga do Sol.

Mudança de Yôyô para Sergipe

Em 27 de Outubro de 1883, seguiu meu filho Aristarcho, com a familia para a cidade de Aracajú, capital de Sergipe, para onde foi nomeado Procurador dos Feitos da Fazenda

Nascimento de Antonio, 6.º filho de Democrito

No dia sabbado, 10 de Novembro de 1883, ás 5 horas da tarde, no povoado dos Arrombados, em Olin-da, nasceu Antonio, 6.º filho de Democrito.

Sahida da menor Maria da minha casa

Em 3 de Dezembro de 1883, retirou-se de minha casa, entregando-a eu á sua mãe, a menor Maria que dizia a mãe já poder mantel-a, cuja entrega teve lugar na Secretaria da Santa Casa, para onde fiz conduzi-la á presença do Escrivão respectivo, porque estava inscripta esta menor no quadro para ser admittida no collegio dos orphãos.

Vinda de Carolina para minha casa

Em 19 de Dezembro de 1883, veio para minha casa a menor Carolina, a qual me foi entregue pelo Dr. Olympio Marques, que pretendendo recolhel-a ao collegio das orphãs e não conseguindo e não tendo casa aonde podesse conserval-a, eu offereci a minha que elle aceitou. Foi conduzida por uma parda de nome Maria, que dizia ser sua tia, a qual era escrava de D. Antonia viuva de José Joaquim de Miranda.

Vinda de Josepha para minha casa

Em 23 de Dezembro de 1883, chegou á minha casa a menor Josepha, de idade, segundo parece, de 13 annos ; veio do Engenho Bem-Fica, de Heraclito.

Mudança da rua do Sol para a Boa Vista

Em 13 de Fevereiro, 4.^a feira, de 1884, mudei-me da rua do Sol ou Marquez de Herval, n.º 33, 2.º andar, para o 2.º andar do sobrado n.º 21 da Praça da Boa Vista ou Conde d'Eu.

Sahida de Rosalina de minha casa

Em 11 de Abril de 1886, 6.^a feira da Paixão, sahio de minha casa a menor Rosalina.

Nascimento de Ranuzia, 9.º filho de Sinhá

Em 15 de Novembro de 1884, sabbado, ás 2½ horas da tarde, na rua da Conquista do Bairro da Boa Vista, nasceu Ranuzia, 9.º filho de minha filha Lisbella.

Assassinato de Bodé

No 1.º de Dezembro de 1884, na Matriz de São José, da cidade do Recife, por ocasião das eleições para deputados á Assembléa Geral, foi assassinado o Major Manoel Joaquim Ferreira Esteves, conhecido pelo apelido de Bodé.

Tendo de ha muito se ligado ao Partido Conservador, nunca trepidou na execução das ordens que vinham dos chefes. Era o principal representante do Partido n'aquella freguezia difficil. Na sua firmesa, na sua constancia, na sua fidelidade, descançava o Partido Conservador, para as luctas eleitoraes em São José.

Por isso mesmo é que dava trabalho e inspirava receios á gente do partido contrario.

José Mariano, todos sabem que é hoje o eixo em torno do qual gira a massa popular do Recife, gente inclinada ás desordens e á anarchia, principalmente o povo de São José, que se esmera em querer agradar o seu idolo arredando todas as difficuldades do caminho desse semi-deus da politica Liberal.

Foi assim que a semana passada, na ocasião em que a mesa eleitoral funcionava, um grupo de povo consideravel correu á Matriz de São José. Ao chegarem á Matriz arrojaram-se como uns desesperados pela escada que conduz ao Consistorio, onde estava a mesa formada e no exercicio das suas funcções. Ouviu-se um tiro. Era o inicio da lucta.

Bodé, que nunca recuou ante perigo algum, não hesitou. Despresando a superioridade do numero dos que o aggrederam, foi logo respondendo com outro tiro.

Os tiros falharam. Brilharam então as facas de ponta e cantou o pau. N'essa occasião, dizem que Nicoláo, capanga e boleciro de José Mariano, num golpe certciro, deu em Bodé a facada que o matou.

Ferido, Bodé foi conduzido á sua casa, muito perto da Matriz. Em casa é que expirou poucos instantes depois da lucta. Quanto aos mesarios, limitaram-se a levar muita paulada. Só Bodé foi apunhalado pelos aggressores.

O povo correu depois furioso as ruas do Recife, muito capocira (1) de faca em punho ameaçando a todos que não fossem a favor de José Mariano. Gritavam que "quem fosse Conservador que apparecesse, que botasse a cabeça pra fóra da janella!"

Muitas casas se fecharam. O terror espalhou-se entre as familias. Os Conservadores procuraram esconder-se ou não ser vistos (2). Os mais salientes, que não puderam em tempo sahir da cidade, passaram maus quartos de hora. Já de noite, João Alfredo e Portella puderam, disfarçados, alcançar o Arsenal de Marinha. O Inspector julgando que mesmo lá não estava garantida a vida dos dois politicos, mandou-os guardar a bordo d'um navio inglez, que estava no ponto (3).

(1) "A capoeiragem, como lembra Gilberto Freyre, era então uma força a serviço da politica partidaria, tão intensa no Recife do seculo XIX.

(2) Muitos Conservadores ainda usavam barba ou pera como distinctivo do Partido. Mas tambem a usavam por essa epoca varios chefes "liberaes" como José Marianno e José Maria.

(3) Velho e illustre "sympathisante" dos Liberaes o de José Marianno, a quem demos a ler esta relação, contesta-a em alguns pontos, afirmando que José Marianno não provocou nem dirigiu a lucta, de que resultou a morte não só de Bodé como de "um seu sobrinho, ferido pelo proprio Bodé e que cahiu nos braços de Marianno ensanguentando-o todo". O que houve foi isto — ao grito de alguem — grito talvez intencional, para causar confusão — de que "queriam

Lembrança de minha mulher

No dia 4.^a feira, 19 de Outubro de 1885, ás 10 horas da noite morreu minha mulher Joaquina Cavalcanti de Albuquerque, na Praça da Bôa Vista ou Conde d'Eu, no 2.^o andar do sobrado n.^o 21.

Vivemos casados 42 annos, 8 mezes e 1 dia, porque nos casamos no dia 18 de Fevereiro de 1843.

No largo periodo da nossa vida conjugal nunca dispuz de recursos bastantes para tratá-la como ella merecia; sempre resignada e bôa, nunca se queixou. Foi esposa dedicada, dona de casa exemplar, mãe desvelada até ao sacrificio. Deem testemunho as pessoas que a conheceram,

Ella foi para mim a melhor das esposas; foi tambem um instrumento que a Providencia collocou ao meu lado para guiar-me no caminho da prudencia.

A sua razão clara, guiada pela prudencia, suppria n'ella a falta de illustração que não adquirira quando menina. De caracter austero, nunca transigia com o que lhe parecesse injusto ou improprio.

Nenhuma vantagem nem temor algum a obrigava a fingir aceitar o que lhe repugnava á consciencia; por isso muitas vezes tivemos contestações; porque quando eu pretendia fazer alguma coisa e procurava a approvação d'ella, se o que eu pretendia não se ajustava ao seu modo de pensar, estavamos em divergencia. A sua

assassinar" ou "estavam matando José Marianno", os amigos mais dedicados deste, inclusive Nicolau e Roseno, suppondo que estivesse realmente em perigo a vida do chefe, correram em sua defesa. Esse movimento teria sido tomado como aggressão por Bodé e pelos seus: dahi a reacção.

dedicação por mim nunca chegou ao excesso de affectar sentimento contrario á sua convicção só para me ser agradavel.

Vou contar um facto da nossa vida de casados, do tempo em que moravamos em X., que mostra a creatura superior a enredos que era minha mulher. Chegou um dia outro casal a X., sendo a senhora mulher de notavel formosura. Fizemos muito boas relações de amizade.

Um dia essa senhora que aqui vou chamar Dona M., disse na presença de outras pessoas que me tinha tanta amizade que, se para a minha felicidade se fizesse preciso, ella se julgava com valor para se sacrificar por mim. Foi uma leviandade de Dona M.

Minha mulher sabendo d'isto me aconselhou : que eu longe de abusar de tão extremada amizade, aliás imprudentemente manifestada, devia pagar-lhe da mesma forma, isto é, devia dar a Dona M. a maior prova de gratidão, suffocando qualquer paixão menos honesta, respeitando e zelando sua reputação como o dom mais precioso que ella possuia, pelo que julgava prudente que eu não frequentasse tanto a casa d'ella. Que a minha frequencia muito assidua seria motivo para commentarios e mexericos e que a consequencia seria a senhora perder sua reputação ; que a mim cabia o dever de proteger e defender Dona M. Que seria um remorso, que me acompanharia até ao tumulo, o ser eu o causador da infelicidade d'aquella que tanto me estimava. Que ella, minha mulher, por si nada perdia, pois conhecia o que eram paixões e sabia desculpar

as fraquezas humanas ; que o seu cuidado era amparar a reputação d'aquella tão distincta senhora, a qual a imprudencia punha em perigo.

Sucedeu, que eu viesse ao Recife, onde me demorei alguns dias. Na minha ausencia uma outra senhora, que residia defronte d'aquella moça, de quem não gostava, talvez por ser tão bonita, foi á nossa casa, e fez ver á minha mulher que ella era trahida por Dona M.... E inventou uma historia capaz de levar a convicção ao espirito da minha mulher, se fosse minha mulher igual a ella. Porém Joaquina valendo-se do seu juizo, subjuguou o impulso da paixão do momento e respondeu : que tudo quanto a vizinha dizia não passava de illusão e simples apparencia ; e depois de mais algumas reflexões e protestos pela honestidade de Dona M.... acrescentou : que a interpretação dada pela vizinha ás minhas relações com Dona M.... eram sem fundamento, visto como, se fosse certa, não poderia occultar-se á vigilancia do marido da moça e tambem da d'ella, que seriam, em tal caso, partes offendidas.

A tal senhora, admirada, encarou minha mulher e disse-lhe : “Dona Joaquina, quanto Você é digna de inveja !” E retirou-se como que arrependida e envergonhada.

Quando voltei do Recife, Joaquina instruiu-me d'esse facto, dizendo que tinha razão quando me aconselhava para eu cessar a grande frequencia em casa d'aquella moça.

Perguntei-lhe o que ella fizera depois d'isso? Respondeu-me que sendo o seu interesse salvar a honra

d'uma senhora casada, o melhor expediente que lhe occorreu foi, apenas a tal vizinha retirou-se, ella com os meninos ir passar o resto da tarde em casa de Dona M.... E convidal-a para o dia seguinte vir passar a tarde em nossa casa, estreitando assim mais as relações para, por esse meio, desviar qualquer juizo desfavoravel que contra aquella moça se pretendesse formar.

Agora passo a narrar um outro factó que succedeu 26 annos depois, que vem a ser o remate do que acabo de referir.

Depois d'aquelle acontecimento aquella senhora morreu ; morreu tambem o marido, ficando apenas um filho, cuja paternidade me era attribuida; mas a natureza encarregou-se de defender a honra de Dona M... ; o menino nascera e crescera o retrato perfeito do pai, marido da moça.

Correram os annos e nós mudamo-nos para o Recife, onde residia o filho d'aquelle senhora.

Era o anno de 18... ; meu filho Democrito era deputado á Assembleia Provincial, e pessoa de prestigio, quando se deu uma vaga de funcionario publico, um emprego com o ordenado de 1:200\$000. A nomeação ia depender daquelle meu filho.

Á vaga concorreu grande numero de candidatos. Os empenhos eram numerosos, e não eram mais os homens, eram principalmente as senhoras da mais alta sociedade, que pediam pelos candidatos.

Democrito não sabia o que fizesse ; luctava com os mais serios embarços e não podia decidir-se, porque cada senhora importante pedia com mais força.

Eu havia protestado não augmentar-lhe as difficuldades, não pedindo por ninguem e minha mulher fazia os mesmos protestos.

Uma noite, porem, um moço de nome F. em companhia da mulher e de quatro filhos muito pequenos se apresentou em nossa casa a fallar á minha mulher.

Disseram elle e a mulher as circumstancias penosas em que se achavam. Invocaram chorando os Divinos Nomes de Jesus, Maria e José, pedindo que os valessem. Dependia unicamente d'ella, Joaquina, fazer cessar o estado lastimoso em que se achavam.

Minha mulher cedendo aos rogos, fortalecidos com a invocação da Magestade Divina, prometeu-lhes empregar todos os meios ao seu alcance para servil-os. Retiraram-se esperançosos.

Quando á noite voltei á casa, ella instruiu-me do que se havia passado e pediu-me que eu fizesse, em nome d'ella, uma carta a Democrito, dizendo-lhe que, se sem grave inconveniente podesse preferir o seu recommendado, reconhecida ficaria. Eu respondi que sim, e tinha certeza d'elle não recusar em presença da carta que eu fizesse.

No dia seguinte mostrei-lhe a carta, que abaixo se segue e que eu li para ella ouvir.

Eil-a. "Democrito. Á nossa casa vieram o Snr. F. e sua mulher acompanhados de quatro filhos de muito tenra idade. Fizeram-me vêr o estado de desolação em que se achavam.

Os rogos mais vehementes, as supplicas mais dolorosas, acompanhadas de soluços que os suffocavam,

amparando-se com os Divinos Nomes de Jesus, Maria e José reduziam-se a pedir-me que eu me interessasse com você para dar-lhe o emprego que tinha sido occupado por L.

Se o Snr. F. e sua mulher representavam uma comedia, eu não sei ; o que sei, é que desenvolveram perante mim um quadro tão contristador, tão pathetico e tão pungente, que me commoveu até as lagrimas.

Eu não pretendia augmentar-lhe os embarços com que Você lucha a respeito d'esse emprego ; mas opprimida por tão cruel alternativa, eu prometti-lhe empregar quanto eu podesse valer para Você, afim de que fosse o F. nomeado para o tal emprego ; portanto, ouça-me.

Se aquella que lhe deu o ser ; aquella que não hesita em dar a vida por Você ; finalmente, se aquella que pode fazer baixar do Ceo a benção de Deus em favor do filho obediente, merece ser attendida, são estas as expressões com que peço que Você nomeie o F. Sua mãe”.

Acabando eu de lêr a carta ella respondeu-me : “Você quanto mais velho fica, mais tolo é”. Que ella não queria uma carta que collocasse seu filho em tão serias difficuldades, pois aquella carta em semelhante estylo era o mesmo que obrigar-o por força de maldição ; por tanto não assignava e pegando no papel amarrotou-o todo e sacudiu-a em um balaio de costuras, que tinha ao pé de si. Eu, sem saber o que respondesse disse que aquella carta era que me parecia conveniente. “Pois assigne Você”, respondeu zangada ; “porque eu não faço semelhante asneira”.

Conforme já disse acima, eu tinha protestado não vexar Democrito, fazendo pedido a tal respeito.

No dia seguinte, estando eu na secretaria da minha repartição, appareceu-me ali o filho de Dona M. . . . Perguntei-lhe o que queria. Respondeu-me que pedia que eu me interessasse com Democrito para nomeal-o para a vaga que L. deixava. Respondi-lhe que razão muito forte se oppunha a que eu pedisse esse logar para pessoa alguma. “Pois ha de pedir por mim”, respondeu-me elle. .

Zanguei-me com aquella insistencia, e de modo agastado disse-lhe : “pois quero vêr o Snr. me obrigar”. “Sim, Snr. ; obrigo-o, tenha paciencia, ouça-me. Se minha mãe fosse viva e lhe pedisse, o Snr. faltava-lhe?”

Ouvindo pronunciar esse nome venerando, que penosa recordação me despertou, tive uma impressão estranha. Depois de pequena pausa, respondi-lhe : “retire-se, eu vou pedir por Você”.

O resto das horas do expediente passei perturbado. Até que fui para casa.

Nos nossos 42 annos de casados nunca fiz coisa alguma sem consultar minha mulher ; d’esta vez recorri tambem a ella.

Contei-lhe o que se havia passado e pedi-lhe o seu conselho, porque a situação era tal que eu não sabia como resolvel-a. “Oh ! homem, respondeu ella, pois você vacilla ante a invocação de um nome, que deve considerar como sagrado ? ! Pois bem, eu a quem ella nunca dedicou tanta amizade e que não disse que daria a vida por mim, por seu respeito não deixo de acatar

aquelle nome. Olhe, aquella carta que eu não quiz assignar em favor de F., mude os nomes, que eu assigno em favor do seu protegido, afim de que Você não seja accusado, em sua consciencia, de ingratição”.

Era assim minha mulher. Durante o tempo da nossa união me servio de esposa, de mãe e de mestra.

Que os Céos te recebendo benignamente te concedam na eternidade o galardão que este mundo de miseria te negou.

Mudança para a rua da Conquista

Em 26 de Outubro de 1885, 2.^a feira, ás 7 horas da noite mudei-me do 2.^o andar do sobrado n.^o 21, da praça do Conde d’Eu, para a casa de José Thales, na rua da Conquista.

Lembrança de meu filho Aristarcho

Ás dez horas da noite do dia 30 de Outubro de 1885, na cidade de Aracajú, capital da Provincia de Sergipe, falleceu, de um ataque de apoplexia, meu filho Aristarcho Cavalcanti de Albuquerque : 11 dias e 52 minutos depois da morte de sua mãe.

A sua vida foi de curta duração. Ainda não havia completado 40 annos, apenas 39 annos, 6 mezes e 22 dias, porque nasceu em 8 de Junho de 1846.

Recebeu o gráo de bacharel em direito no dia 9 de Novembro de 1870.

Casou-se em 10 de Abril de 1875 com Herundina Maria Ferreira Cavalcanti, filha do finado Pedro Af-

fonso Ferreira, de quem fizemos menção noutra parte deste livro.

Havia feito dois quatrienios de Juiz Municipal, e não lhe convindo esperar um despacho de Juiz de Direito accitou o logar de Procurador Fiscal da Fazenda de Sergipe onde gosava da mais alta estima e da maior consideração.

Alem das qualidades moraes que o faziam merecedor da estima geral, era homem de talento e de bom senso e por isso consultado pelos parentes e amigos em todos os negocios de importancia ; e as suas decisões, acatadas.

Nunca se ligou á politica alguma ; em ambos os partidos só conhecia amigos e nenhuma desafeição.

Deixou quatro filhos, sendo três meninas e um menino e a mulher grávida.

Deixou á sua mulher e filhos, apenas uma reputação sem mancha, procurou sempre seguir o caminho da justiça e da honestidade. Honrava a familia.

Fallecimento de Antonio, 6.º filho de Democrito

Em 20 de Novembro de 1885, ás 7 horas da noite, na cidade de Goiana, falleceu Antonio, 6.º filho de Democrito. Tinha 2 annos e 10 dias. Seus pais tinham ido para aquella cidade a passeio.

Mudança para Olinda

Em 24 de Fevereiro de 1886 mudei-me para a cidade de Olinda, para a casa n.º 8 no pateo de São Pedro.

Nomeação de Democrito para a Secretaria da Presidencia do Pará

Em o dia 3 de Abril de 1886, por Decreto Imperial, foi Democrito nomeado Secretario da Presidencia do Pará, entrando em exercicio no dia 28.

Fallecimento de Manoel, 5.º filho de Heraclito

Em 9 de Maio de 1886, domingo, ás 5 horas da tarde, falleceu Manoel, 5.º filho de Heraclito, em Olinda, em casa de José Thales, tambem no pateo de São Pedro n.º 1, para onde foi transferido de minha casa ás 10 horas da manhã, por conselho do medico, Dr. João Paulo, que estava tratando-o de febre amarella.

Seu pai o havia posto, e a Lycurgo no Seminario, como pensionistas internos, no 1.º do referido mez de Maio.

Lá estiveram quatro dias ; adocendo na 4.ª feira, no dia seguinte fiz conduzir ambos para a minha casa.

Foi sepultado no cemiterio da Ordem 3.ª de São Francisco, na catacumba n.º 18.

Falleceu com 11 annos, 10 mezes e 8 dias.

Nascimento de Bemvinda, 8.º filho de Democrito

Em 6 de Agosto de 1886, na rua do Varadouro, em Olinda, nasceu Bemvinda, 8.º filho de Democrito.

Fallecimento de Bemvinda, 8.º filho de Democrito

Em 25 de Fevereiro de 1887, 4.ª feira, falleceu Bemvinda, 8.º filho de Democrito, na rua do Visconde de Al-

buquerque, em casa de Cicero, onde a mãe se achava e Democrito no Pará.

Mudança de casa

Em a noite de 6.^a feira, 3 de Novembro de 1887, voltei da rua do Hospicio, na Boa Vista, para Olinda, d'onde havia sahido temporariamente e cujo lançamento escapou-me.

Fui morar ao pé da estação do Varadouro, lado do Sul, n'uma casa amarella, entre dois portões.

Abolição da escravidão

Em 13 de Maio de 1888, foi extincta a escravidão no Imperio do Brasil.

Não houve guerra, não houve sangue, não houve um tiro. Mais uma vez o brasileiro se revelou um povo generoso. Receiamos, porem, que tenha havido precipitação ; e que essa precipitação nos traga depois serios desgostos. Todos os possuidores de escravos ficaram abalados em suas fortunas. Não tiveram nenhuma indemnisação e terão de lutar com grandes embaraços.

Bem diversa era a opinião do Visconde do Rio Branco. Elle queria que as coisas succedessem com mais calma. Elle havia estudado e apresentado um plano de emancipação, dentro do qual, com alguma demora, se chegaria ao mesmo resultado, sem prejuizo de ninguem.

Sahida de Carolina

Em 15 de Setembro de 1888, sahio de minha casa a menor Carolina, indo para a casa de Heraclito no Engenho Dois Mundos.

Chegada de Antonia

Em 15 de Setembro de 1888, no mesmo dia em que sahio Carolina, chegou Antonia para substituil-a. E' ingenua, filha de uma escrava que tinha sido de Heraclito. Avalio que esta menor terá 14 annos.

Nascimento de Alice, 11.º filho de Sinhá

Em 25 de Julho de 1889, 5.ª feira ás duas horas da tarde, na rua Visconde de Albuquerque, outr'ora — Cotovelo — n.º 66 nasceu Alice, 11.º filho de minha filha Lisbella.

Nomeação de Democrito para a Alfandega do Pará

Em 26 de Agosto de 1889, foi Democrito nomeado Inspector da Alfandega do Pará.

Proclamação da Republica

No dia 15 de Novembro de 1889 (data que para nós será sempre de ominosa recordação) foi proclamada, no Brasil, a Republica, com o banimento do Imperador Pedro 2.º

Os *sabios* de hoje desejam tudo reformar. Quando não podem reformar para melhor, reformam para peor. Tudo é reforma, tudo é progresso. Esta é a mania do seculo.

Não conhecemos exemplo na historia, de governo republicano que tenha praticado as theorias apregoadas.

Os sonhadores da republica falam muito em "liberdade, igualdade e fraternidade". Isto é só theoria.

Apontem um exemplo, isto é, uma republica onde o povo gose ou tenha gosado d'esses privilegios?

A grande republica que apontam para nos servir de modelo — é a dos Estados Unidos da America do Norte. Pois ali não se conhece igualdade nem fraternidade, e o que mais é: nem honestidade nem vida politica. Se teem prosperado é porque seu povo observa na vida particular os velhos e bons costumes inglezes, desenvolvidos sob a Monarchia.

Olhando para nossas vizinhas da America Hespanhola, desde o Mexico até a Argentina, o que vemos? Esses povos soffrendo horrores, uns da guerra civil ou da anarchia, outros do caudilhismo.

Apresentam-nos tambem como exemplo a pequena Suissa. Não negamos: essa republicasinha é bem governada. Mas será rasoavel oppor um só exemplo, e este o de uma nação tão pequena, contra tantos exemplos de republicas mal governadas? Rasoavel esperar que o Brasil se torne uma Suissa grande e não uma outra Venezuela? Quem nos garante isto?

Uma outra razão que apresentam para se preferir a forma republicana é que evita o mal da hereditariedade no governo. Porque, dizem os republicanos: nasce um filho do rei, ou do imperador, talvez um sandeu ou um perfido, e o povo deve submeter-se. Ora, nada mais deprimente do que pretender-se que o povo seja um agglomerado de escravos; que os brasileiros sejam uns bananas que acceitem para soberano qualquer filho de rei, até um sandeu.

O nascimento de um herdeiro ao throno é garantia contra a reprodução de frequentes eleições para presidentes da republica ; eleições que não passam de comedias, e são ás vezes calamidades.

Ponham-se de parte as paixões, argumente-se só com a razão e reconhecer-se-ha que a hereditariedade é conveniente no governo dos povos. Evita as eleições ; evita que qualquer aventureiro ou ricoço se julgue com direito a apresentar-se candidato á Presidencia, possuindo como unico titulo de recommendação o dinheiro ou a audacia.

E' bem sabido que o povo não distingue as qualidades dos candidatos : vota em quem lhe mandam votar ; e esses mandões sempre põem de parte o merito, interessando-lhes só o ganho ou a vantagem que possa vir-lhes d'este ou d'aquelle candidato da sua afeição.

N'um paiz constitucional, a ascenção de um herdeiro ao throno quasi não importa ; quem distribue justiça são os juizes ; quem legisla são os representantes da nação ; porque quem governa são os ministros ; o soberano, porem, equilibra os varios poderes nas suas relações uns com os outros e assegura a continuidade e a perpetuidade desse equilibrio politico.

A Inglaterra, esta potencia onde a lei e a justiça se ostentam com tanto esplendor, tem por soberana uma mulher ; mas o governo exercem-no os ministros. Todas as monarchias da Europa procuram imitar a Inglaterra, isto é, o respeito á lei e á justiça ; e ali não existe despotismo nenhum ; porque este passou das monarchias para os governos republicanos.

A Inglaterra, diz Balbi, não tem mais para onde subir ; só lhe falta cair. E essa grandeza foi attingida dentro do regimen monarchico.

Da França nada podemos dizer, porque não é a primeira vez que ali se estabelece o governo republicano, que não se tem sustentado.

Não acreditamos que pessoa alguma de bom senso possa ser republicano de convicção. Isto é absolutamente impossivel. Cabe aqui citar Alexandre Dumas : “Esta utopia, que os tontos de Pariz apregoam com o nome de republica, ha de ser sempre o que tem sido até hoje”. Uma utopia : nada mais. E’ justamente a nossa opinião.

Concluiremos dizendo que nos apavoram as perspectivas da Republica no Brasil. Deos queira que as nossas previsões não se verifiquem.

Nomeação de Democrito para Inspector da Thesouraria de Pernambuco

Em 15 de Fevereiro de 1890 foi Democrito nomeado inspector da Thesouraria de Pernambuco.

Mudança para a Boa Vista

Em 5 de Junho de 1890, mudei-me de Olinda indo, por enquanto, residir em casa de José Thales, á rua da Matriz n.º 11.

Nomeação de Yáyá

Em 22 de Dezembro de 1890, foi Yáyá nomeada professora da cadeira mixta de Iguarassú.

Mudança de Yáyá para Iguarassú

Em 13 de Janeiro de 1891, seguiu Yáyá com Herundina e as filhas para Iguarassú a tomar conta da cadeia, para o qual foi nomeada.

Nomeação de Democrito para o Thesouro

Em 22 de Fevereiro de 1891, foi Democrito nomeado Director da tomada de Contas do Thesouro Nacional.

Remoção de Yáyá para Olinda

Em 26 de Fevereiro de 1891 foi Yáyá removida da cadeira mixta de Iguarassú para Olinda.

Embarque de Democrito para o Rio

Em o 1.º de Março de 1891, domingo, ás 6 horas da tarde, embarcou Democrito para o Rio de Janeiro, a tomar conta do logar de Director do Thesouro Nacional, ficando a familia no Recife.

Mudança de Yáyá para Olinda

Em 15 de Março de 1891, mudou-se Yáyá de Iguarassú para Olinda, indo para a rua de Mathias Ferreira, em cuja casa esteve 5 dias, passando no dia 20 do mesmo mez, para o sobrado n.º 14 da mesma rua.

Sahida da familia de Democrito

Em 7 de Abril de 1891, seguiu a familia de Democrito para o Rio de Janeiro onde elle se acha.

Casamento de Mariasinha

Em o dia de sabbado, 18 de Abril de 1891, ás 6 horas da tarde, no palacete de propriedade do Dr. Ayres Gama, na Encruzilhada, onde José Thales de Mello morava, casou-se minha neta Maria de Albuquerque Mello, com seu primo José Solon de Mello, filho de Cicero Brasileiro de Mello e de sua mulher Dulce Ferreira de Mello e neto de José Antonio Gonsalves de Mello. Ahi celebrou-se o casamento civil, sendo o Juiz o Dr. João Joaquim de Freitas Henriques. O catholico foi no palacio da Soledade, pelo Vigario da Bôa Vista Padre Augusto.

Mudança para o Varadouro

Em 20 de Maio de 1891, mudei-me para o sobrado n.º 2, á rua do Varadouro que actualmente tem o nome de Dois de Dezembro.

Fallecimento de meu sobrinho Joaquim

Ás 11 horas da noite de 28 de Junho de 1891, na rua do Caldeireiro, do bairro de São José do Recife, falleceu meu sobrinho Joaquim Cavalcanti de Hollanda e Albuquerque, filho de meu mano Lino Cavalcanti de Albuquerque. Nasceu no dia 17 de Outubro de 1837. Não completou 54 annos de idade.

Casamento de Emilia

Ás 4 horas da tarde do dia sabbado, 28 de Novembro de 1891, na rua de Leão Coroado, outr'ora Mangueira, casou-se minha neta Emilia de Albuquerque

Mello, filha de minha filha Lisbella e seu marido José Thales de Mello, com Christovam Uchôa. Este foi o casamento civil, sendo Juiz o Dr. João Joaquim de Freitas Henriques, celebrando-se o catholico em seguida no Palacio da Soledade (1) ás 7 horas da noite.

Fallecimento de Pedro 2.º

Aos 10 minutos depois das 12 horas que fechavam o dia 5 de Dezembro de 1891, na cidade de Pariz, capital da França, falleceu Pedro 2.º, ex-imperador do Brasil ; no meridiano do Rio de Janeiro, na altura do Equador, eram 8 horas, 4 minutos e 25 segundos da noite d'aquelle dia.

Descendente das dynastias de Habsburgo e de Bragança, dirigio os destinos d'um vasto imperio, agitado por luctas politicas desde os primeiros tempos da independencia até á sua exaltação ao throno. O monarcha modêlo agora morto, tanto soube harmonisar a justiça com a equidade, o amor ao progresso com a prudencia, que durante o longo espaço de 50 annos — que tanto durou o seu reinado — não deu um só passo que não fosse no sentido de consolidar a grandesa e a segurança do Brasil, a ordem e a tranquillidade nacionaes.

Foi o homem mais obediente á lei e ao mesmo tempo o mais liberal, que o Brasil já teve no governo.

Do subsidio, que a nação lhe concedia, apenas tirava o estrictamente necessario para as suas urgencias, porque o mais era para distribuir com os necessitados.

(1) Era então na Soledade o Palacio do Bispo de Olinda ; ahi se celebravam os casamentos mais elegantes.

Nunca fez mal a ninguém.

As offensas que a maledicencia lhe dirigia, elle retribuia com actos de generosidade. A vingança era sentimento que repugnava á sua razão esclarecida.

Foi quem subtrahio o Exercito ao aviltante castigo da chibata.

Foi elle, tambem, o principal abolicionista do Imperio ; adepto, porém, da calma, e não da soffreguidão abolicionista.

Deposição do Governador de Pernambuco

No dia 18 de Dezembro de 1891, o partido denominado “Violão” constituído pelos chamados republicanos historicos e representado pelo Dr. Martins Junior, depoz o Governador legal (se é que actualmente possa haver legalidade), o Barão de Contendas, que pertencia ao partido chamado “Deleterio”.

O governador Correa da Silva presentindo a crise que ia se dar, passou o governo a Soriano ; este, expe-riente, por sua vez o passou a José Maria ; José Maria o devolveu ao Contendas. Contendas não encontrando outro a quem podesse entregar a carga, fugio para Olinda. Toda esta comedia se passou em tres dias. Era uma balburdia — coisa muito commum ás republicas. Lembra o caso do grande orador Cicero, que encontrando, por acaso, um amigo na rua, perguntou para onde ia, este respondeu que ia comprimentar o novo dictador, ao que respondeu Cicero : então vá depressa antes que acabe o tempo da sua dictadura.

O Barão de Contendas ainda não tinha exhibido provas de governar bem ou mal. Apenas era conhecido como cidadão pacifico, honesto, probo, independente, qualidades, que hoje, mais do que d'antes, são desprezadas.

Martins Junior, julgando-se decerto presciente, conheceu logo que o Contendas não faria bom governo ; e animado do sentimento patriotico, que elle encarna a seu geito, conversa com o General Commandante das Armas, e consegue interessal-o na deposição pretendida. Aquelle General, esperando tambem alguma vantagem, reúne a tropa de linha e marcha para o Palacio a intimar o Contendas a deixar o governo. O Contendas nenhuma resistencia pretendia oppor ; tanto que se retirara logo para a cidade de Olinda.

Mesmo assim, a força de policia que estava em Palacio resistio por algum tempo ; mas reconhecendo-se impotente para bater-se com tropa tão aguerrida como a de linha, superior em numero e em qualidade de armamento, debandou.

José Maria que não podera acompanhar ao Contendas, difficilmente conseguiu saber depois do Palacio. Mas sahiu.

O resultado do encontro da Policia com a tropa de linha por motivo politico, foi morrer muito pobre soldado na lucta e tambem gente do povo que na occasião por ali passava ; gente na maioria innocente.

E' isto o que se chama republica. São d'este genero as vantagens que ella offerece. Um governador não agrada a um dos partidos? Depõe-se o governador.

Morre gente na lucta, inclusive gente innocente? E' necessario muito sangue para consolidar-se a republica. E' a phrase empregada pelos republicanos.

Desgraçadamente muito cedo vão-se verificando as nossas previsões quanto ao regimen novo.

Dizem os republicanos que com o tempo tudo ha de melhorar. Esperemos.

Fallecimento do Marechal Deodoro da Fonseca

No dia 23 de Agosto ultimo (1892), falleceu, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca : 8 mezes e 18 dias depois da morte de Pedro 2.º

O Marechal Deodoro foi o fundador da Republica Brasileira, ou antes o destruidor do throno no Brasil.

Factos que se têm dado, que se vêm repetindo, e que temos annotado n'este livro, nos permittiriam lançar nossas recriminações ao Marechal Deodoro, como um dos fundadores da Republica.

Mas em presença da morte, nem mais uma palavra ; nem mais um pensamento.

O seu processo submettido ao Tribunal Divinó vai ser julgado pelo Juiz Supremo. O seu julgamento ali não está sujeito á protecção, á parcialidade, ao erro nem ao engano.

Se o Marechal Deodoro, proclamando a republica, fez o bem ou o mal, elle agora o sabe.

Todavia os brasileiros não deixarão de dirigir preces ao throno do Altissimo, invocando a Misericordia Divina para o eterno descanso da alma do Marechal Deodoro.

Casamento de Dondon

Às 7 horas da noite do dia sabbado, 28 de Janeiro de 1893, na rua Dois de Dezembro n.º 2, conhecida tambem por “Varadouro” na cidade de Olinda, casa de minha residencia, casou-se pelo civil e ás 8 horas e 10 minutos celebrou-se o casamento catholico de minha neta Thereza de Albuquerque Mello, filha de minha filha Lisbella e seu marido José Thales de Mello, conhecida pelo apelido de Dondon, com o Bacharel Francisco P. de Abreu.

Escada natural

Existe no lugar Brejinho, da comarca de Pajéu de Flôres, provincia de Pernambuco, uma escada de pedra com 72 degráos, sendo a escada muito larga e cada degrao tendo um metro de altura. Offerece muita difficuldade a quem deseje subir por ella. Apesar da inclinação que deve ter, ajuise-se de que altura será.

Entretanto, uma obra d’esta tão estupenda, creada pela natureza, não prende a attenção dos pernambucanos e passa, como outras muitas raridades que ha pelo centro, inteiramente desapercebida.

Partida de Democrito para o Norte, e chegada do Rio de Janeiro

Em 19 de Abril de 1893, sahio Democrito com a familia, de minha casa para os Estados do Norte. Havia chegado do Rio de Janeiro em 7 de Outubro de 1892, tendo ido assistir em casa de José Thales, d’onde veio para minha casa, no Varadouro, em 24 de Dezembro de 1892. Anda em commissão do Governo.

Nascimento de Maria Emilia

A uma hora e 50 minutos da manhã de 5.^a feira, 20 de Abril de 1893, na rua da União n.º 49, nasceu Maria Emilia, 1.º filho de minha neta Emilia. E' o meu primeiro bisneto. Será Emilia quem me dará o primeiro tataraneto.

Mudança de José Thales para Olinda

Em 8 de Julho de 1893, mudou-se José Thales da rua da União, casa n.º 49, para a casa n.º 6 da rua de São Bento, na cidade de Olinda.

Mudança de Heraclito para a rua Imperial

Em o dia 5.^a feira, 20 de Julho de 1893 mudou-se Heraclito para a rua Imperial, casa n.º 286, para tratar-se de uma molestia grave, da qual os proprios medicos julgavam que elle não escaparia. O medico assistente foi o Dr. Alvaro Carneiro Leão, que opinou sempre em contrario, e elle de facto restabeleceu-se.

Transferencia de Heraclito para a Boa Vista

No dia 24 de Julho de 1893, foi Heraclito, por deliberação do medico, para a rua da Matriz da Bôa Vista n.º 11 e ahi adquiriu muita melhora.

Transferencia para a Chã de Carpina

No dia 8 de Agosto de 1893 foi Heraclito, por conselho do medico para a Chã de Carpina onde felizmente restabeleceu-se de todo. (1)

(1) Era o lugar para onde iam então, mais do que hoje, as familias pernambucanas com pessoa fraca ou convalescente. Teve depois mudado o seu nome tradicional para Floresta dos Leões.

Nascimento de Maria, 1.º filho de Dondon

Às 5½ horas do dia 5.ª feira, 9 de Agosto de 1893, no sobrado n.º 6 da rua de São Bento, em Olinda, residencia de José Thales, deu Dondon á luz uma menina, que viveo poucas horas, podendo baptisar-se e deo-se-lhe o nome de Maria.

Sahida de Democrito para as Alagôas

No dia 14 de Novembro de 1894, seguiu Democrito para o Estado das Alagôas levando a familia, indo tambem em sua companhia minha filha Yáyá.

Prisão de José Mariano

No dia 14 de Novembro de 1894 foi preso o Bacharel José Mariano Carneiro da Cunha.

Nada temos que estranhar. Segundo o systema republicano de igualdade, liberdade e fraternidade, apenas a republica foi proclamada, os diversos estados foram logo usando da liberdade de depôr os governadores.

No Rio Grande do Sul tornou-se o caso mais serio. Ali explodiu a guerra civil.

No Rio de Janeiro, no anno passado, (1893), no dia 6 de Setembro, o Almirante Custodio José de Mello fez revoltar a esquadra contra o governo para auxiliar a revolta do Rio Grande. Principiou logo bombardeando a capital Federal. Foi uma prova do seu patriotismo.

José Mariano, suppondo triumphante a revolução, publicou um manifesto, no qual dava francamente a sua adhesão á revolta, e se declarou hostil ao governo.

A cidade foi considerada em estado de sitio e elle logo preso e remettido para a fortaleza do Brum.

Eis verificado o nosso prognostico quando, por occasião de registrarmos o assassinato de Bodé, disse-mos que recciasse José Mariano: que em occasião critica o "seu povo" talvez o abandonasse. Já o abandonou.

Aquella "muralha viva" (conforme expressão de Joaquim Nabuco, em um artigo aqui no Recife publicado) que o cercava, não pôde evitar que 25 soldados de policia fossem arrancal-o de sua casa e o encerrassem na fortaleza do Brum.

Agora, se do Rio de Janeiro para onde vai seguir, segundo consta, voltar triumphante, pode contar com a dedicação do "seu povo" que na occasião propicia toca ao delirio.

E lembre-se José Mariano que esta já é a segunda prova da dedicação exaltada e leal do "seu povo". Quando em 1873 Lucena mandou espaldeiral-o na praça publica por 13 soldados de cavallaria, o "seu povo", que alguém calculava em numero de 1.600 pessoas, desapareceu todo, como por encantamento, deixando-o só. E naquelle tempo a cidade não estava debaixo de sitio.

Agora cumpre-nos aguardar os acontecimentos para aprecial-os.

Por nossa parte declaramos previamente que não nos admiraremos de qualquer que seja a magnitude dos successos. Tudo que possa acontecer já entrava nas nossas previsões, quando tratamos da proclamação da Republica.

Regresso de Democrito de Alagoas

No dia 28 de Dezembro de 1893 voltou Democrito do Estado de Alagoas para o Recife, tendo ido para ali, em comissão do Governo.

Casamento de Minse

Às 6½ horas da tarde, do dia sabbado, 10 de Fevereiro de 1894, no sobrado n.º 6, da rua de São Bento da cidade de Olinda, casou-se minha neta Joaquina de Albuquerque Mello, conhecida por Minse, com Joaquim Gonçalves de Azevedo, portuguez de nascimento. Este foi o casamento civil, celebrando-se em seguida o catholico na igreja de São Bento, pouco antes das 8 horas. Faltavam-lhe 10 dias para completar 15 annos, porque nasceu no dia 20 de Fevereiro de 1879.

Embarque de Minse para a Europa

No dia 24 de Março de 1894, embarcou Minse em companhia do marido para a Europa.

Casamento de Lycurgo

No dia 17 de Junho de 1894, meia hora depois do meio dia, no Engenho São João da freguezia de Ipojuca, casou-se meu neto Lycurgo de Albuquerque Pimentel, filho de meu filho Manoel Heraclito de Albuquerque, com D. Ignacia de Albuquerque Pimentel, filha de Felix José da Camara Pimentel. Têm gráo de parentesco.

Mudança de José Thales para a rua da Aurora.

No dia 8 de Agosto de 1894, mudou-se José Thales da rua de São Bento, em Olinda, para a casa n.º 119, da rua da Aurora, do bairro da Bôa Vista.

Casamento de Marieta

No dia 1.º de Setembro de 1894, ás 4 horas da tarde, na rua Imperial n.º 286 celebrou-se o casamento civil de minha neta Maria Rosa de Albuquerque (Marieta) filha de meu filho Manoel Heraclito de Albuquerque com o Snr. Venancio Hemeterio Lobo Labatut, natural do Estado das Alagôas, celebrando-se o catholico ás 8 horas da noite no palacio da Soledade.

Sahida de Solon para São Paulo

No dia 5.ª feira, 25 de Outubro de 1894, da rua da Aurora n.º 119, onde residia José Thales, sahio Solon com Mariasinha e Cicero com toda a familia para o Estado de S. Paulo, sendo Cicero como Inspector da Alfandega d'aquelle Estado e Solon como escripturario da mesma Alfandega.

Nascimento de Guiomar, 2.º filho de Dondon

Na 4.ª feira, ás 10 horas da noite de 31 de Outubro de 1894, na casa n.º 119, á rua da Aurora, nasceu Guiomar, 2.º filho de minha neta Thereza de Albuquerque Mello.

Chegada de Minse da Europa

No dia 13 de Dezembro de 1894, 5.ª feira, dia de Santa Luzia, desembarcou minha neta Minse com o

marido, no caes da Lingoeta da viagem que fizeram á Europa, no vapor *Magdalena*.

Fallecimento de Guiomar

Ás 5 horas da manhã do dia 7 de Fevereiro de 1895, na casa n.º 18 do becco dos Ferreiros, falleceu Guiomar, 2.º filho de minha neta Theresa (Dondon).

Nascimento e morte do 2.º filho de Emilia

Ás 4 horas da tarde de sabbado, 2 de Março de 1895, na casa n.º 119, da rua da Aurora, nasceu o 2.º filho de minha neta Emilia. Viveu poucas horas; baptizou-se e tomou o nome de Manoel.

Assassinato de José Maria

Depois que se proclamou a Republica, o Brasil entrou num regimen de terror. Em Pernambuco, tem sido uma balburdia. No Rio, de Janeiro, um louco, o Almirante Custodio José de Mello, fez revoltar a esquadra, principiando por bombardear a cidade.

Este grito de guerra repercutindo por todos os Estados determinou muito fuzilamento, aqui em Pernambuco, executando-se até um menino de 15 annos de idade.

De Pernambuco foi feito Governador um Capitão Alexandre José Barbosa Lima que ninguem conhece.

Martins Junior tentou goverنال-o; Barbosa Lima, porem, indignou-se com o arrojo de Martins e romperam.

José Mariano, que logo em principio havia se separado de Martins Junior, esposou a causa de Barbosa

Lima e a elle se aliou. Barbosa Lima dispondo da força publica e José Mariano da massa popular, diz-se até que os dois tramaram separar Pernambuco dos outros Estados !

José Mariano concebeu em sua ligeira cabeça o pensamento de que no Sul a causa de Custodio estava mais bem amparada que a do Governo ; publicou então manifesto declarando-se partidario de Custodio. Enganou-se. A revolta terminada com Custodio desertando para o Rio Grande do Sul, a amparar-se com Silveira Martins, deixando o pobre Saldanha da Gama á sua sorte ; este por sua vez tambem fugio para o Rio Grande. (1) Pouco se importaram os dois com aquelles a quem haviam arrastado para as suas bandeiras, fazendo-os abraçar a sua causa com risco de vida.

Com a publicação do manifesto de José Mariano, o Recife fôra posto em sitio e elle, José Mariano, apesar de todo o "seu povo", agarrado em casa e mandado para a fortaleza do Brum e depois para a Ilha das Cobras. Ahi esteve fazendo faxina dez mezes.

José Maria de Albuquerque Mello, segundo chefe do partido opposto a Barbosa Lima, não se deixou, como Mariano, cahir nas garras do Governador. Escondeu-se a espera do momento de voltar á lucta.

Vem a eleição para deputados ao Congresso Federal, e José Maria dirige o plano eleitoral sem ninguem saber onde elle está, mas tudo combinado com José Mariano, ainda na prisão ; alcançam os dois um trium-

(1) Com relação a Saldanha da Gama o registro de Felix Cavalcanti é incompleto : o fim de Saldanha foi o de um bravo.

pho esplendido. Nessa occasião José Mariano manda recommendar aos seus correligionarios protegerem a candidatura de Martins Junior, que na minha opinião é um bacharel sem titulo algum que o distinga na vida politica : apenas escreveu uns artigos n'um jornal republicano, julgando-se só por isto com direito a ditar a lei em Pernambuco.

Volta depois José Mariano da prisão ; na occasião do seu desembarque o povo do Recife manifesta enthusiasmo tão grande que o Governador manda espalhar tropa por toda a cidade receiando uma sublevação.

Vae Mariano de novo ao Rio de Janeiro e fica José Maria na direcção do Partido.

Já estava annunciada a eleição de prefeito para o dia 4 de Março e o Partido Autonomista confiando na adhesão popular não duvidava do triumpho. O Barbosa Lima, pensavam elles, só contava com a classe dos empregados publicos, a quem o receio de demissão impõe sempre a subserviencia.

Chega o dia 4 de Março, que seria um dos mais tristes na historia politica do Recife. Infeliz José Maria !

A 16.^a sessão, a que José Maria tem de assistir, é em uma casa á rua que tem tido diversos nomes : Praia do Caldeireiro, Rua dos Ossos, Rua Vinte e Quatro de Maio. Quando José Maria principia a falar, fazendo vêr que o processo eleitoral deve seguir os tramites da lei, abre-se a lucta. José Maria, só, sem meios de resistencia a oppor aos adversarios corre para o quintal, a procura de sahida para escapar á morte. Não tem tempo. Desfecham-lhe um tiro. Matam-no.

Seguiu-se grande exaltação no Recife. A cavallaria de policia percorreu a cidade, prompta a conter qualquer levante. Houve muito espaldeiramento : não se poupou idade nem condição. Até um Padre, que ignorando o que se passava, procurava atravessar d'uma calçada para outra, na rua Nova, tomou a sua dose de facção.

Quem era José Maria

José Maria, sem ser politico da minha sympathia reconheço que era homem impavido, de uma impavidez visinha da temeridade. Era probo. Fiel á sua palavra, não enganava a quem o procurava ; só promettia o que podia cumprir. A franqueza era o seu distinctivo.

Indignação ante o assassinato de José Maria

O assassinato de José Maria produzio em todos os Estados da União brasileira a maior indignação.

Todos os jornaes reclamam do Presidente da Republica um paradeiro a tantos desatinos em Pernambuco.

Outros procuram estimular os brios pernambucanos, invocando as gloriosas tradições da nossa gente.

Mas Pernambuco não é senão sombra do que foi : o Leão do Norte.

Os homens da classe alta, noutro tempo tão bravos, são hoje os mais servis. Alguns que ainda conservam os brios d'outr'ora abafam-nos com medo dos delatores subvencionados pelo Thesouro.

Não esqueça, porem, o Barbosa Lima que a fortuna é varia ; que a roda pode parar no meio...

Fallecimento de Cesar Cantù

Morreu Cesar Cantù. A sua *Historia Universal* é um padrão de gloria, que perpetuará o seu nome.

Mas Cesar Cantù não era simples historiador : era mais do que isto. Era um critico desapaixonado. Na sua obra não se limita a narrar os factos ; analysa-os. Compara os costumes e as sciencias das diversas epocas e dos diversos paizes.

Deixaste um nome glorioso, Cantù.

Fallecimento de Pinheiro Chagas

A 8 de Abril de 1895 morreu Pinheiro Chagas. Honrava Portugal.

Os seus innumerados escriptos ficaram para glorificar o seu nome, já tão celebre.

O seu *Diccionario Popular*, obra da maior utilidade, que temos em nossa casa e consultamos sempre, jamais será esquecido.

Se a morte não se apressasse tanto em retiral-o do numero dos vivos, elle viria a ser uma das grandes glorias do seu seculo. Falleceu muito moço : apenas passava de cinquenta annos.

Fallecimento de Floriano Peixoto

Floriano Peixoto, nascido nas Alagôas, em 30 de Abril de 1839, falleceu no dia 29 de Junho de 1895.

No curto periodo da sua dictadura fez executar muita gente.

Nascimento de Alcibiades, 1.º filho de Marieta.

Às 7 horas da manhã do dia 5.ª feira 22 de Agosto de 1895, na rua Imperial, n.º 284, nasceu Alcibiades, 1.º filho de minha neta Maria (Marieta), filha de meu filho Manoel Heraclito.

Nascimento de Pericles

No dia 6.ª feira, 4 de Novembro de 1895, às 7 horas da noite, nasceu Pericles, 3.º filho de minha neta Theresa (Dondon). Nasceu na casa n.º 119, da rua da Aurora, onde morava José Thales.

Chegada de Solon do Rio de Janeiro

No dia 24 de Novembro de 1895 chegaram Solon e Mariasinha e Cicero com a familia do Rio de Janeiro. Foram para a casa de José Thales, á rua da Aurora n.º 119 (1).

Vinda de Dondon para minha casa

No dia 28 de Novembro de 1895, vieram Dondon e Abreu para a nossa casa, na rua do Varadouro.

Mudança de José Thales para Olinda

No dia 1.º de Dezembro de 1895 mudou-se José Thales para a cidade de Olinda á rua do Bom Fim n.º 13, tendo sahido da rua da Aurora n.º 119.

(1) Desde o tempo do Conde da Boa Vista tornara-se a rua da Aurora, a rua de sobrados de residencia mais elegante e caros do Recife. Varios dos sobrados eram de azulejo e algumas casas ostentavam janellas de bonitas bandeiras como as que se vêem no *Livro do Nordeste* (do Centenario do *Diario de Pernambuco*, 1925) na sua pagina de "janellas antigas do Recife e Olinda".

Nascimento de Dulce, 1.º filho de Mariasinha

Às 9 horas da noite de 3.ª feira, 5 de Dezembro de 1895, na rua da Aurora n.º 119 na qual morava José Thales, onde Solon e o pai haviam ficado, nasceu Dulce de Mello, 1.º filho de minha neta Maria (Mariasinha) casada com Solon.

Nascimento de Lisbella, 1.º filho de Minse

Às 4 horas da tarde do dia 27 de Dezembro de 1895, na casa n.º 31, da rua do Bem Fica, na Passagem da Magdalena, nasceu Lisbella, 1.º filho de minha neta Joaquina (Minse) casada com Joaquim Gonçalves de Azevedo.

Fallecimento de Pericles

Às 12 horas do dia 5.ª feira, 2 de Janeiro de 1896, na cidade de Olinda, rua do Bom Fim n.º 13, residencia de José Thales, falleceu Pericles, 3.º filho de minha neta Theresa (Dondon). Foi sepultado no cemiterio publico de Olinda.

Nascimento de Hildebrando, 1.º filho de Lycurgo

Às 7 horas da manhã do dia 5.ª feira 14 de Janeiro de 1896, no Engenho Riacho D'Antas, freguezia de Ipojuca, nasceu Hildebrando, 1.º filho de meu neto Lycurgo.

Mudança de Sinhá para Tracunhaem

No dia 21 de Março de 1896 foi minha filha Lisbella com a familia para Tracunhaem, na comarca de Nazareth por ter sido removida para a cadeira de instrucção primaria daquelle povoado.

Habitava então na casa n.º 13 da rua do Bom Fim, em Olinda, onde deixou as filhas Emilia e Minse com os maridos.

Sahida de Barbosa Lima do Governo de Pernambuco

Depois de quatro annos de soffrimentos, Pernambuco vio finalmente Barbosa Lima deixar o Governo.

Em muitas igrejas do interior do Estado mandou-se celebrar missa em acção de graça. E com razão. Barbosa Lima só fez violencias. Dois batalhões de policia, alem de um que já existia, e um esquadrão de cavallaria foram por elle creados, para espaldeirar o povo pernambucano. Á sua violencia não escaparam Padres nem Senhoras. Não foram Joaquim das Couves e o creado da fritada, os unicos torturados por ordem desse tyranno. Tambem o Aroucha e varios outros. (1).

Mudança de Mascarenhas

No dia sabbado, 11 de Abril de 1896, sahiram de nossa casa Mascarenhas e sua mulher Marieta, minha neta, indo morar no bairro de S. José da cidade do Recife, na rua de Santa Rita n.º 144.

Sahida de Solon para o Rio de Janeiro

No sabbado, 13 de Junho de 1896, seguiu Solon com Mariasinha e meu neto Pedro, em companhia de Cicero e de toda a familia para o Rio de Janeiro.

(1) Si praticou no seu governo violencias, por outro lado Barbosa Lima realizou uma administração fecunda e intelligente. Neste, como noutros registros, Felix Cavalcanti se revela intransigente nos seus sentimentos e até preconceitos monarchicos, em face dos governos republicanos da difficil phase da transição.

Mudança de Heraclito para a Paiva

No dia 2.^a feira, 20 de Junho de 1896, mudou-se Heraclito da rua Imperial 286 para a Paiva, propriedade que comprara, sita na comarca do Cabo.

Mudança de José Thales para a rua Imperial

No dia 5.^a feira, 30 de Julho de 1896, mudou-se José Thales, da rua do Bom Fim em Olinda, para a casa n.º 286, na rua Imperial, que comprara a Heraclito.

Mudança de Mascarenhas para a rua Imperial

No dia 19 de Novembro de 1896 mudou-se Mascarenhas da rua Augusta para a casa n.º 112 á rua Imperial. E' a 3.^a mudança depois que se casou.

Nascimento do 2.º filho de Minse

Ás 9 horas e 25 minutos da noite do dia 4 de Dezembro de 1896 na Capunga, nasceu o 2.º filho de minha neta Joaquina (Minse) casada com Joaquim Gonçalves de Azevedo. Pretendem baptisal-o com o nome de Domingos.

Nascimento de Thales, 2.º filho de Solon

Ás 6 horas e 10 minutos da manhã de 6.^a feira, 11 de Dezembro de 1896, na rua Vinte e Quatro de Maio n.º 143, no Engenho Novo, da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, capital Federal, nasceu Thales, 2.º filho de minha neta Mariasinha casada com Solon.

Fugida de Josepha

No dia 6 de Janeiro de 1897, fugio Josepha de minha casa, para onde entrara no dia 22 de Dezembro de 1883. Por treze annos revelou qualidades que a distinguiram das da sua classe. Eu, meus filhos e netos, e as pessoas de nossa amisade, a consideravamos como se fosse uma filha. Estava para casar, mas a fraquesa humana é grande.

Não fiquei votando-lhe odio, ao contrario, senti dolorosa saudade de Josepha. Que os ceos a abençoem e protejam é o que de coração lhe desejo.

Mudança de minha filha para o Recife

No dia 12 de Janeiro de 1897 mudei-me de Olinda para o Recife, permanecendo trez mezes em casa dos filhos, e no dia 22 de Abril do mesmo anno (5.^a feira) passei a residir á rua Princesa Isabel, n.º 7.

Embarque de José Thales para o Rio

Ás 7 horas da noite do dia 22 de Janeiro de 1897, embarcou José Thales para o Rio de Janeiro, seguindo, porem, na manhã seguinte de 23.

Volta de José Thales do Rio

No dia 18 de Março de 1897 voltou José Thales do Rio de Janeiro.

Fugida de Antonia

Ás 8 horas da noite do dia 14 de Maio de 1897, da casa n.º 7 da rua Princesa Isabel onde resido, fugio

Antonia, a qual viera para nossa companhia no dia 15 de Novembro de 1888.

Mudança de José Thales para o Monteiro

No dia 27 de Maio de 1897, foi José Thales com a familia da rua Imperial para o Monteiro para passar algum tempo.

Fallecimento de meu mano Manoel

No dia 18, a meia noite, de Junho de 1897, na casa de sua residencia, á rua Coronel Suassuna, falleceu meu irmão Manoel. Havia nascido no dia 13 de Dezembro de 1825. Não completou 72 annos.

Cheia de 1897

No dia 23 de Junho de 1897, quarenta e tres annos exactos, depois da cheia de 1854, os rios tomaram proporções taes que houve pessoas que a compararam com aquella, porem não são as opiniões mais seguras ; outras reconheceram a superioridade da de 1854.

Sahida de Labatut para o Rio

No dia 17 de Setembro de 1897 seguiu Labatut para o Rio de Janeiro deixando a mulher em nossa casa.

Caso especial

No dia 13 de Outubro de 1897, na rua de São João, do bairro de S. José do Recife, uma mulher deu á luz um menino com duas cabeças. Tirou-se photographia. Morreu pouco depois de nascer.

Mudança da familia de Heraclito para S. João

No dia 13 de Outubro de 1897 chegaram do Engenho Riacho d'Antas, minha nora Dondon, mulher de Heraclito, e a familia.

Tinham sahido da Paiva no dia 2 de Abril de 1896, indo para aquelle Engenho (Riacho d'Antas) onde morava o filho Lycurgo. Aqui em nossa casa estiveram até o dia 18, seguindo com Marieta, que já se acha ha mais tempo em nossa companhia, no mesmo dia 18 para o Engenho S. João da Matta, onde Heraclito estava fundando safra.

Chegada das meninas Josepha e Deolinda

No dia 6 de Novembro de 1897, chegaram á minha casa as menores Josepha e Deolinda, indo esta para a casa de Solon e aquella para a de Mascarenhas.

Assassinato do Ministro da Guerra

No dia 5 de Novembro de 1897, tentaram assassinar no Rio de Janeiro o Presidente da Republica, o Dr. Prudente de Moraes, mas o assassino errando o golpe matou o ministro que o acompanhava, General Bithencourt. Havia conspiração. Esperavam os conspiradores occasião favoravel: julgaram conveniente o dia 5, em que o Presidente, em companhia do Ministro, desembarcava de um vapor. A cidade foi logo posta em sitio, para procederem-se as necessarias indagações.

Bofetada em Barbosa Lima

Por telegramma d'A *Provincia* constou que no dia 4 de Novembro de 1897, o ex-governador Barbosa Lima teve, no Rio de Janeiro, uma calorosa altercação com o Capitão Pena, da qual resultou que este Capitão applicou no ex-governador de Pernambuco tão desusada bofetada, que arrancou-lhe um dente e partio-lhe os beiços.

Barbosa Lima preso

A *Gazeta da Tarde* de 13 de Novembro de 1897, diz por telegramma do Rio de Janeiro: "Acabam de prender o Dr. Barbosa Lima e outros, que foram recolhidos a bordo do Cruzador Almirante Barroso".

N'esse mesmo dia completavam-se quatro annos que Barbosa Lima mandara prender José Mariano e recolhel-o á fortalezã do Brum e pouco depois remettel-o para o Rio de Janeiro, de onde seguiu para a ilha das Cobras; agora, porem, chegou o seu dia; verifica-se o preccito: quem deve paga.

Naquelle tempo o nome de Barbosa Lima assombra-va Pernambuco; hoje, aos verdadeiros christãos só inspira compaixão, embora elle não conheça esse sentimento.

Eis o que são as grandezas d'este mundo. Tudo é ephemero! Oh vaidade, miseria, ignorancia! E os homens não pensam nisto.

Sahida de Labatut para o Rio de Janeiro

No dia 17 de Setembro de 1897, seguiu Labatut, genro de Heraclito, para o Rio de Janeiro, para procurar ali melhor collocação.

Prisão de José Mariano

Não commentaremos este facto, limitamo-nos a transcrever o telegramma que nos deu a noticia :

“A *Provincia* 5.^a feira, 18 de Novembro de 1897 — Rio 17, ás 11 horas do dia pelo cabo submarino : O Dr. José Mariano foi hoje, ás 8 horas da manhã, preso na casa de sua residencia, á rua das Marrecas. Está recolhido a bordo do Cruzador Andrada. Causou geral surpresa esta prisão”.

Fallecimento de minha sobrinha Maria

No dia 8 de Dezembro de 1897, falleceu minha sobrinha Maria, filha de meu mano Lino. Havia nascido em 1844. Em muito tenra idade manifestara grande vocação religiosa pedindo ao pai para recolher-se ao Convento da Gloria, no que foi satisfeita. Ali, dando exemplo de virtudes, levaram-na ao cargo de superiora, em que adquirio grande nome. A sua morte foi muito sentida por suas companheiras.

Fallecimento de Roberval, 2.º filho de meu neto Lycurgo

No dia 8 de Dezembro de 1897, em que falleceu minha sobrinha Maria, Abadessa, falleceu, tambem, no Engenho S. João da freguezia de S. Lourenço da Matta o menino Roberval, 2.º filho de meu neto Lycurgo. (1)

(1) “A tradição dos nomes gregos e romanos — commenta Gilberto Freyre — conservada de modo geral, nos nomes dos netos de Felix Cavalcanti, foi-se perdendo na terceira e quarta gerações, que foram tendo nomes inspirados por novellas e romances e pela historia menos antiga”.

Chegada de Barbosa Lima ao Recife

No dia 29 de Janeiro de 1898 fundeou no porto do Recife o vapor que conduzia o ex-governador Dr. Alexandre José Barbosa Lima, que não desembarcou. O vapor seguiu no dia immediato, deixando ignorado o seu destino, porque seguia com carta de prego.

Volta José Thales para a rua Imperial

No dia 24 de Fevereiro (sabbado) de 1898 voltou José Thales do Monteiro para a sua casa na rua Imperial n.º 284.

Nascimento de Egberto

No dia domingo, 10 de Abril de 1898 ás 9½ horas da noite, na casa n.º 7, á rua Princesa Isabel, do bairro da Boa Vista, onde residio, nasceu o 2.º filho de Marieta ao qual pretende baptisar com o nome de Egberto.

Nascimento de Vitoria

No dia sabbado, 16 de Maio de 1898 ás 5½ horas da tarde, no Engenho S. João da freguezia de Ipojuca, nasceu Vitoria, 3.º filho de meu neto Lycurgo.

Mudança de Solon para a Boa Vista

No dia sabbado, 6 de Junho de 1898, mudou-se Solon dos Milagres, em Olinda, onde estava usando de banhos salgados, para a casa n.º 40-B, no Caes do Capibaribe.

Casamento de José Felix

No dia 6.^a feira, 29 de Junho de 1898 ás 11½ horas do dia, na cidade de Santo Amaro de Jaboaão, no sobrado n.º 3, em seguida á Estação, casou-se meu neto José Felix de Albuquerque com a Snra. D. Maria do Carmo Pires Galvão, sua prima legitima. (1). Nasceu no dia 16 de Agosto de 1875, E' o 2.º filho de meu filho Democrito.

Sahida da ama Maria

No dia 21 de Setembro de 1898, enlouqueceu a ama Maria. Havia chegado á minha casa no dia 17 de Novembro de 1897 trazendo em sua companhia uma filha, que ella dizia ter 4 annos de idade, chamada Petronilha. Tendo sido Maria mandada para o Hospicio de Alienados, a filha ficou em minha companhia.

Mudança de Minse para Apipucos

No dia 12 de Outubro de 1898 mudou-se Joaquim Gonçalves da Capunga para Apipucos, por conselho do medico que tratava da mulher, minha neta Minse.

Casamento de Baluí

Ás 4 horas da tarde do dia sabbado 29 de Outubro de 1898 na rua Imperial, 284, residencia de meu genro José Thales de Mello casou-se pelo civil minha neta Maria Luiza, conhecida pelo apellido de Baluí, filha

(1) Prima irmã. Vê-se pelos apontamentos de Felix Cavalcanti que foram numerosos na sua familia os casamentos entre primos. Aliás esses casamentos entre primos eram frequentes entre as familias patriarchaes do Brasil.

de José Thales com minha filha Lisbella, com o Snr. José Tavares Neves, celebrando-se o casamento catholico, em seguida ao civil, ás 7 horas e $\frac{1}{2}$ da mesma noite.

Influencia do nome Pedro no Brasil

Pedro Alvares Cabral descobre o Brasil em 1500.

Pedro Vaz Caminha — dá as primeiras noticias do Brasil.

Pedro Lopes de Souza, primeiro navegante portuguez que por parte de Portugal põe padrão no Rio da Prata.

Pedro Lopo, primeiro chefe de bandeira que entra pelos sertões do Brasil.

Pedro de Campos Tourinho, primeiro donatario de Porto Seguro.

Pedro Correa — primeiro missionario jesuita que morre martyr no Brasil em 1552.

Pedro Vianna — primeiro commissario e fundador da Ordem do Carmo, no Brasil em 1588.

Pedro Teixeira — primeiro explorador portuguez no Amazonas, 1607.

Pedro da Costa Tavilla — primeiro explorador do Rio Negro — 1639.

Pedro Aya — primeiro almirante hollandez que invade o porto da Bahia iniciando nessa costa a conquista do Brasil pela sua nação — 1642.

Pedro Jacques Magalhães — primeiro almirante portuguez que oppõe seus recursos estrategicos contra os hollandezes estabelecidos no Recife, obrigando-os a capitular — 1654.

Pedro Carlos — primeiro príncipe imperial, que morre em terra brasileira — 1812.

Pedro 1.º imperador do Brasil 1822.

Pedro (2.º em nome, e em tudo o mais, primeiro na phrase de um poeta aulico) ultimo monarcha do Brasil — 1889.

Mudança de Felinho para Gravatá

No dia 6 de Janeiro de 1899 seguiu Felinho, filho de Heraclito, para Gravatá a tratar-se da molestia de que está soffrendo.

Foram em sua companhia a irmã Marieta e Lycurgo com a mulher. O pai acompanhou-o até lá, voltando logo.

Sahida de Mascarenhas para Gravatá

No dia 19 de Fevereiro de 1899 seguiu Mascarenhas com a mulher, Marieta, a cunhada Virginia, a mãe e a irmã, para a cidade de Gravatá em procura de melhor saude.

Sahida de Minse para São Lourenço

No dia 23 de Fevereiro de 1899, a conselho do medico, Minse seguiu com a familia e Yáyá, para S. Lourenço para tratar do filho que está doente de febre.

Nascimento do 4.º filho de Lycurgo

Em 28 de Abril de 1899, ás 8 horas da manhã, nasceu Maria, 4.º filho de meu neto Lycurgo, no Engenho São João, de freguezia de Ipojuca.

Fallecimento de Felix, 6.º filho de Heraclito

Em 6 de Junho de 1899, no Engenho São João da Matta, falleceu Felix, 6.º filho de meu filho Heraclito. Nasceria no dia 16 de Janeiro de 1877 ; havia completado 22 annos.

A regularidade do seu procedimento ; o seu porte sisudo e grave, afastando-o do commum da mocidade, offerecia esperanças de um futuro brilhante.

Se o seu prematuro passamento o privou das vantagens que o mundo offerece, tambem o preservou das desgraças que lhe são inherentes.

Viagem de José Thales com a familia para São Caetano da Raposa

Em 16 de Junho de 1899, seguiu José Thales com a familia, a passar algum tempo em uma fazenda que comprou em São Caetano da Raposa.

Viagem de Mascarenhas para São Caetano

Em 17 de Julho de 1899, seguiu Mascarenhas com a familia e Herundina para São Caetano da Raposa para tratar-se de incommodos de saude.

Volta de José Thales de São Caetano

Em 18 de Julho de 1899 voltou a familia de José Thales de São Caetano da Raposa.

Nascimento de Carmen, 1.º filho de José Felix

Em 31 de Julho de 1899 a uma hora e 25 minutos da manhã na rua Corredor do Bispo, nasceu Carmen,

1.º filho de meu neto José Felix, filho de meu filho Democrito.

Nascimento de Nadir

Em o dia 4.ª feira, 22 de Setembro de 1899, ás 10 horas e 20 minutos da noite, na rua Imperial n.º 286 residencia de José Thales, nasceu — Nadir — 1.º filho de minha neta Maria Luiza (Baluf) filha de minha filha Lisbella.

Successo de S. Philonila

Um dos casos mais lamentaveis que se teem dado no nosso Pernambuco foi esse da semana passada, de assalto á casa-grande da uzina S. Philonila.

No dia 9 de Outubro de 1899, quando o sol tristamente baixava, deixando-se substituir pelas trevas, um grupo armado atacou a casa-grande do Major Manoel dos Santos Dias.

Apesar da surpresa que causou a aggressão, o Major Santos Dias pôde sahir a procura de gente armada, para bater o grupo que lhe atacara a casa.

Uma bala dos atacantes matou uma filhinha do Major, menina de 12 annos de idade, quando ia atravessando um corredor.

Soneto de um mulato offendido

Na cidade de S. Salvador da Bahia, foi convidado para uma festa de familia illustre, entre outras muitas pessoas, um homem de côr.

Na occasião do jantar, esse homem não foi chamado para a primeira mesa ; não foi chamado tambem para

a segunda. Sentindo-se por se ver tratado de tal maneira, ali mesmo escreveu uns versos e retirou-se. Deixou os versos, que eram um soneto, em cima da mesa. Eil-os :

“Pobre, rico, vassallo e soberano
Iguaes são todos, todos são parentes
Todos nasceram dos ramos descendentes
Do antigo tronco do primeiro humano

Saiba quem dos seus titulos ufano
Despreza da natureza os accidentes
Que duas gerações há só differentes
Virtude e vicio — tudo mais é engano

Por mais que ostente a vã genealogia
D'introduzir nas veias a nobreza
De melhor sangue que Adão teria

Só o fará desmentida a natureza :
Não é a fidalguia sem virtude
Mais que um triste phantasma da grandeza !”

Fuga de uma menor

Em 27 de Novembro de 1899, estando eu com a minha familia na rua Imperial, em casa de José Thales, onde passamos 2 mezes, naquelle 27, a menor Josepha, seduzida por uma outra de nome Maria desapareceu. Essa menor, com outra irmã, Deolinda, chegára á minha casa em 6 de Novembro de 1897, indo Deolinda para a casa de Mascarenhas.

Facecia

Um dia um medico materialista perguntou a um reverendo sacerdote:

— Vossa missão é salvar almas?

— Sim.

— Já vistes alguma alma?

— Não.

— Já provastes alguma alma?

— Não.

— Já cheirastes alguma alma?

— Não.

— Já sentistes alguma alma?

— Sim.

— Pois bem, temos ahi quatro sentidos contra um a favor da não existencia da alma. Segue-se que segundo a logica não ha alma.

Tornou então o Reverendo :

— Sois medico?

— Sim.

— Já vistes uma dôr?

— Não.

— Já ouvistes uma dôr?

— Não.

— Já provastes uma dôr?

— Não.

— Já cheirastes uma dôr?

— Não.

— Já sentistes uma dôr?

— Sim.

— Pois bem, temos ahí quatro sentidos contra um a favor da não existencia da dôr. Segue-se que segundo a logica, não ha dôr. Apesar disso, porem, vós sabeis que ha dôres, e eu sei que ha almas.

Incendio do Derby

Amanheceu o dia 2 de Janeiro de 1900 no Recife, sob a mais dolorôsa impressão causada pelo incendio do Derby, tendo sido lançado o fogo, ainda a horas mortas da noite de 1.º de Janeiro.

Ao incendio seguio-se a prisão do Director d'aquelle estabelecimento, o Coronel Delmiro Gouveia. Esta prisão foi executada com todo o apparato por um verdadeiro exercito : 50 praças de policia convenientemente municiaadas ás ordens do Alferes Feitosa. Feitosa até ha pouco tempo occupava-se em entregar pão das padarias; agora é alferes; isto é, progresso republicano!

Trancaram o preso em um quartel, deixando-o incommunicavel. Segundo a voz publica, iam matal-o envenenado.

A noticia da prisão do Coronel Delmiro espalhou-se pelo Recife, creando indignação entre muita gente. O commercio fechou em signal de protesto.

Si apparecesse um daquelles homens que existiram em Pernambuco até á revolução de 48, o povo teria se levantado.

O que era o mercado do Derby? Um monumento. Uma obra tal que me dizem que um allemão indo visital-o disse que o Brasil não estava em condições de possuir uma obra daquelle porte.

Qual foi o empenho do Coronel Delmiro em emprehender tão importante obra? Abrilhantar a cidade, proporcionar commodos a mais de 100 familias, melhorar a vida do pobre, vendendo os generos de primeira necessidade mais barato que o mercado de S. José.

Alem d'isso era um centro de divertimento das familias que queriam distrahir-se.

Qual o empenho do Governador em acabar com o Derby? Agradar Rosa e Silva, inimigo de Delmiro.

Dizem que uma vez Delmiro mandara comprar 300 saccos de farinha para vender no Derby mais barato do que se estava vendendo no mercado de S. José. O prefeito do Recife, Esmeraldino Bandeira — prefeito por indicação de Rosa e Silva — foi ao Derby com praças de policia, tirou a farinha, fazendo-a conduzir para a Estação Central de Carnarú.

Delmiro que na occasião não se achava presente, ao chegar depois e informado do succedido, reunio algumas pessoas, dirigio-se áquella Estação e fez voltar a farinha para o Derby.

Dahi, a grande intriga entre elles.

Indo Delmiro ao Rio de Janeiro, dizem que Esmeraldino enviou daqui um tal João Mulambo para aggrehir o Coronel Delmiro, que sabia que Esmeraldino era protegido de Rosa e Silva, procurou o Conselheiro para com elle ter uma explicação. O Conselheiro não quiz dar attenção a Delmiro. Este indignado, encontrando-se depois com o Conselheiro, procurou aggrehir-o a bengaladas. Rosa, porem, pôde penetrar a tempo n'uma loja e livrou-se do aggressor.

O que queria dizer tanto apparato e tanta força, a semana passada, para prender um homem desprevenido e que estava só? E' que receiavam a represalia do povo.

A mim não surpreendem este e outros factos que se tem passado no regimen republicano. Neste livro, já previramos isto. Veja-se o que dissemos á pagina onde tratamos da morte de Pedro 2.º

Baptisado do 4.º filho de Lycurgo

No dia 6 de Janeiro de 1900, no Engenho S. João, da freguezia de Ipojuca, baptisou-se Maria, 4.º filho de Lycurgo, sendo padrinhos José Thales e Sinhá. Foi celebrante do acto o respectivo Vigario.

Chegada de Democrito do Rio de Janeiro

No dia 10 de Janeiro de 1900 chegou Democrito, com a familia para passarem aqui algum tempo.

Baptisado do 1.º filho de meu neto José Felix

No dia 16 de Janeiro de 1900, na cidade de Jaboa-tão, baptisou-se Carmen, 1.º filho de meu neto José Felix. Baptisou-a o Vigario dos Afogados.

Chegada de Josepha

No dia 22 de Janeiro de 1900, voltou Josepha para minha casa. Tendo eu com minha familia ido para a casa de José Thales, á rua Imperial n.º 286 e no dia 27 de Novembro de 1899 a menor Josepha seduzida pela menina Maria (mais velha do que Josepha) fugira dali. Fiz publicar um annuncio sobre a fuga de Josepha e

me achava bem inquieto com a ausencia della, quando um Snr. Carlos de tal, morador á rua de Santa Rita Velha, participou que Josepha se achava em sua casa, e que fosse ou mandasse recebê-la. Isto deo-se no dia 22 de Janeiro de 1900. Immediatamente fui recebê-la, conduzi-a para minha casa, e no dia seguinte, 23, entreguei-a á sua mãe.

Viagem de Democrito para Garanhuns

No dia 23 de Janeiro de 1900 seguiu Democrito com a familia para Garanhuns, procurando melhora para o filho, que soffre do figado.

Assassinato de D. Rita

Outro crime em casa-grande do interior : desta vez na UZINA ESTRELLIANA. Na noite de 18 de Dezembro de 1899, foi assassinada D. Rita Wanderley. E' uma morte que tem sido muito sentida e commentada.

Chegada da familia de Democrito de Garanhuns

Em 14 de Março de 1900 chegou Democrito de Garanhuns trazendo a familia que para ali tinha acompanhado o filho José Felix que tinha ido tratar-se de incommodos de saude.

Aposentadoria

Em 27 de Março de 1900 eu e Castellão fomos aposentados, isto é, dispensados do comparecimento á repartição com todos os vencimentos que percebiamos. Este acto da Junta Administrativa devemos, em parte, á intervenção do meu filho Democrito.

Mudança da família de Democrito para Jaboaão

No dia 3 de Abril de 1900 seguiu a família de Democrito para Santo Amaro de Jaboaão.

Sahida de Sigismundo

No dia 7 de Abril de 1900, o Bacharel Sigismundo Antonio Gonçalves entregou a administração do Estado de Pernambuco ao Conselheiro Antonio Gonçalves Ferreira.

No governo de Sigismundo houve o incendio do Derby. Será que os republicanos reconhecem isto como *progresso* ?

Isto e o mais que tem succedido, não nos causa admiração. Tudo previamos quando registramos a proclamação da Republica.

Fique, porem, bem assentado que como esta são todas as republicas.

Embarque de Minse para a Europa

No dia 11 de Abril de 1900, embarcou minha neta Minse com o marido Joaquim Gonçalves para a Europa.

Monstro marinho

O *Jornal do Recife* de hoje (18 de Abril de 1900) dá noticia d'um monstro marinho que deu á costa na ilha do Nogueira. Não estava inteiro por que se verificou que a outra metade, que formava o monstro, achava-se na praia das Candeias. A metade que deu á Costa

da ilha do Nogueira media, diz o jornal, 60 palmos de comprimento. (1).

Embarque de Democrito para o Rio de Janeiro

No dia 5.^a feira, 22 de Abril de 1900, embarcou Democrito para o Rio de Janeiro, com pretensão de voltar em Julho. Deixou a familia em Jaboatão.

Fallecimento de Alcibiades

Às 7 horas e 10 minutos da noite, do dia sabbado, 5 de Maio de 1900, falleceu Alcibiades, 1.^o filho de minha neta Maria (Marieta) filha de meu filho Heraclito, casada com o Bacharel Venancio Labatut. Falleceu em casa de minha residencia, á rua Princeza Isabel n.^o 7. Havia nascido ás 7 horas da manhã do dia 5.^a feira, 22 de Agosto de 1895.

Mudança para a rua Imperial

No dia 16 de Maio de 1900, mudei-me da rua Princeza Isabel, n.^o 7, para a rua Imperial n.^o 295 G. Esse dia 16 era uma quarta-feira.

Chegada de Pedro

No dia 2.^a feira, 21 de Maio de 1900 chegou meu neto Pedro, vindo da cidade de Santos onde era empre-

(1) Mais interessante que a noticia do *Jornal do Recife* é a do *Jornal Pequeno* de 30 de Maio de 1900: "Ha muitos dias dizia-se ter apparecido na Ilha do Pina um monstro marinho de formato desconhecido", até que "hontem o nosso reporter viu na Praia de Santa Rita onde houve grande ajuntamento de curiosos, durante todo o dia, um enorme peixe de forma exquisita e muito cabelludo, ja estando em putrefação".

gado. O emprego nenhuma vantagem lhe offerecendo, pedio exoneração e voltou para o gremio de sua familia, procedimento que approvamos.

Mudança provisoria para Carpina

No dia 5 de Julho de 1900 veio minha familia, para Chã de Carpina, tendo eu vindo na vespera, ficando ainda Yáyá no Recife para certas arrumações. Viemos a conselho do medico para tratarmos de Pedro e Aristarcho.

Gato monstro

A *Provincia* de terça-feira, 3 de Julho de 1900, traz a seguinte noticia :

“Recebemos uma carta do Snr. Leonardo Romeiro rectificando dois topicos da que nos enviou de Camilla o Snr. Tenente Julião Santiago da Camara Lima communicando o apparecimento em a padaria do primeiro de um gato monstruoso.

Assim é que, em logar de 31 kilos e 250 grammas. como resava a missiva do Snr. Tenente Santiago, o phenomenal bichano pesa — affirma o Snr. Romeiro — 41 kilos e 300 grammas.

E quanto a venda do curioso animal ainda o Snr. Romeiro nos pede para dizer que elle, é verdade, recusava vendel-o, não por 200\$000 reis, mas sim por 250\$000 e duas burras mansas — offerecimento do Snr. Pedro Montssy — co-proprietario do Engenho Dourado”.

O urubú de Chã de Carpina

Existe na Chã de Carpina, povoado que fica ao occidente da cidade de Páo d'Alho, um tal Snr. Joaquim Lins de Albuquerque, que tem ali padaria. Este Snr. é casado. Sua mulher foi ha pouco para a cidade de S. Lourenço, que dista da Chã de Carpina 9 legoas, passar ali algum tempo.

Contaram-me que em casa desse homem havia, desde muito tempo, um urubú, que haviam creado, o qual quando a dona da casa seguiu para S. Lourenço foi conduzido, com outras creações.

Dois dias depois da chegada a S. Lourenço o urubú appareceu na padaria do Lins, onde o reconheceram e deram-lhe comida. Passados 3 dias, o urubú voltou a S. Lourenço, e ficou assim successivamente o urubú repartindo sua dedicação ao dono e dona da casa, indo passar dias em S. Lourenço e dias na Chã de Carpina. Já decorreram 2 mezes e o urubú continua inalteravel na sua dedicação.

Faço este assento hoje, 12 de Julho de 1900, aqui mesmo na Chã de Carpina, onde me acho passando algum tempo; aqui me contaram o caso.

Mudança de casa

No dia 4 de Setembro de 1901 mudei-me da rua da Gloria da Boa Vista para a casa n.º 6 na rua Cambôa do Carmo. (1)

(1) Tanto a Cambôa como a Praça do Carmo, depois socialmente degradadas, eram em 1901 ainda lugares de residencia distincta, com sobrados como o do velho Albino Silva, pae do Conselheiro Francisco de Assis da Rosa e Silva.

*Assento da morte de Felix Cavalcanti feito por sua filha
Ydyá*

Depois de ter soffrido 26 horas, succumbiu ás 3 horas e 25 minutos da tarde do dia 28 de Setembro (sabbado) de 1901, na Cambôa do Carmo, n.º 6, casa da sua residencia, com a idade de 80 annos, 3 mezes, e 22 dias, Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello.

Appendos

Preços de generos e roupas no Recife de 1835-1900, segundo contas de armazens e lojas, papeis de familia e annuncios de jornaes da epoca.

De varios generos (1835):

"Azeite doce do Mediterraneo (Gal.)		2\$200
Bacalhao (Bar.)		6\$800
Manteiga ingleza (a Lib.)	\$100 a	\$300
Queijo flamengo (Um).	\$600 a	\$700
Sal estrangeiro (Alq.)	\$500 a	\$600
Farinha Americana (Bar.)	10\$000 a	12\$000
Arroz bom com casca (o alqueire, em testa liza e a dinheiro corrente a 2\$000)		2\$560
Carne do Rio Grande (de dinheiro testa liza)		2\$240
Idem (marcado)		1\$920
Milho novo (o alqueire).		3\$840

De vinhos (1835):

Barris arqueados de ferro de 5 a 6 canadas de medida velha, cheios de vinho malvazia por		6\$400
Ditos de vinho branco por.		6\$400"

De objectos de mesa (1840):

"Gigos com aparelhos de meza azues e cor de roza, com as seguintes peças:

- 2 terrinas com prato colher
- 4 ditas para molho
- 4 pratos com tampas
- 4 ditos sem tampas
- 2 saladeiras

18 pratos travessas sortidos
 12 duzias de pratos ditos
 1 aparelho de chá dobrado
 1 jarro e bacia
 2 bacias
 1 duzia de tigellas por preço de 70\$000 cada gigo".

De vinhos (1840) :

Vinho Muscatel engarrafado (duzia)	5\$000 a	5\$600
Bordeaux (duzia)	5\$000 a	8\$000
Champagne (duzia)	18\$000 a	20\$000

De velas (1842) :

Velas de espermacete (a Lib.) . .	\$800 a	\$830
„ „ cebo (a Lib.)	\$200 a	\$220

De cervejas (1846) :

Cerveja branca (a duzia)	4\$200 a	4\$400
„ preta (a duzia)	4\$200 a	4\$400

De farinha (1850) :

De bõa qualidade, uma sacca . .		2\$500
---------------------------------	--	--------

De vinho (1855) :

Uma garrafa de Figueira		\$180
-----------------------------------	--	-------

De Chás (1858) :

Hysson (a libra)		\$500
Paulista (a libça)		2\$000

De manteiga (1850) ;

Ingleza (a libra)		\$480
-----------------------------	--	-------

De chapéo (1858) :

Um chapéo.		5\$000
--------------------	--	--------

De generos (1858) :

Manteiga superior.		640 rs.
Dita a.	400 e	200 rs.

Dita franceza.	520 rs.
Toucinho.	120 rs.
Banha.	320 rs.
Aletria.	280 rs.
Macarrão, macarronete e talharin	240 rs.
Cevadinha	160 rs.
Farinha do Maranhão.	100 rs.
Dita de Araruta	240 rs.
Espermacete do melhor	800 rs.
Dito immediato.	640 rs.
Velas de Carnauba	320 rs.
Azeite doce, garrafa.	560 rs.
Café em grão.	240 rs.
Chá.	1\$920 rs.

De roupas feitas em alfaiate (1868) :

a calça de cas. ^a de cor	16\$000
1 fraque de colete cas. ^a	60\$000
1 fraque e cote.	55\$000

De vinhos (1870) :

1 Se. Esteve, 1 S. Emilion	6\$500
--------------------------------------	--------

De jantares no "Hotel de l'Univers" (1875) :

3 cervejas, 2 curaços, 3 jantares e 1 chambertin	17\$600
17 bahias, 3 cacaos	2\$400

Assucares (1900) :

Branco 15 kilos.	5\$500 a	7\$600
Somenos por 15 kilos.	4\$600 a	5\$500
Mascavado por 15 kilos.	3\$600 a	3\$800
Bruto secco por 15 kilos	3\$000 a	3\$200
Bruto, mellado por 15 kilos	2\$700 a	3\$000
Restame por 15 kilos	2\$300 a	2\$500

De Aguardente (1900) :

de 20 grãos, a canada.	\$740
--------------------------------	-------

Indice

Para que serve este livro	53	Mudança para a rua Im-	
Data do meu nascimento	54	perial	57
Sahida do Jundiá.	54	Fallecimento de minha irmã	
Cheia de 1832	54	Anna	57
Mudança para Quitinduba.	54	Mudança para o sobradinho	58
Fallecimento de meu pae	54	Nascimento de meu filho	
Fallecimento de meu mano		Heraclito	58
Pedro	54	Mudança para a Bôa Vista	58
Casamento de minha mana		Nomeação para o Arsenal	
Maria	55	de Guerra	58
Mudança de minha mãe		Nascimento de meu filho	
para o Recife	55	Aristarcho	58
Mudança para Beberibe	55	Mata - mata — Marinheiro	
Nascimento de Joaquim,		(26-27 de Junho de 1847)	58
1.º filho de minha mana		Nascimento de minha filha	
Maria	55	Lisbella	63
Casamento de meu mano		Ataque do Recife (2 de Fe-	
Lino	55	vereiro de 1849)	63
Nascimento de Joaquim, 1.º		Julgamento dos Praieiros	66
filho de meu mano Lino	55	Exoneração do Arsenal de	
Mudança para Apipucos.	56	Guerra.	67
Casamento de minha mana		Mudança para S. Antão	67
Francisca	56	Fallecimento de minha irmã	
Fallecimento de meu mano		Gertrudes	67
Miguel	56	Nascimento de Democrito	67
Mudança para a Varzea	56	Fallecimento de meu sogro	68
Mudança para os Arrom-		Nascimento de meu filho	
bados	56	Francisco	68
Data do meu casamento	56	Mudança de minha mãe para	
Mudança para Fóra de Portas	57	a Victoria	68
Nascimento de minhas filhas	57	Fallecimento de minha irmã	
Mudança para a rua da Gloria	57	Maria	98

Chegada de Jacob a minha casa	68	Nomeação para a Secretaria da S. Casa.	84
Fallecimento de meu filho Francisco	69	Mudança de minha familia para o Recife	84
Mudança para a rua Imperial	69	Espaldeiramento de Borges da Fonseca.	84
Volta de minha familia para a Victoria	69	Estatistica do Recife	88
Cheia de 1854	69	Casamento de Sinhá	88
Baptisado de meu filho Felix	69	Fallecimento de Feitosa	88
Mudança para a mesma rua	70	Casamento de Heraclito	90
Chrisma de Heraclito e Yôyô	70	Morte de Floriana	90
Apparição do cholera morbus	70	Mudança para a rua Augusta	90
Fallecimento de meu mano Lino	75	Nascimento de Audifax, 1.º filho de Sinhá	91
Fallecimento de meu filho Felix	75	Mudança para a casa n.º 49	91
Mudança para o sitio Sobradinho.	75	Nascimento de José, 1.º filho de Heraclito	91
Fallecimento de Eugenio Sue	75	Baptisado de José, 1.º filho de Heraclito	91
Nascimento de Yáyá	75	Fallecimento do Conde da Boa Vista	92
Nascimento de Ramiro	76	Nascimento de Yáyásinha, 2.º filho de Sinhá	96
Visita Imperial	76	Formatura de Yôyô.	96
Lembrança de minha mãe	76	Fallecimento de Alexandre Dumas	96
Fallecimento de Josepha	77	Nascimento de Lycurgo	97
Nascimento de Theocrito	78	Fallecimento de José, 1.º filho de Heraclito.	97
Fallecimento de minha irmã Francisca.	78	Baptisado de Lycurgo.	97
Segunda apparição do cholera	81	Ventre-Livre.	97
Dia em que Sinhá foi acommetida do cholera	82	Nascimento de Manoel, 3.º filho de Heraclito.	98
Fallecimento de Theocrito.	82	Fallecimento de meu cunhado Miguel	98
Nomeação de escrivão de orphãos para a Escada	83	Chegada do Bispo D. Vital	98
Mudança de minha familia para a Escada	83	Fallecimento de Manoel, 3.º filho de Heraclito.	98
Fallecimento de Pedro Afonso Ferreira	83		

Fallecimento de Yáyázinha	98	Casamento de Yóyô	104
Casamento de Democrito .	99	Exoneração de Democrito do	
Nascimento de Octaviano .	99	cargo de Delegado	104
Nascimento de Mariasinha.	99	Nomeação de Democrito para	
Espaldciramento de José Ma-		Procurador Fiscal	105
riano Carneiro da Cunha	99	Nascimento de José, 2.º filho	
Formatura de Democrito .	103	de Democrito.	105
Nascimento de Emilia, 4.º		Dia em que Democrito sus-	
filho de Sinhá	104	tentou theses.	105
Nomeação de Democrito p.ª		Nascimento de Dondon, 5.º	
Delegado de Policia da		filho de Sinhá	105
Capital	104	Nascimento de Felix, 6.º filho	
Nascimento de Manoel, 5.º		de Heraclito	105
filho de Heraclito. . . .	104	Fallecimento de Peretti . .	105



José Thales de Mello, filho do primeiro José Antonio Gonsalves de Mello e que casou com uma das filhas de Felix Cavalcanti, Lisbella.

(Col. Gilberto Freyre)



Audifax Cavalcanti de Albuquerque Mello (Yôyôsinho), filho de José Thales de Mello e de Dona Lisbella Cavalcanti de Albuquerque Mello e primeiro neto de Felix Cavalcanti, aos cinco annos de de idade.

(Col. Gilberto Freyre)



Rua Bernardo Vieira de Mello, 79, Olinda: casa onde morou Felix Cavalcanti.

(Photographia de Ulysses Freyre)



Pedro Affonso Ferreira

(Col. Gilberto Freyre)



Audifax de Albuquerque Mello (Yôyôsinho)
aos 14 annos de idade.

(Col. Gilberto Freyre)



Casa onde morreu Audifax (Yôyôsinho).

(Photographia de Ulysses Freyre)



O Largo da Alfandega do Recife na segunda metade do Seculo XIX.

(Lith. da epoca, col. Gilberto Freyre)



Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello,
em 1880.

(Col. Gilberto Freyre)



Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello,
em 1900.

(Col. Gilberto Freyre)



Dona Lisbella Cavalcanti de Albuquerque
Mello.
(Col. Gilberto Freyre)



Ultimo retrato de José Thales de Mello.
(Col. Gilberto Freyre)



Democrito Cavalcanti de Albuquerque Mello,
filho de Felix Cavalcanti.

(Col. Gilberto Freyre)



Heraclito Cavalcanti de Albuquerque Mello,
filho de Felix Cavalcanti.

(Col. Gilberto Freyre)



Duas das casas da rua de São Bento (Olinda), onde morou Felix Cavalcanti.

(Photographia de Ulysses Freyre)



Duas das casas da rua de São Bento (Olinda), onde morou Felix Cavalcanti.

(Photographia de Ulysses Freyre)



A Rua da Aurora na segunda metade do Séclo XIX.

(Lith. da época, col. Gilberto Freyre)



Duas das casas da rua Augusta (Recife) onde morou
Felix Cavalcanti.

(Photographia de Ulysses Freyre)



Duas das casas da rua Augusta (Recife) onde morou
Felix Cavalcanti.

(Photographia de Ulysses Freyre)


ALFAIATES DA CAZA IMPERIAL
 54 RUA DO BARAO DA VICTORIA 54









PEQUENO ARMAZEM DE GENEROS ALIMENTICIOS
 26, Rua da Imperatriz, 26

Annuncios de estabelecimentos do Recife (1850-1880) frequentados por Felix Cavalcanti.

(Col. Gilberto Freyre)

GRANDE ARMAZEM DE FAZENDAS E ROUPAS FEITAS
 47, Rua do Barão da Victoria, 47

Ha sempre
 um completo sortido
 de camicas, calças,
 sobrecostas e
 paletós, de paninho,
 casacaças e blusas
 etc etc.



Fabrica se toda
 e qualquer obra
 tendente a officina
 de alfaiate com to
 da perfeição e
 mais a venda
 de do comprador.

Junto a Conceição dos Militares.

HÔTEL DE L'UNIVERS
RESTAURANT

CHAMBRES
 POUR FAMILLES
 CABINETS.

2, Rua do Commercio, 2

DÉJEUNERS
 ET DINERS
 LA CARTE.

Pernambuco, 25 de Abril de 1878